



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O VALOR EDUCATIVO DA CAPOEIRA

Manoj Geeverghese

Orientadora:

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O VALOR EDUCATIVO DA CAPOEIRA

Manoj Geeverghese

Dissertação de Mestrado em Educação

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

Banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva – PPGE UnB

Profa. Dra. Elizabeth Tunes – PPGE UnB

Prof. Dr. André Luiz Teixeira Reis – FEF UnB

Profa. Dra. Fernanda Muller (Suplente) – PPGE UnB

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida e me acompanha em todos os meus caminhos.

Ao meu pai que sempre me deu amor, carinho e me apoiou em todas as minhas escolhas.

À minha mãe pelo amor, carinho e dedicação e pelo auxílio com as correções ortográficas e traduções.

Aos meus irmãos pelo suporte e pelos momentos de descontração em meio aos estudos.

À Luciana Machado, minha namorada, pela compreensão com a falta de tempo, pelo apoio e pela ajuda na transcrição das entrevistas.

À minha orientadora, Patrícia Pederiva, que desde a graduação me acompanha e guia pelos caminhos estreitos da vida acadêmica, sempre com paciência, profissionalismo, firmeza e amizade.

À Beth Tunes, que me recebeu como orientando no início do mestrado e muito contribuiu com o meu crescimento com a sua sabedoria.

Aos professores que constituem a banca de avaliação final deste trabalho por terem aceitado participar deste momento, por contribuírem, desde a qualificação, com o seu desenvolvimento.

Aos mestres e discípulos capoeiristas que foram entrevistados e que muito contribuíram para o desenvolvimento das discussões apresentadas neste trabalho.

Ao meu mestre, Igor, pelas inúmeras conversas e orientações durante esse processo e pela compreensão com a falta de tempo com os treinos.

Aos companheiros de treino e roda por me proporcionarem diariamente a vivência da capoeira.

Aos capoeiristas do grupo Beribazu pela amizade e companheirismo.

Aos professores e colegas do PPGE/UnB pelas trocas de experiências durante as disciplinas.

Aos amigos pela compreensão com a falta de tempo.

À todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Este trabalho teve como foco investigar se existe e qual seria o valor educativo da capoeira. Teve como objetivos específicos investigar a trajetória da capoeira no Brasil e as formas de transmissão e perpetuação dessa tradição; investigar qual o papel do mestre, do discípulo e a relação que se estabelece entre eles no espaço da capoeira; investigar quais as tradições e rituais que permeiam e estruturam o espaço da capoeira; e investigar e analisar por meio da fala de mestres se haveria e qual seria o valor educativo da capoeira. O instrumento metodológico utilizado foi a entrevista semi-estruturada. Foram entrevistados 3 mestres de capoeira que treinam e atuam em espaços distintos, assim como 1 discípulo de cada um deles. As entrevistas foram transcritas e analisadas. Elas revelaram o que cada entrevistado entende como valor educativo e quais desses valores foram atribuídos por eles à capoeira. Os entrevistados compreendem por valor educativo tudo aquilo que é capaz de formar o indivíduo. Afirmaram que a capoeira possui inúmeros valores educativos e apontaram para a importância das relações que se estabelecem entre mestre e aluno e entre os próprios alunos. Também levantaram a questão dos valores que são passados através da perpetuação da tradição, da história e dos rituais inerentes à prática da capoeira. Os resultados sugerem que o ambiente da capoeira possibilita a manifestação de diversos valores educativos, mas que estes valores estão intimamente ligados à pessoa do mestre que direciona o trabalho pedagógico. Sabendo que a capoeira é um universo complexo sugere-se que outras investigações possam ampliar a presente pesquisa por meio de impressões de capoeiristas em outros contextos.

Palavras-chave: valor educativo, capoeira, mestre, discípulo, relação.

ABSTRACT

This work has the purpose to investigate if there is and what would be the educational value of the art of *capoeira*. Its specific objectives were the investigation of the evolution of the art *capoeira* in Brazil and the ways of transmission and perpetuation of this tradition; the investigation of the role of master, disciple and the relation established between them in the art of *capoeira* environment; the investigation of which traditions and rituals permeate and structure the art *capoeira* environment; and the investigation and analysis based on masters' speeches if there is and what would be the educational value of the art *capoeira*. The methodological instrument used was the semi-structured interview. Three masters of the art of *capoeira*, who play and act in distinct places, as well as one disciple of each one, were interviewed. The interviews were transcribed and analyzed. They revealed what each interviewee understands as educational value and which of these values were connected to the art of *capoeira*. The interviewees understand for educational value everything that is able to form the individual. They affirmed that the art of *capoeira* has many educational values and pointed to the importance of relations established between master and student and among students themselves. They also brought the question regarding values taught through the perpetuation of tradition, history and rituals inherent to the practice of the art of *capoeira*. The results suggest that the environment of the art of *capoeira* foster the manifestation of diverse educational values, but that these values are intimately linked to the master that conducts the pedagogical work. Having in mind the art of *capoeira* is a complex universe, it is suggested that other investigations may extend the present research through the impressions of *capoeiristas* in other contexts.

Keywords: educational value, *capoeira*, masters, disciple, relation.

Sumário

Introdução: Sobre a necessidade de se falar a respeito do valor educativo da capoeira	8
Capítulo I: Do hálito ao microfone: Um breve histórico da capoeira e de suas formas de transmissão e perpetuação	19
Capítulo II: A relação mestre e discípulo na atividade da capoeira	37
Capítulo III: A Roda e o treino, os espaços de convivência do capoeira.....	58
3.1 O Treino.....	58
3.2 A Roda.....	64
Capítulo IV: Mestres e alunos na roda, a análise das entrevistas.	71
4.1 Valor educativo	74
4.1.1 <i>Questões formativas</i>	74
4.1.2 <i>Influência do meio</i>	76
4.1.3 <i>Socialização</i>	77
4.2 Valor educativo da capoeira.....	78
4.2.1 <i>Socialização e contato</i>	79
4.2.2 <i>Respeito e diversidade</i>	80
4.2.3 <i>Educação corporal</i>	82
4.2.4 <i>História do Brasil</i>	83
4.2.5 <i>Várias capoeiras</i>	85
4.2.6 <i>Ferramenta convivencial</i>	86
4.3 Relações	87
4.3.1 <i>Interação, amizade e identidade</i>	88
4.3.2 <i>Afetividade e relações familiares</i>	90
4.3.3 <i>Papel do mestre</i>	92
4.3.4 <i>Papel do discípulo</i>	94
4.4 Estrutura do espaço da capoeira.....	96
4.4.1 <i>Ritualística</i>	96
4.4.2 <i>Roda da vida</i>	98
4.4.3 <i>Vadiação/tensão</i>	99
4.4.4 <i>Ambiente agregador, heterogeneidade</i>	101
Considerações finais	105
Referências.....	107

Tabela de Imagens

Negros Lutando de Augustus Earle.....	21
Carregadores de água de Rugendas.....	23
Bimba ensinando um aluno a gingar.....	35

Introdução: Sobre a necessidade de se falar a respeito do valor educativo da capoeira

No final da década de 1970 a capoeira começa a ganhar o mundo nos pés de aventureiros que, de mochila nas costas e berimbau¹ na mão, foram para o estrangeiro tentar a sorte. Nos grandes centros urbanos como Paris, Londres, Nova Iorque, Lisboa, entre vários outros, se tornou rotina ver um ou mais capoeiristas fazendo estripulias nas praças, buscando de alguma forma dar visibilidade à sua arte e despertar o interesse dos passantes e potenciais novos discípulos da capoeira. Anos mais tarde, a capoeira já era praticada em mais de 100 países, em todos os continentes do globo. Esta foi uma fase mais atual do processo de expansão dessa arte-luta brasileira. Historicamente percebemos que nem sempre foi dessa forma. A capoeira surgiu com os negros escravos no final do período colonial, em meio à repressão policial e, apenas na república, no governo de Getúlio Vargas, conquistou seu espaço entre as atividades legalizadas. Esta atividade, por meio dos seus praticantes, teve que travar uma guerra de resistência contra as autoridades para não ser erradicada, e, ainda hoje, luta contra a marginalização.

Em meio a esta luta por reconhecimento, algumas lideranças governamentais viram nesta manifestação cultural marginalizada algo de valor, que poderia e deveria ser utilizada em prol da sociedade brasileira. Da mesma forma, diversas pessoas de diferentes culturas estão absorvendo a capoeira. Ela desperta o interesse de vários estrangeiros e acaba por se tornar o “estilo de vida” deles, que estão aprendendo o português e fazendo do Brasil um local de peregrinação em busca da sua fonte.

Em 2004, o governo brasileiro, na pessoa do então ministro da cultura, Gilberto Gil, que sempre buscou promover a cultura popular brasileira, colocou em pauta a preservação e a valorização de diversas atividades culturais marginalizadas. Em 2008 a capoeira foi registrada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como patrimônio imaterial da cultura brasileira. Esse registro gerou uma série de ações governamentais com o intuito de salvaguardar a cultura da capoeira. Algumas dessas ações envolvem a valorização dos mestres mais antigos, detentores do conhecimento da capoeira, concessão de verba através do FAC (Fundo de Apoio à Cultura) para os agentes de cultura responsáveis pela divulgação dessa arte brasileira, realização de congressos e fóruns para dar voz à comunidade de capoeiristas, entre outras. Porém, com a troca do ministro da cultura, também se modificou

¹ Instrumento de origem africana formado por uma verga de madeira, uma cabaça, um arame e tocado com uma pedra ou dobrão e uma vareta. É o instrumento que comanda o ritmo da roda na capoeira.

a política de valorização da cultura brasileira e as ações pró-capoeira perderam espaço. Essa realidade revela a natureza de descontinuidade da política no Brasil, que muda de acordo com a vontade dos governantes. Mas, ainda assim a capoeira foi registrada como patrimônio imaterial da cultura brasileira. A questão que se coloca aqui é: que valor foi percebido nessa arte brasileira que gerou essa ação de valorização e preservação e que vem despertando o interesse tanto de brasileiros quanto de estrangeiros?

Voltando um pouco no tempo, como já citado anteriormente, a capoeira, primeiramente surgiu nas ruas, nos pés dos negros escravos do final do período colonial. Além disso, até meados de 1930, pode-se perceber que a capoeira foi duramente perseguida pelas autoridades policiais sendo o capoeirista estigmatizado como vadio e marginal, preso, sentenciado a chibatadas e até deportado para ilhas prisão, como a ilha de Fernando de Noronha. Ao mesmo tempo, os capoeiristas compunham diversos postos nas guardas municipais e estaduais, assim como bandos de capangas de coronéis e políticos. O capoeira é uma figura muito interessante historicamente. Hora está lado a lado com as autoridades, usufruindo de suas regalias, hora está nas ruas sendo duramente reprimido pelas autoridades policiais, mas, em qualquer um dos casos, a figura do capoeira estava sempre ligada à violência e força bruta. Essa e outras histórias serão melhor exploradas no próximo capítulo desta dissertação.

Sabemos então que a capoeira, antes perseguida ao ponto de ser quase extinta, hoje ganhou o mundo. Mas, como podemos defini-la? É luta, dança, cultura, esporte? O que é a capoeira?

A capoeira poderia ter diversas definições, nas palavras de Corte Real (2004, p.02) “Alguns entre nós diriam: capoeira é uma luta; outros diriam capoeira é um esporte; outros, ainda, poderiam dizer capoeira é lazer, é festa, é vadiação, é brincadeira, é uma atividade educativa de caráter informal”. Todas essas definições de fato revelam algum aspecto dessa arte luta brasileira. De fato ela possui um aspecto combativo forte, tanto que um dos maiores campeões do UFC, Anderson Silva, é capoeirista e já utilizou movimentos da capoeira dentro do octógono. Também possui características de esporte, com regras e normas de conduta bem definidos para a sua prática dentro da roda. E, como atividade desenvolvida como folguedo pelos negros, ela também pode ser vista como lazer, brincadeira e vadiação².

Porém, essa explicação dada por Corte Real ainda não responde plenamente à nossa pergunta. Outro autor falando sobre o jogo da capoeira diz que “O jogo da Capoeira é a

² A vadiação para o capoeira está relacionada à brincadeira. Muitos ao se dirigir a uma roda dizem que estão indo para uma vadiagem, ou seja, um momento de descontração, de diversão.

síntese da dança. A sua essência, disfarçada em brinquedo. Vadiação. Distração de quem busca extravasar cada função interior nos gestos exteriores” (ADORNO, 1985, p.05). Adorno traz outros elementos para a construção de uma definição sobre a capoeira, ela deixa de lado os aspectos esportivo e combativo, e define o jogo da capoeira como a “síntese da dança”. Na minha concepção a dança é o corpo em movimento, mas, diferente de um movimento qualquer, como o trabalho braçal, ele não carrega em si uma utilidade prática, mas traz consigo uma intencionalidade do dançarino de extravasar seus sentimentos, a dança, em uma definição mais poética poderia ser definida como o movimento da alma revelado no corpo. Para a autora, a capoeira é dança, arte, um mecanismo do capoeirista de extravasar para o exterior aquilo que tem no interior.

Se fossemos levantar todas as definições possíveis de capoeira não chegaríamos a um consenso sobre qual a definição mais correta sobre o que ela é. Na realidade, existem tantas definições acerca dela quanto pessoas buscando defini-la. A capoeira se molda a cada instante dentro da roda³. Ao mesmo tempo em que mantém suas tradições e valores possui um movimento fluido. Nas palavras de Silva (2007, p. 09) “A capoeira é tão repleta de mandingas e maneirismos que se nega a enquadrar-se na definição mesmo daqueles que mais viveram e entenderam a capoeira; é também libertária a ponto de permitir entendimentos distintos dos mesmos acontecimentos”.

Eu diria que a capoeira é tudo o que dela foi dito, mas ao mesmo tempo não se prende a nenhuma definição. Ela não pode ser considerada apenas luta, pois apresenta elementos artísticos e musicais, não pode ser considerada só dança, pois também possui características tanto marciais quanto esportivas, que fogem ao espaço da dança, não pode ser considerada simplesmente vadiação, pois carrega consigo toda a luta pela liberdade do povo negro, da mesma forma como não pode ser considerada manifestação de resistência apenas, pois carrega consigo uma forte característica de folguedo.

O próprio mestre Pastinha, considerado uma dos ícones da capoeira, criador da capoeira Angola nos diz que “Capoeira Angola, mandiga de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método e o seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista. Capoeira é amorosa, não é perversa. Um hábito cortês que criamos dentro de nós. Uma coisa vagabunda”. Considerando as palavras de Pastinha não é possível prender a capoeira dentro de uma definição cristalizada. Não há método no seu princípio e nem o mais sábio é capaz de

³ A roda de capoeira é um espaço circular composto por uma bateria de instrumentos e vários capoeiristas dispostos ao redor batendo palma e cantando enquanto dois jogadores fazem suas evoluções no centro da roda.

compreender seu fim. Para o mestre angoleiro a capoeira surge dentro de cada capoeirista e a partir daí se desenvolve com todas as singularidades de seu praticante, dessa forma pode-se dizer que a capoeira, apesar de ser uma só, manifesta-se de tantas formas diferentes quantas forem os capoeiristas. Portanto, a melhor definição acerca do que é a capoeira é a mais óbvia delas, “a capoeira é a capoeira”. Buscar outras definições para esta manifestação cultural brasileira seria como procurar uma roupa que servisse perfeitamente em um indivíduo no guarda roupa de outras pessoas, poderia até achar uma que vestisse, mas ainda precisaria de alguns ajustes.

A capoeira sempre despertou minha atenção e, como alguém que queria conhecê-la, fui em busca de um local onde pudesse praticá-la. Comecei a treinar na Universidade de Brasília no grupo Beribazu, com o professor André Reis, sob a supervisão dos mestres Luiz Renato e Igor. Rapidamente me identifiquei com as características peculiares desse grupo que, por estar inserido dentro de uma universidade e, também pelas características de seu fundador e seus mestres atuantes, está fortemente inserido no mundo acadêmico. Diversas produções científicas sobre a capoeira em várias áreas do conhecimento, como história, sociologia, geografia, psicologia, educação física, entre outros, são feitas por alunos e incentivadas pelos mestres. Grupos de estudo se formam, livros são publicados, e eu pude estar presente em mais de uma oportunidade de vivenciar a capoeira não apenas como atividade física, mas como parte integrante da história do Brasil, como cultura brasileira, como ferramenta pedagógica de valorização das diferenças, de luta contra o racismo, desigualdade social, entre vários outros. Inspirado em tantos outros que aliaram suas áreas de conhecimento à capoeira, e vendo uma forte relação entre ela e a educação, também decidi estudar esta arte-luta brasileira.

O que me motiva a desenvolver este trabalho é investigar qual seria o valor educativo da capoeira. Diversos relatos que tive oportunidade de escutar me fizeram perceber que a capoeira carrega consigo um poder de agregar as pessoas. Outros relatos me mostraram que a capoeira consegue transformar vidas. Alguns mestres com quem pude conversar revelaram que foi na capoeira que encontraram uma família e um sentido para suas vidas.

Mas o que é valor educativo? Para definir esse conceito primeiramente pretendo compreender o que é valor. Este termo é bastante utilizado pela economia, estando diretamente ligado à conhecida “lei da oferta e da procura”. Esta lei afirma, de forma simplificada, que o valor de uma mercadoria é diretamente proporcional à sua procura e inversamente proporcional à sua oferta. Por exemplo, o ouro é um metal precioso escasso no mundo, logo sua oferta é baixa, do mesmo modo muitas pessoas querem ter ouro o que aumenta a procura, em ambos os casos o valor desse produto será elevado. Com relação às

mercadorias produzidas pelo homem, uma nova variável entra nesse cálculo, o custo de produção, ou seja, o tempo e o trabalho de quem fez a mercadoria além da sua capacidade de reprodução.

Além dos objetos concretos, há ainda outra categoria de produto. O homem é capaz de produzir conhecimento. Segundo Gorz (2005, p.10-11),

O saber em princípio não aceita ser manipulado como mercadoria. Os custos de sua produção muitas vezes não podem ser determinados, e seu valor mercantil não pode ser auferido de acordo com o tempo de trabalho necessário que foi gasto em sua criação. Ninguém é capaz de dizer com precisão onde, no contexto social, o inventivo trabalho do saber começa, e onde termina. Ele pode estar numa atividade de lazer, num hobby, num serviço extra.

O autor afirma que não se pode medir o valor econômico do saber, pois não há meios de auferir o seu tempo necessário de trabalho ou onde começa e onde termina determinado conhecimento. O autor ainda afirma que “todo saber pode valer por um valor particular único e incomparável” (GORZ, 2005, p. 11), ou seja, apesar de não ser possível mensurar em cifras o valor do saber, ele existe e é único.

Koellreutter (1999, p.253), outro autor que busca uma definição para o conceito de valor afirma que “valor é a qualidade relativa de um objeto a ser valorizado, que exprime uma relação – e, mais precisamente, uma relação dinâmica – entre este e o homem, conseqüentemente entre este e a sociedade”. Para esse autor o valor é uma medida relativa que depende do indivíduo que se relaciona com o objeto a ser valorado. Da mesma forma, para a sociedade, enquanto grupo de pessoas, se estabelece a relação de valor de acordo com a cultura de cada povo. Koellreutter (1999, p.254), falando sobre as produções artísticas musicais e sua valoração afirma que as pessoas “respeitam esse valor porque cantos ou formas de comunicação sonora preenchem determinadas funções e causam às pessoas prazer, conforto, gozo ou até proveitos e ganhos, por satisfazerem determinadas necessidades, pois de alguma maneira lhes são úteis”.

O ponto chave dessa definição é a valoração pela utilidade. As manifestações culturais de um grupo social, entre elas a capoeira, são consideradas de valor a partir do momento em que são úteis para a sociedade. Por exemplo, os esportes de grupo, como o futebol, fazem com que seus praticantes aprendam a necessidade de se trabalhar em equipe, além do fato de que nem sempre se ganha, mas sempre se aprende algo novo. Movimentos de rua como o hip hop

combatem a marginalidade e o racismo mostrando a arte da dança, do grafite, da música. As artes marciais como o caratê, mostram a necessidade de disciplina, autocontrole, respeito, etc. Cada uma dessas atividades com as suas particularidades, seja no campo da educação, do lazer, da convivência social, possui a sua utilidade. Da mesma forma a capoeira, com seus elementos, possui um valor único. Partindo da minha experiência, percebo que ela é capaz de proporcionar aos capoeiristas diversos aprendizados e valores que contribuem para a formação de cada um enquanto cidadão, que pretendo explorar neste trabalho.

Contudo, o conceito de valor não está necessariamente atrelado ao de utilidade como aponta Koellreuter (1999). Valor também pode assumir um significado ético segundo o qual, a utilidade deixa de ser um dos fatores de mensuração de valor e a atividade passa a ter valor em si mesma. Sendo assim a capoeira possui valor simplesmente por ser capoeira.

Considerando esta abrangência de significados do conceito de valor, vamos elencar algumas das características da prática da capoeira quem podem auxiliar a definir seu valor.

O primeiro aspecto que considero essencial para se entender a capoeira e o seu valor é a sua diversidade. Como citei anteriormente, existem tantas capoeiras quanto praticantes, ou seja, cada um se desenvolve como capoeirista de uma maneira particular, e ao mesmo tempo sua capoeira se desenvolve conforme a sua individualidade. Considerando a roda como um espaço de encontro entre todas essas formas de capoeiragem, ela só se torna possível se houver um diálogo pautado no respeito às diferenças. Nesse aspecto a arte-luta⁴ brasileira se aproxima da realidade da sociedade em que todos possuem sua individualidade, mas com uma diferença fundamental explicitada por Silva (2007, p.13):

Na contemporânea realidade de instrumentalização radical da vida e de redução das possibilidades de acontecimento da relação EU-TU, pela expansão de contextos institucionais que pretendem esconder a face humana por detrás de cargos, funções, status social, renda, entre outros atributos, aquelas instituições, que permitem o desnudamento da face, o encontro com a alteridade, podem ser consideradas *de resistência*. A capoeira, por suas características pode, contemporaneamente, representar esse modo específico de resistência. Pode funcionar como uma ferramenta convivencial (Illich, 1981), permitindo não somente a manutenção dos patrimônios culturais e históricos que guarda, mas também a criação de manutenção de *patrimônios relacionais*, importantes para o exercício e o aprendizado ético.

Na roda de capoeira todos são identificados como capoeiristas, ao colocar o abadá, não existem mais doutores e analfabetos, todos são jogadores. Na hora do jogo as diferenças

⁴ Arte-luta é outra das denominações recebidas pela capoeira vista como uma arte marcial que valoriza tanto seus aspectos combativos quanto seus aspectos artísticos e plásticos.

são confrontadas e se criam condições de possibilidade para o diálogo. Este é outro aspecto fundamental da capoeira, ela é uma linguagem e “como linguagem, pode ser dialógica, e converter-se num diálogo corpóreo, em que o corpo é, a um só tempo, boca e ouvidos, e o movimento é feito palavra” (SILVA, 2007, p. 13). A organização da roda possibilita e até incentiva a interação. Todos os participantes se voltam para o centro construindo o círculo, a arena com espaço limitado onde dois capoeiristas realizam suas evoluções. A roda de capoeira possibilita um diálogo corporal em que os dois jogadores buscam realizar suas movimentações como um jogo de perguntas e respostas. Uma conversa como essa pode se estabelecer de diversas formas diferentes. Ela pode ser uma discussão acalorada, ou uma conversa amena, da mesma forma ambos podem estar em sintonia e o diálogo fluir muito bem, ou podem se desentender e a conversa sair truncada, e, inclusive, pode acontecer de cada um ir para o seu lado e o diálogo não acontecer. Para Silva (2007, p. 15) “a roda de capoeira é o local propício para o acontecimento do diálogo, mas isso irá depender das pessoas que a formam, do ambiente, em que estão inseridas e, principalmente, de sua vontade de instaurar, no jogo de capoeira, uma realidade dialógica.”

Dentre as linguagens específicas da arte-luta brasileira, a mandinga é uma das mais características. Sendo um jogo de perguntas e respostas, muitas vezes o jogo se desenrola de modo que cada jogador busca deixar seu companheiro sem respostas para as suas perguntas. A mandinga entra nesse contexto de embate. “A mandinga, na capoeira, pode ser entendida como a maliciosa capacidade de dissimular, de esconder as verdadeiras intenções do jogador” (SILVA, 2007, p.14). O capoeirista mandingueiro é aquele que não se deixa encontrar no jogo, movimenta-se, finta, floreia, para na hora certa, sem que seu oponente perceba, desferir o golpe certo. Essa habilidade na capoeira é tão valorizada, que para muitos ela ganha ares místicos, os mais habilidosos, como no caso de Besouro Mangangá⁵ se tornam lendas, e suas histórias afirmam que ele era capaz de se transformar em um besouro e voar para escapar de seus perseguidores.

Essas habilidades valorizadas pelos capoeiristas são outros exemplos de valores que a capoeiragem traz. Segundo o mestre A, a capoeira “é como se fosse um resumo da cultura brasileira”, portanto, cada um destes aspectos da arte-luta brasileira, também reflete aspectos da própria cultura brasileira e o capoeirista é incentivado a adentrar nesse universo, que está aberto a quem quiser dele tomar posse.

⁵ Besouro mangangá é um personagem lendário no universo da capoeira que até pouco tempo não se sabia ao certo se havia existido. Hoje sabe-se que ele existiu e que morava na região do Recôncavo baiano. Muitos de seus feitos heróicos realmente aconteceram e foram registrados enquanto que outros foram exagerados e até inventados.

Outros aspectos presentes na atividade da capoeira apontados por Silva (2007) são a liberdade e a responsabilidade, falarei dos dois juntos visto que eles se complementam. “A liberdade do jogo da capoeira funda-se não no princípio da autonomia do sujeito, mas no da heteronomia da relação entre dois. É a liberdade difícil (Bartholo, 2003), isenta de arbitrariedade e plena de responsabilidade” (SILVA, 2007, p.14). A autora a considera como difícil porque, para ser praticada, não basta que um indivíduo seja autônomo, mas deve se estabelecer uma relação entre dois sujeitos. Um deles, assumindo a responsabilidade da relação entre os dois, exerce sua liberdade respeitando e possibilitando que o outro também pratique a sua liberdade.

A capoeira, de acordo com Silva (2007) ainda se manifesta como uma força de resistência. A autora aponta inclusive que este discurso é um dos mais explorados ao se falar dela. A capoeira surgiu em um momento de marginalização de uma parcela muito grande da população, boa parte dos negros eram escravos, e o restante, que havia conquistado sua liberdade, continuava marginalizado e discriminado. A resistência da população negra contra o sistema deu-se de uma forma muito peculiar, através da negociação. Para Silva (2007, p.16) “A mandinga, o pseudomorfismo, reflete esse modo de se relacionar com o mundo: ser, mas não ser; ser inimigo, mas amigo íntimo; sorrir, mas bater; servir, mas reberlar-se”. Ou seja, o negro escravo e liberto, utilizava-se de métodos furtivos de resistência. O confronto direto não foi o centro da luta por afirmação da população marginalizada. O capoeira sabia muito bem esconder as suas intenções. Por detrás da aparente passividade na negociação com seu senhor por melhores condições de trabalho e de vida, o escravo criava as condições necessárias para, segundo a autora, reduzir o poder da força dos donos de escravos.

Portanto, a capoeira surge em um contexto histórico de resistência, de luta do negro contra a sua realidade escrava, em busca de melhores condições de vida. Naquela realidade social, assim como na atualidade, a capoeira também se apresenta como uma força de preservação da alteridade. “Por permitir a existência como *pessoas* daqueles que eram vistos somente como força de trabalho, funcionava como espaço de sentido de suas vidas, sentido esse alheio ao degradante papel social que lhes cabia na sociedade brasileira” (SILVA, 2007, p. 17). A capoeira é um espaço diferenciado, apesar de estar inserido na sociedade, suas normas de conduta e tradição são bastante diferentes. É um lugar onde o capoeirista pode se despir de todos os rótulos que lhe são impostos e, em condição de igualdade com seus camaradas praticar a capoeira. Silva (2007, p.19) finaliza seu texto afirmando que a capoeira “não é importante somente para ela mesma ou para a cultura brasileira; é importante para nossas vidas”. Tal importância atribuída à capoeira, não só pela autora, mas por diversos

capoeiristas mundo afora denota o seu valor que é percebido por cada indivíduo no dia a dia da prática dessa arte-luta brasileira.

Diante do que foi exposto, este trabalho tem como objetivo geral: investigar qual o valor educativo da capoeira; e como objetivos específicos: investigar a trajetória da capoeira no Brasil e as formas de transmissão e perpetuação dessa tradição; investigar qual o papel do mestre, do discípulo e a relação que se estabelece entre eles no espaço da capoeira; investigar quais as tradições e rituais que permeiam e estruturam o espaço da capoeira; e investigar e analisar por meio da fala de mestres se haveria e qual seria o valor educativo da capoeira.

Estabelecidos os objetivos, esta dissertação foi dividida em quatro capítulos que se estruturaram da seguinte forma:

No primeiro capítulo tracei, com o auxílio de autores do universo da capoeira, um breve histórico desde seus primeiros registros escritos e iconográficos quando ela era tratada como atividade de marginais e escravos, passando pela formação das maltas, pela intensificação da opressão no início do período republicano, até que a capoeira, nas mãos de mestres como Bimba e Pastinha foi retirada das ruas e levada para as academias onde continuou sua luta para sair da marginalidade. Além dessa breve trajetória da capoeira, descrevi como se dava o processo de transmissão e perpetuação dessa arte-luta, como os mestres recebiam seus discípulos, e como acontecia a formação de novos capoeiristas.

O segundo capítulo tratou de duas figuras essenciais em qualquer atividade educativa: o mestre e o discípulo. Busquei definir junto a outros autores quem seria o mestre de um modo geral, para depois compreender quem é e qual o papel do ‘mestre capoeira’. Também com relação ao discípulo foi feito o mesmo processo, elencando, com o auxílio de vários autores, primeiramente as suas características principais para depois definir quem é o ‘discípulo capoeira’⁶.

Ainda neste capítulo, tão importante quanto saber quem são o mestre e o discípulo, é saber como eles se relacionam. Portanto dedico o final desse capítulo ao tratamento da relação mestre-discípulo, espaço onde, segundo Buber (2008), acontece verdadeiramente o ensino e o aprendizado.

No terceiro capítulo, já conhecendo os personagens, resta descrever o cenário onde a relação acontece. Nesse capítulo descrevo os espaços da capoeira, a estrutura do treino, da

⁶ Mestre e discípulo capoeira são denominações que foram utilizadas neste trabalho para diferenciar aqueles capoeiristas que buscam a capoeira repleta de valores e possibilidades analisada nesta dissertação em contraposição às demais capoeiras.

roda, os rituais, valores e tradições que perpassam cada ação e cada relação que acontece nesse meio.

No quarto capítulo, utilizei-me dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com mestres e discípulos de capoeira para responder ao objetivo desta dissertação: Qual o valor educativo da capoeira?

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa que, para Ludke e André (1986, p.01), é a promoção do “confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. É também explicada por Bauer e Gaskell (2002, p.23) como uma pesquisa que “lida com interpretações das realidades sociais”.

Como instrumento metodológico, utilizei a entrevista semiestruturada. A realidade estudada é o universo complexo da capoeira, mais especificamente o seu aspecto educativo e, para coletar os dados necessários para analisar tal realidade, usei como instrumento a entrevista semiestruturada. Segundo Bauer e Gaskell (2002, p.68) “A finalidade da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. A entrevista como método de coleta de dados tem como objetivo captar as diferentes opiniões acerca do assunto explorado pelo trabalho do pesquisador. Por mais que se faça revisão bibliográfica e se esgote a quantidade de informação armazenada nos bancos de dados das bibliotecas, a vivência diária daqueles que estão inseridos na realidade estudada não pode ser cristalizada em forma de palavras escritas, pois ela se atualiza diariamente e a entrevista é capaz de captar as impressões de um indivíduo naquele dado momento que é uma informação nova e importantíssima para quem quer que busque investigar uma determinada realidade. Para Szymanski (2004, p.12) “A entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado”. Por ser tratar de interação face a face, a entrevista deve ser considerada como um instrumento de produção de informações novas e únicas.

Para alcançar o objetivo desta dissertação entrevistei mestres de capoeira para que estes relatassem suas impressões quanto à existência ou não de valor educativo na capoeira, e caso exista, qual seria esse valor. Estes professores são pessoas que tiveram sua ação dentro da capoeira reconhecida por todo o grupo, sendo assim, suas impressões tem o peso de todos aqueles que nele reconhecem sua autoridade. Além disso, considerando que Vigotski afirma que o professor é um organizador do meio social, as suas ações devem ser carregadas de

intencionalidade educativa, o que o torna uma escolha óbvia para se questionar acerca do valor educativo da capoeira. Além dos mestres, também entrevistei seus discípulos, com a finalidade de perceber se há ou não um alinhamento ideológico e uma transmissão de tradição e valores entre mestre e discípulo.

A entrevista semiestruturada teve um caráter informal e seu áudio foi gravado para ser transcrito e analisado. As perguntas a seguir, que nortearam as entrevistas, foram organizadas com base nos objetivos específicos desta investigação, a saber:

1. O que você entende por valor educativo?
2. Haveria algum valor educativo na capoeira? Se sim, qual ou quais?
3. Seria a capoeira um espaço propício para o estabelecimento de relações humanas? Se sim, quais são as relações que se estabelecem e como elas acontecem? Haveria algum valor educativo nisso?
4. Existe algum valor educativo no modo como a capoeira se estrutura, seja na roda, no treino? Quais seriam e por quê?

Antes de serem realizadas as entrevistas oficiais, foi feita uma entrevista piloto com uma capoeirista para testar as perguntas, para verificar se estavam compreensíveis e se cumpriam os objetivos propostos pelo instrumento. Após a aplicação da entrevista piloto as questões da entrevista se mantiveram as mesmas tendo em vista que, de fato, contribuíram para alcançar os objetivos desta dissertação. Apenas algumas considerações foram feitas em relação à forma de se conduzir as entrevistas, principalmente quanto a pedir que os mestres entrevistados dessem exemplos de situações reais em suas vidas que exemplificassem o que estavam dizendo. Depois de realizadas as entrevistas, o áudio gravado foi transcrito, analisado e categorizado. Esses dados foram discutidos e relacionados à teoria já exposta nos três primeiros capítulos como forma de complementar as ideias já apresentadas. Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo que, segundo Franco (2005, p.20) “é um procedimento de pesquisa [...] e tem como ponto de partida a mensagem”. Para a autora esse instrumento deve partir da mensagem e buscar uma análise aprofundada considerando as perguntas ““quem diz o que, a quem, como e com que efeito?” acrescentaríamos uma a mais: Por que?” (FRANCO, 2005, p.20).

Esclarecidos os objetivos, a estrutura e a metodologia deste trabalho, bem como o instrumento de análise, que será melhor evidenciado no último capítulo, apresentemos, a seguir, o primeiro capítulo, que fará um breve histórico da capoeira e de suas formas de transmissão e perpetuação.

Capítulo I: Do hálito ao microfone: Um breve histórico da capoeira e de suas formas de transmissão e perpetuação

Para começar este breve histórico ressaltarei alguns mitos que permeiam o imaginário das pessoas, tanto do universo da capoeira, quanto fora dele. Segundo Vieira e Assunção (1998 p.82) “a história da capoeira, tal como ela é contada nas academias, ou mesmo em muitos livros, continua veiculando uma estranha mistura de mitos e semi-verdades”. Essa história foi tradicionalmente transmitida de forma oral e, muitos dos fatos que realmente aconteceram foram modificando-se aos poucos, perderam-se em algum lugar da história, dando lugar a vários mitos e lendas, isso se deixarmos de mencionar as histórias criadas para sustentar alguma posição ideológica ou política dentro do mundo da capoeiragem. É como nos diz o ditado “quem conta o conto, aumenta um ponto”.

Citando alguns desses mitos contados pelos capoeiras, está a velha história de que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos escravos africanos, sendo praticada disfarçadamente como dança dentro das senzalas até o dia em que os primeiros negros escaparam e, sem armas, se utilizaram da capoeira para se defender do capitão do mato que os perseguia. “Nenhum documento permite concluir que os integrantes do famoso quilombo tenham praticado capoeira ou alguma outra forma de luta / jogo” (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998 p.84) Este dado trazido por Vieira e Assunção, relacionado ao famoso quilombo dos Palmares, estende-se a qualquer outro quilombo, pois não existem dados documentais que coloquem a capoeira dentro das senzalas, ou nos quilombos. Muitas cantigas de capoeira cantadas nas rodas retratam grandes feitos de Zumbi, inclusive deixando subentendido que o grande líder de Palmares seria um exímio capoeirista. Estas músicas ressaltam o interesse de alguns mestres de exaltar a raiz escrava e africana da capoeira, mas a história da capoeira africana ainda carece de qualquer evidência histórica que a corrobore, tornando-a um dos vários mitos acerca da história da capoeira.

Um dado interessante é a existência de manifestações africanas, como o *N`Golo*, que se parecem muito com a luta brasileira, o que indica a existência de um ou mais ancestrais da capoeira, ou seja, danças viris que se assemelhem a lutas ou que possuam características marciais, sendo praticadas ao som de algum instrumento ou cântico.

Para muitos povos africanos a música e a dança são parte integrante de seu cotidiano. As atividades desses povos, seja da mais especial a mais corriqueira, possuem um canto e um movimento corporal ritmado que as acompanhe. Eles cantam e dançam em função do nascimento, da morte, da colheita, da caça, da pesca, e também da guerra, todas guiadas pelo

som de instrumentos de percussão. A capoeira bebeu nessa fonte das tradições africanas, mas, como veremos mais adiante, historicamente, ela aparece pela primeira vez nos primeiros anos do século XIX.

Outro mito é o de que a capoeira desde seu surgimento não mudou, foi a mesma que surgiu nos quilombos, nas maltas no Rio de Janeiro, na Bahia com os escravos de ganho, sempre a mesma capoeira, imutável. Se formos analisar a composição da capoeiragem carioca, baiana, assim como a encontrada em outros estados, encontraremos registros de diversas capoeiras coexistindo e, ainda hoje, podemos ver a existência de algumas vertentes dessa atividade, sendo as duas de maior expressão a capoeira angola e a regional.

Durante muito tempo a capoeira se propagou sem despertar o interesse dos historiadores, a sua história, portanto, foi transmitida de forma oral dos mestres para os discípulos, e de um modo geral, aquele que contava a história não estava comprometido com a veracidade dos fatos, mas sim com a transmissão dos seus valores e a defesa de seus ideais de capoeira. Logo, as histórias, verídicas ou não, tidas como mais importantes pelos mestres eram passadas adiante, enquanto que outras eram deixadas de lado.

Devemos tomar bastante cuidado ao analisar as diversas histórias da capoeira, muitas vezes elas não condizem com os fatos históricos e, em diversos pontos existem buracos de tempo e espaço entre os momentos conhecidos da capoeiragem.

A história da capoeira, tal qual ela nos é contada, se assemelha àquela velha história econômica do Brasil, onde se passa de um “ciclo” a outro, e de uma região à outra (*açúcar no Nordeste, ouro nas Minas Gerais, café no Centro-Oeste*) sem jamais se saber o que acontece com uma região antes ou depois do “surto” de um produto. Assim, a história da capoeira invariavelmente começa com os quilombos do interior, entendidos como praticantes da capoeira, no século XVII. Daí segue num salto mortal (11) para a cidade, o Rio de Janeiro dos vice-reis. Afirma-se a existência da mesma capoeira dos quilombolas do Nordeste entre os negros, escravos urbanos, e a sua difusão entre a população livre. Comenta-se a formação das famosas maltas, como os Nagoas e Guaiamuns, terminando com o famigerado chefe de polícia Sampaio Ferraz, que teria “erradicado” a capoeira do Rio de Janeiro, na década de 1890. Segue-se novo salto mortal para a Bahia do século XX, mais precisamente a década de 30, com a criação da “primeira” academia de capoeira pelo mestre Bimba e a consolidação da capoeira Angola pelo mestre Pastinha (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p.84)

Entre tantos mitos e incertezas dentro da história da capoeiragem, fica difícil diferenciar as verdades dos mitos. Uma coisa, entretanto é certa, a capoeira foi transmitida através dos tempos e chegou até os dias de hoje como patrimônio imaterial da cultura

brasileira. Este capítulo pretende traçar um breve histórico da capoeira desde seus primeiros registros escritos e iconográficos até os dias atuais, focando principalmente as formas como esta cultura foi transmitida.

Os primeiros registros históricos da capoeira são os códices policiais de presos na primeira metade do século XIX. Um certo escravo da nação Angola, de propriedade de José Francisco Alves de nome Felipe no dia 10 de Setembro de 1810, segundo Soares (1998, p.51) teria sido o primeiro escravo a ser preso pelo crime de capoeira já no período Joanino no Rio de Janeiro. “A capoeira representava uma parcela importante dos motivos de prisões de escravos, apesar de não ser logicamente o único...” (SOARES, 1998, p.52). Não há muitos detalhes no registro de prisão deste escravo, mas, pode-se dizer que Felipe não foi o primeiro capoeira da cidade do Rio de Janeiro, ou que aquela havia sido a primeira ‘roda de capoeira’. O fato do oficial que efetuou o registro da prisão ter considerado satisfatória, a descrição do motivo da prisão, ou seja, ‘capoeira’, mostra que a sociedade e a autoridade policial já estavam familiarizadas com essa prática por parte dos escravos. Portanto, dizer que alguém estava preso por causa da capoeira já era informação suficiente para quem lesse os autos de prisão daquele dia.

Soares, em sua tese, revela que a capoeira entra oficialmente para a história do Brasil como uma prática marginal a partir do registro daqueles que por ventura fossem presos por praticarem-na. “Vamos centrar nossa atenção naqueles relatos envolvendo capoeiras, ou que iluminem a cultura escrava de rua, para nós o nascedouro da cultura capoeira.” (SOARES, 1998, p.52). O lugar da capoeira era a rua e os seus praticantes eram os negros escravos e libertos das áreas urbanas.



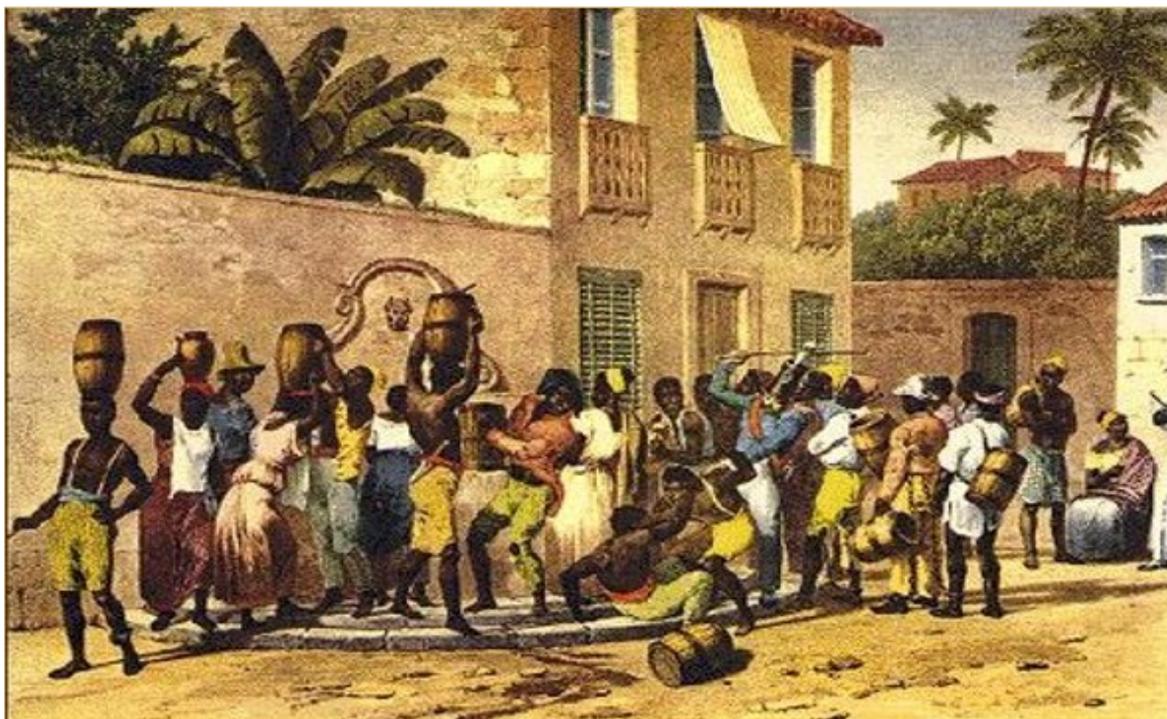
Negros Lutando de Augustus Earle, 1822

Fonte: <http://www.nestorcapoeira.net/galeria.htm>

Nesta imagem de Earle podemos ver dois negros lutando ao lado do que parece ser uma senzala. Um deles está desferindo um golpe com os pés muito semelhante à benção, golpe muito utilizado hoje pela capoeira, enquanto o outro se defende em uma posição parecida com a ginga. Ao fundo, um oficial de polícia pula a cerca enquanto observa a luta entre os escravos, imagem da repressão que qualquer forma de luta praticada pelos negros sofria. Do outro lado, outros negros observam a luta tranquilamente, sinal de que lutas entre escravos eram comuns sendo tratadas com naturalidade.

No Brasil, além da escravidão rural e das áreas de mineração, onde o escravo tinha pouca ou nenhuma liberdade, o escravo ou estava trabalhando, ou estava confinado. Um aspecto menos conhecido é o da escravidão urbana. Para entender a capoeira como fenômeno urbano, precisamos entender também os mecanismos da escravidão nas cidades. Os negros escravos nas cidades tinham certa liberdade de ir e vir. Faziam serviços para seu patrão e também podiam realizar outros serviços por conta própria, devendo prestar contas do lucro adquirido para o seu senhor. Estes eram conhecidos como ‘escravos de ganho’. Alguns desses escravos conseguiam acumular o suficiente para comprar sua alforria compondo parte da população negra livre da cidade.

“Era difícil para as autoridades dar cobro à prática da capoeira. Qualquer momento era usado pelos escravos, e a prática tanto tinha de luta marcial, como de folguedo, jogo, exercício, relaxamento da faina de carregar água, ou ficar ao ‘ganho’” (SOARES, 1998, p. 55). Esses negros escravos, que passavam o dia inteiro na rua em busca de algum ‘ganho’, ficavam nas praças mais movimentadas da cidade aguardando alguém que viesse em busca de seus serviços, ou apenas descansando depois de alguma tarefa árdua antes de retornar ao trabalho. As praças da capital carioca se tornaram ponto de encontro da população negra e, enquanto aguardavam serviço ou descansavam, muitos praticavam um folguedo com características tanto de luta quanto de diversão que ficou conhecido como capoeira.



Carregadores de água de Rugendas

Fonte: <http://museuvirtualpintoresdorior.arteblog.com.br/17687/RUGENDAS-CARREGADORES-DE-AGUA/>

Esta imagem de Rugendas, um pintor alemão que viajou pelo Brasil durante a primeira metade do século XIX, retrata uma parte do cotidiano dos negros escravos nas cidades brasileiras. Nessa tela, vários negros estão reunidos em torno da fonte, muitos esperando sua vez de encher seu balde de água, outros sentados ao fundo e, no centro da tela, dois homens brigando enquanto um guarda tenta separar a briga e, provavelmente, levar os dois envolvidos na briga como presos. Neste quadro não há nenhuma referência à capoeira, os negros brigões estão usando socos e montando um em cima do outro, características diferentes de luta daquelas apresentadas pelos capoeiras⁷ da época, que lutavam usando ‘cabeçadas e pontapés’. Mas foi exatamente nas praças das cidades, espaço de encontro e concentração dos escravos que a capoeira se desenvolveu.

A denominação capoeira é carregada de significado, pois aquele que era identificado como tal, já sofria, naquela época, e ainda hoje, mesmo que em muito menor grau, uma infinidade de preconceitos e julgamentos. Mas uma das perguntas que mais levanta polêmicas no universo da capoeiragem é: qual a origem do nome capoeira? Esta discussão ainda está longe de um consenso, mas há uma teoria, que hoje é a mais plausível e que mais está de

⁷ Uma das vertentes históricas que investiga o surgimento da capoeira acredita que o nome desta luta surgiu a partir do nome pelo qual eram conhecidos seus praticantes. Muitos escravos vendiam galos carregados em cestos, por isso eram conhecidos como capoeiras.

acordo com os dados levantados neste capítulo. Esta teoria é a de que o nome capoeira vem dos negros escravos que vendiam galos e galinhas em cestos que eram carregados nas cabeças. No português da época, galo era chamado de capão e o recipiente usado para carregar algo recebia o sufixo *-eira*, logo, o cesto de carregar capões é o capoeira, e por associação, o escravo que carregava o cesto também ficou conhecido por capoeira. Muitos desses capoeiras se reuniam nas praças para vender seus capões e também descansar, sendo nestes períodos de descanso que os folguedos escravos aconteciam. Um destes folguedos, um exercício de agilidade e destreza corporal, como descreve o código penal de 1890 em seu artigo 402, ficou conhecido como capoeiragem, ou apenas capoeira, por ser praticado, entre outros, por estes escravos carregadores de cesto de galos.

A partir dessa descrição começamos a entender quem eram os capoeiras. Soares (1998) nos diz que os capoeiras no início do século XIX eram negros, em sua maioria escravos, e alguns poucos libertos, podiam ser boçais (nome utilizado para denominar aqueles negros nascidos na África) ou crioulos (negros nascidos no Brasil). Essa predominância absoluta de negros praticantes de capoeira nos anos iniciais do seu surgimento revela que ela é, de fato, uma arte negra de influência africana, pois foi inicialmente praticada pelos africanos e seus descendentes no Brasil. Além disso, com relação a que negro era esse que praticava a capoeira, o autor revela que:

A capoeira não era uma atividade de ‘boçais’, como se denominavam os africanos recém chegados, ou um recurso desesperado frente à onipresença da ordem policial. O tipo social ‘capoeira’ que estava sendo forjado neste momento exibia vários sinais de estar enraizado na sociedade escravista urbana, e articulado nas formas de lidar com a lei dos brancos e seus aparatos de poder (SOARES, 1998, p. 56)

O fato de o capoeira não ser aquele recém-chegado da África, sem conhecimento da sociedade escravista brasileira, mas aquele que já estava inserido na cultura de rua das grandes cidades, mostra que a capoeira se desenvolveu nas ruas das cidades brasileiras, sendo o capoeira aquela pessoa que estava acostumada com o cotidiano das ruas, com as leis dos brancos, e que conhecia como a palma de sua mão o funcionamento das ruas dos centros urbanos no Brasil do século XIX.

A capoeiragem surgiu, então, como um fenômeno urbano e marginal. Tendo surgido a partir da população negra escravizada, o lugar mais propício para a capoeira se desenvolver foi os seus espaços de convivência, onde gozavam de um mínimo de liberdade, a rua. Era nesses espaços onde a população negra, escrava e marginalizada trabalhava, ficava à espera

de ganhos, descansava entre um trabalho e outro e, junto com os outros habitantes da rua, confraternizava e folgava. Vamos agora entender como se estabeleciam as relações dos capoeiras, tanto com seus pares, quanto com a população branca e a autoridade policial.

No período Joanino, no qual a família real portuguesa morou no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, a força policial, representada pela milícia, foi substituída por uma guarda real mais especializada e repressora. Junto com o aumento do tráfico negreiro para a cidade do Rio de Janeiro, a capoeira, já enraizada na sociedade urbana carioca, cresceu assustadoramente deixando as autoridades cada dia mais temerosas de que o poder combativo desse jogo de negros pudesse ser utilizado a favor de uma revolta escrava. Sendo assim, à medida que a população negra crescia, maior era a repressão a qualquer possibilidade de levante escravo na capital do império.

Mas o capoeira tinha outros métodos de lidar com a força policial além da força física, “a intimidade entre policiais e escravos, diariamente em contato constante, facilitava para estes o uso de recursos mais ‘ladinos’” (SOARES, 1998, p. 57). A corrupção por meio de propinas, utilização da autoridade do seu senhor por parte do escravo, foram alguns dos métodos utilizados para escapar da força policial. A capoeira, a cada dia que passava, tornava-se uma ameaça maior à ordem pública, não só por causa do poder combativo que possuía, mas principalmente por causa da habilidade furtiva que estes possuíam, de escorregar por entre as mãos do braço forte da lei. Os escravos capoeiras se sentiam tão à vontade nas ruas da cidade que lá permaneciam sem ao menos tentar fugir “... raras vezes vemos os crimes de capoeira e de fugas atribuídos a um mesmo escravo, o que seria de se esperar quando um fugido fosse apanhado pelos soldados da polícia” (SOARES, 1998, p.57). A rua se tornou para os escravos um espaço de poder que, segundo Soares, eles mesmos escolhiam.

Além das lutas entre capoeiras e policiais, e em muito maior ocorrência, estão os registros de brigas entre negros. A formação de grupos de negros capoeiras foi uma prática muito comum nesse período, as maltas, como ficaram conhecidas, eram como gangues que lutavam por espaços de poder dentro da capital carioca, cada qual tomando posse de um território. “A capoeira, mais do que um elemento da resistência escrava aos desmandos da ordem escravista, era uma peça importante, no jogo de poder entre os próprios escravos, e no qual libertos e livres entravam marginalmente. Jogo no qual as maltas eram unidade fundamental” (SOARES, 1998, p.64).

Esse jogo de poder entre as maltas⁸ de negros foi determinante na constituição geográfica da população carioca durante todo o período em que as maltas operaram no Rio de Janeiro. “A tradição literária do final do século XIX sempre que se referia as maltas de capoeiras do tempo da corte, mencionava os Nagôas e Guayamús” (SOARES, 1993, p.59). Esses dois conglomerados de maltas foram os mais poderosos e referenciados pela tradição capoeirana e pelas autoridades do período imperial. As maltas de capoeiras lutavam dentro da capital imperial por espaços de poder, que se centravam nas igrejas, marcos importantes de referência no Rio de Janeiro. Cada malta tinha seu ponto de encontro, um bairro que era seu domínio principal, por exemplo, temos a malta de “Santo Inácio” que ficava no Castelo, a dos “Ossos” do Bom Senhor do Calvário, entre várias outras.

Cada uma dessas maltas se relacionava com as demais, ora formando alianças, ora rivalizando. Esse processo se deu durante todo o período imperial e foi se delineando de modo a formar dois grandes grupos rivais denominados Nagôas e Guayamús. Dessa forma “Por volta da proclamação da república, segundo a pena dos próprios memorialistas, esse processo de divisão da cidade em dois grandes grupos rivais estava completo.” (SOARES, 1993, p.60).

Fato interessante acerca dessa divisão do poder das ruas entre as duas grandes maltas cariocas é o envolvimento político que estas tiveram durante o império. Cada uma das maltas se aproximou de um dos grandes partidos do período imperial, os conservadores e os liberais. Essa proximidade com a autoridade política fazia com que os capoeiras que fossem presos pela sua prática tivessem sua liberação facilitada. Dessa forma, o capoeira gozava de certa impunidade, poucos ficavam presos por muito tempo.

Vários relatos interessantes sobre conflitos entre maltas estão registrados. Citarei alguns deles para melhor entendermos como aconteciam esses conflitos.

A primeira notícia de jornal envolvendo maltas é citada por Soares (1993, p.79) relatando que na noite de 6 de janeiro de 1870, os capoeiras comandados por ‘Pinta Preta’ da Glória, domínio dos Nagôas, assaltaram e feriram um dos acompanhantes de uma sociedade de reis que por ali passava. No dia seguinte, os membros da sociedade, Manduca Tambor, Antonico Moleque, Prudêncio José Ferreira e outros armaram de se vingar considerando o ferimento um insulto à sociedade da qual participavam. Foram informados de onde Pinta Preta estaria e foram, disfarçados, emboscá-lo. Os membros da sociedade atacaram-no a

⁸ As maltas eram grupos compostos por capoeiras, negros escravos, libertos e livres, que utilizavam das ruas como seus espaços de poder nas capitais brigando entre si e contra a autoridade policial pelo domínio dos espaços públicos.

cassetadas e, quando o Nagôa caiu no chão, Manduca fez nele o mesmo ferimento que seu colega havia levado.

Outro conflito registrado mostra uma realidade pouco esperada e de certo modo paradoxal, o conflito entre os capoeiras (Guayamús) e os militantes do abolicionismo. Em 1884, no projeto de libertação dos escravos sexagenários, um grupo de capoeiras perseguiu um grupo de jornaleiros que vendiam exemplares da gazeta da tarde, porta-voz do abolicionismo, chegando inclusive a invadir a sede do jornal e agredindo os que ali estavam.

Temos aqui um evidente conflito entre duas maltas. De um lado a malta de Santana (Nagôas), formada por pequenos jornaleiros, de outro a malta de Santa Rita (Guayamú) mobilizada contra os abolicionistas. Este conflito seria o início de uma amarga hostilidade entre militantes da causa da abolição e grupos de capoeira. Mas também de novos embates entre grupos de capoeira tradicionalmente rivais (SOARES, 1993 p.82)

A partir desse conflito, as brigas entre maltas envolvendo os interesses abolicionistas e os escravistas aumentaram exponencialmente até 1888, ano da abolição da escravidão. Passaram de brigas esporádicas entre pequenos grupos a verdadeiras batalhas anunciadas, com data, hora e local marcados, para os que quisessem assistir. Esses conflitos entre capoeiras envolvendo abolicionistas e escravistas revela a proximidade das maltas dos poderes políticos da época, cada grupo, para manter seus domínios nas ruas se aproximou de um partido, e passaram a defender nas ruas os interesses de seus padrinhos políticos, não importando quais fossem, desde que seus próprios interesses fossem preservados.

No mesmo ano de 1888, fim da “guerra” pela abolição, ficou ainda mais evidente outra “guerra” que estava abalando as estruturas do império, os ideais republicanos. Nesse ano, foi criada a guarda negra, “a milícia de capoeiras que se tornaria célebre em seus ataques aos republicanos, não somente na corte, mas em boa parte do Brasil” (SOARES, 1993, p.83). A formação da guarda negra é outro ponto bastante interessante na história das maltas como um todo. Segundo Soares (1993, p.83-84), em meados de maio de 1888 foi anunciado nos jornais a prisão de 35 capoeiras, todos pertencentes a uma mesma malta, a do Campo de Santana. Apenas a prisão de tantos capoeiras já é um fato extremamente raro na documentação policial da época, mas, além disso, esses presos ficaram encarcerados por menos de um dia. Seus nomes logo voltaram a aparecer em dezembro do mesmo ano, figurando como membros da guarda negra em um conflito contra republicanos.

As maltas de capoeiras, como se pode perceber, são uma instituição profundamente ligada ao império brasileiro, a ponto de se ligarem de forma visceral à sua estrutura política.

Os Nagôas e os Guayamús se identificaram cada qual, com um dos partidos imperiais, conservadores ou liberais. Essa ligação se faz perceber através dos grandes conflitos de rua ocorridos entre esses grupos inimigos, que culminaram com os conflitos dos abolicionistas contra os escravocratas, mas sempre a favor do império.

Após a abolição da escravidão, com o fortalecimento dos ideais republicanos, uma nova força política ameaça não apenas o poder de um ou outro partido, mas sim toda a estrutura do império brasileiro. Conservadores e liberais se juntam contra os republicanos, e as maltas de capoeira entram juntas nessa briga, Nagôas e Guayamús, eternos rivais juntos contra a investida republicana no Brasil.

Como já sabemos, a história nos conta que o império perdeu e pouco mais de um ano após a abolição foi proclamada a república. O governo republicano para se estabelecer e evitar qualquer possibilidade de retaliação por parte dos monarquistas declarou “guerra” contra toda e qualquer força política utilizada pelo antigo regime. Os capoeiras, identificados como componentes da guarda negra e das maltas, que, além de servirem como instrumento político, assombravam as ruas da capital brasileira, foram duramente reprimidos pela força policial republicana. “O desaparecimento definitivo dos ‘guayas’ e ‘nagôas’ ficou marcado na vaga repressiva de 1890. Na fúria jacobina de Sampaio Ferraz, o intrincado tecido cultural dos Nagôas e Guayamús se rompe” (SOARES, 1993, p.85).

Um dos pontos que praticamente nada se conhece com relação à cultura capoeirana do século XIX é a forma como os capoeiras aprendiam esta luta e como se tornavam mestres. Nunca existiu uma só capoeira, pois a capoeiragem era definida pelas autoridades policiais como a prática dos capoeiras, ou seja, um grupo de negros escravos e livres que se utilizavam de exercícios de agilidade e destreza corporal, com pontapés e cabeçadas, além de portar armas em vários casos e, que se utilizavam dessa prática para perturbar a ordem social. Essa capoeiragem não era unificada, ou seja, não possuía uma forma correta ou errada de se executar um movimento, não possuía método de ensino ou currículo específico que definisse o que deveria ser ou não aprendido e aplicado na roda. O certo e o errado eram decididos na hora do jogo, da disputa entre maltas ou contra os policiais através da maior eficiência apresentada por aquele que se sobressaísse. Dessa forma, os melhores jogadores ganhavam mais fama, sendo assediados por aqueles que, querendo alguma proteção, buscavam se colocar sob as asas de determinada malta ou capoeira. Assim, várias relações de aprendizagem surgiram nos primórdios da capoeira. Outros, sem se colocar sob a tutela de algum capoeira mais habilidoso, aprenderam a jogar dentro do folguedo, observando e “vadiando” (termo utilizado para denominar o ato de jogar capoeira).

Vamos agora para a Bahia, considerada por muitos como o berço da capoeira. Pires (2001) cita duas menções importantes da capoeira baiana: de Manoel Querino e Antônio Vianna.

Manoel Querino registrou a capoeira a partir de confrontos espaciais entre os grupos representativos dos bairros da cidade de Salvador, algo como um grande espetáculo que se consagra nos conflitos de rua e projeta seus símbolos e rituais. O autor afirma que os capoeiras possuíam uma cultura corporal própria, que revelava sua identidade social, e apresenta dois tipos de capoeira: os profissionais e amadores. Estes não usavam sinais característicos, mas exibiam-se nas contendidas entre os grupos. Manoel Querino fez menção à existência dos cantos e instrumentos musicais. Ele finaliza sua descrição sobre a capoeira baiana afirmando que somente no Rio de Janeiro o praticante ‘constituía-se como um elemento perigoso’ (PIRES, 2001, p. 29).

Pires (2001) afirma que a capoeiragem baiana era similar à praticada no Rio de Janeiro na mesma época. Ambas tiveram conflitos entre maltas, estiveram presentes nos motins contra a ordem policial e tanto uma como a outra surgiu de folguedos praticados pelos negros escravos e libertos.

Com o fim da monarquia e com a proclamação da república, o novo governo instaurado passou a perseguir práticas que tivessem qualquer ligação com o antigo regime, assim aconteceu com a capoeira. Algumas maltas tinham forte ligação com os monarquistas, tendo muitos capoeiras composto a guarda negra no período do império.

Com o novo código penal brasileiro, a capoeira passou a ser considerada como um crime passivo de pena de prisão e de extradição. A repressão à capoeiragem no Rio de Janeiro por parte de figuras como Sampaio Ferraz, chefe de polícia no início do período republicano, levou a julgamento diversos capoeiras. Um dado interessante sobre essas prisões é o fato de que entre os capoeiras presos, não mais se encontravam exclusivamente negros, mas muitos brancos, inclusive europeus, que tiveram suas prisões decretadas, tendo sido enquadrados como capoeiras. Desse dado compreende-se que a capoeira deixara de ser uma cultura exclusivamente negra, para se tornar uma cultura de rua, acolhendo todos aqueles que viviam nesse universo: marinheiros, estivadores, comerciantes e policiais inclusive, que se tornavam capoeiras. A capoeiragem crescia como uma cultura de rua marginalizada.

Paradoxalmente à repressão imposta aos capoeiras, o governo republicano buscava afirmar a brasilidade do seu povo, e buscava práticas que pudessem afirmar como algo genuinamente brasileiro, dentre essas práticas a capoeira surgiu. Simultaneamente à perseguição aos capoeiras, iniciou-se um movimento pela esportivização e elevação da

capoeira ao status de esporte nacional brasileiro. Surgiram algumas tentativas de criar um método de ensino para a capoeira, um jeito de moralizá-la, retirá-la das ruas e torná-la um esporte digno de ser praticado pelos brasileiros.

Dessas diversas tentativas de retirar a capoeira da marginalidade, duas delas tiveram destaque e, ainda hoje são reconhecidas por todos os capoeiristas: a capoeira Regional criada por mestre Bimba e a capoeira Angola de mestre Pastinha. Por serem as duas formas de maior expressão no universo da capoeiragem, iremos nos aprofundar nelas.

Esses dois grandes mestres baianos foram os maiores responsáveis por um movimento que, concomitantemente com a forte repressão da capoeira, reorganizaram-na de forma esportiva e artística, diversa daquela tradição de rua que vinha sendo reprimida pelo Estado. Pires (2001, p.239) afirma que, “Esses estilos de capoeira são fruto do processo de invenção cultural deflagrado nas primeiras décadas do séc. XX”. Pires, nesse trecho, trata essa ‘nova’ capoeira, criada por Bimba e Pastinha como uma ‘tradição inventada’, conceito de Hobsbawm e Ranger (2012) que nos diz que nem sempre uma tradição é assimilada após um longo tempo. Algumas são criadas em pouco tempo e “empurradas” para a população, seja por agentes culturais como também pelo poder público, por meio de discursos de afirmação e sedimentação daquela ‘tradição’. As capoeiras Angola e Regional são exemplos dessa tradição inventada.

Falarei agora dos agentes culturais responsáveis pela criação dos estilos Regional e Angola de capoeira. Emanuel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, foi o criador da luta regional baiana, que mais tarde viria a ser conhecida como capoeira regional. Nascido em 1899, seu pai Luiz Cândido Machado, era conhecido praticante de batuque, dança-luta viril de influência africana. Desde cedo relacionou-se com as lideranças na manutenção das práticas culturais populares, inclusive a capoeira. Iniciado na capoeira por um africano de nome Bentinho, Bimba viveu na pele a capoeiragem baiana, as rodas de rua, a fuga da polícia, a repressão e a marginalização. Mestre Bimba “representa uma certa ligação do presente com o passado” (PIRES, 2001, p.246).

Bimba foi estivador, conhecedor do cais do porto de Salvador, desde sua adolescência fazia pequenos trabalhos em busca de algum dinheiro. Ao identificar os tipos sociais que praticavam a capoeira, Bimba afirmava que a capoeira era “prática comum entre estivadores, carroceiros trapicheiros e malandros” (PIRES, 2001, p.247). Bimba busca identificar a capoeira como uma prática de trabalhadores, pessoas que lutavam todos os dias em busca de um ganho honesto para sobreviver. Em contraposição a sociedade associava qualquer

menção à capoeira a arruaça, a violência, uma atividade de marginais e “malandros”⁹. Bimba não nega a existência dos malandros, aqueles que descumpriam as leis, desafiavam as autoridades, exerciam domínio sobre determinadas áreas, tudo o que a sociedade da época esperava das maltas e dos capoeiras. Bimba, de fato, bebeu dessa fonte, aprendeu capoeira na sua condição de prática marginal, que acolhia malandros e trabalhadores, que tinha qualquer atividade pública reprimida pelas autoridades policiais.

Inserido no meio de tantos outros capoeiras, convivendo com eles de igual para igual, Bimba se destacou de todos ao romper com a capoeira do malandro. Para Pires (2001, p.249) “um dos procedimentos de ruptura com a tradição passada é a negação de espaço ao ‘malandro’”. Bimba criticou duramente a capoeira vadia, vista como “prática de vagabundos” e defendeu a capoeira como um símbolo cultural. Ao perceber o discurso da sociedade contra a “capoeira de malandro”, Bimba assume esse discurso e reconhece que, de fato, existe um grupo de marginais na capoeiragem, rompe com eles e desenvolve a “luta regional baiana”, ou seja, a capoeira com uma nova roupagem para trabalhadores e estudantes.

A capoeira de Bimba foi um meio de retirar da marginalidade a capoeiragem baiana e esportivizá-la. Mestre Bimba, vendo a capoeira e as demais lutas praticadas no Brasil, achava que essa estava muito aquém da capacidade combativa das demais artes marciais. Acrescentou golpes do batuque, que aprendeu com seu pai e de outras artes marciais, criou as sequências de ensino e levou a capoeira para dentro de instituições, como o exército e a universidade. Além desses espaços, Bimba também levou a capoeira para os ringues como forma de dar visibilidade à capoeira, como esporte e arte marcial. Seu porte, técnica e força, fizeram dele um grande vitorioso nos combates, o que popularizou a capoeira. Nesses combates, Bimba “dizia que não iria recorrer ao *urucungo* (berimbau), nem ao pandeiro nas competições desportivas, já que esse tipo de demonstração poderia ser constatada em outros momentos em que a capoeiragem tinha uma feição ‘sensacional’” (PIRES, 2001, p.251). Portanto, Bimba diferenciava os espaços de capoeiragem e considerava que ela não deveria ser engessada, mas que deveria se adaptar ao espaço em que estava inserida. Dentro do ringue a capoeira se comportava como uma luta combativa e, nas rodas de apresentação, armava-se a bateria e os capoeiras jogavam conforme o berimbau, vadiando.

⁹ Existem dois tipos de malandros na literatura. O malandro romântico, cavalheiro, que possuía um código de honra e conduta, mas que sempre transitava na tênue divisória entre a legalidade e a ilegalidade. Este malandro é bem descrito pela obra de Chico Buarque “Ópera do malandro”. O outro malandro é o referido por mestre Bimba, este era o marginal, que sempre buscava seu próprio benefício às custas do bem estar dos demais, que utiliza de qualquer meio para alcançar o proveito próprio, inclusive se filiando a maltas e praticando arruaças e atos de violência.

Bimba e seus discípulos obtiveram diversas vitórias ao longo dos anos 30 e a capoeira regional ganhou diversos adeptos, assim como vários críticos. Por ter sido criada em oposição à capoeira antiga, um forte conflito, por vezes violento, surgiu entre a capoeira de “academia” e a capoeira de rua. Além disso, a capoeira Angola, criada por Pastinha, também se opunha à prática de Bimba, sendo as duas escolas de capoeira, os dois lados de uma dicotomia que é fundamental para o entendimento da forma como se estrutura a capoeira atual. E, por fim, os praticantes de outras modalidades de luta criticavam a capoeira, luta nova que buscava se nivelar às demais.

Já na década de 40 a capoeira regional começa a sair dos ringues. Bimba já havia conseguido dar visibilidade para sua luta, demonstrando seu poder combativo. A partir de então, Mestre Bimba passou a recusar todos os desafios lançados contra si e contra a sua capoeira. Ele passou a valorizar um aspecto mais lúdico e desportivo da capoeira, mas sem deixar que ela perdesse seu caráter combativo. Pires (2001, p.258) cita um exemplo desse aspecto de caráter combativo: o próprio curso de formação de capoeiristas que incluía treinamento contra emboscadas, nos mesmos moldes do treinamento do exército.

Outro aspecto de extrema importância a se ressaltar com relação a mestre Bimba é o título de mestre que precede seu nome. Falando sobre a presença de Bimba na roça do lobo, uma favela situada na periferia de um bairro de classe média de Salvador, Pires (2001, p. 262) ressalta “o papel de liderança exercida por mestre Bimba nessa comunidade. Bimba era reconhecido por todos como representante da comunidade, aceito e, principalmente, incentivado pelos seus pares”. Toda a movimentação cultural na comunidade da roça do lobo girava em torno das decisões de mestre Bimba, sendo ele, dessa forma, considerado por todos como líder e defensor dos interesses da comunidade. Esse é o lugar daquele que é mestre, não uma mestria autodeclarada, mas um título recebido através do reconhecimento de toda uma comunidade. Iremos aprofundar a discussão sobre a autoridade verdadeira e autêntica de um mestre, no segundo capítulo. Esse foi o legado de mestre Bimba, uma pessoa que retirou das ruas a capoeira e a transformou, de modo que todos os setores da sociedade pudessem acolhê-la. Depois de Bimba a capoeiragem começou o processo de passar de atividade de marginal a patrimônio nacional.

Outra figura lendária na capoeira contemporânea e, de tanta expressão quanto mestre Bimba é Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, ícone da capoeira Angola. Falemos primeiro sobre a capoeira de Pastinha. Da mesma forma que a Regional, a Angola surgiu a partir da ruptura com a capoeira marginal praticada nas ruas. Diversas figuras de peso na capoeira atual tiveram a iniciativa de tirar a capoeira da marginalidade e começar a ensiná-la

dentro de espaços fechados, para grupos de trabalhadores. Mas, ao contrário da capoeira regional, como nos diz Pires (2001, p.272) “eles não formaram um grupo coeso, pelo contrário, bastante heterogêneo”. Valdemar da Paixão e Amorzinho, Noronha, são alguns dos nomes que participaram ativamente da retirada da capoeira das ruas, antes, inclusive, da entrada de Pastinha no cenário da capoeira angola.

Pastinha nasceu em 1889 e aprendeu a capoeira ainda menino com um negro africano de Angola de nome Benedito. Viveu sua juventude da mesma forma que muitos outros capoeiras, trabalhando em diversas atividades, sem um emprego fixo e passeando entre a legalidade e a ilegalidade entrando, inclusive, em confrontos com a polícia, “era uma questão de moral não ser pego pela polícia” (PIRES, 2001, p.273).

Mas, apesar de sua proximidade com a capoeira das ruas, Pastinha acreditava na ascensão social da capoeira, que ela poderia e deveria ser aceita pela sociedade como uma prática cultural. Ao descrever a capoeira do passado, o criador da capoeira Angola dizia que a culpa da capoeira ser duramente reprimida pelas autoridades policiais, pertencia aos seus praticantes, que a utilizavam para práticas ilegais e, que esses indivíduos mereciam ser extirpados da capoeiragem. Pires (2001, p.274) afirma que, para Pastinha, “a prática dos grupos de capoeira do passado não aparece como resistência e sim como algo que impedia a capoeira de ascender socialmente”.

O discurso de Pastinha revela duas visões que ainda hoje fazem parte da tradição histórica passada pelos mestres angoleiros: a primeira é de que a capoeira é uma prática africana que, ao chegar ao Brasil, teve que se disfarçar de dança e brincadeira para continuar existindo escondida do feitor; a segunda, é que os capoeiras do início do século XX desvirtuaram a capoeira, tornando-a uma atividade marginal que merecia ser reprimida pela autoridade policial. Pastinha rompe com esses capoeiras e defende a difusão da capoeira Angola, assumindo como discurso, a retomada da antiga tradição da capoeira que chegou ao Brasil com os escravos e se desenvolveu nas senzalas, escondida dos senhores de engenho.

Mestre Pastinha, na sua juventude, se consagrou perante os grandes capoeiras da época como um dos grandes, mas se afastou da capoeiragem na década de 20. Logo, os primeiros esforços de consolidação da capoeira Angola não partiram de Pastinha. Outros mestres da capoeira Angola como Valdemar, Canjiquinha, Aberrê, Noronha, entre outros, começaram com iniciativas de consolidar a capoeira Angola na sociedade soteropolitana. Já na década de 40, após 20 anos afastado da capoeira, Pastinha relata em seus manuscritos que retorna a convite de Aberrê para assumir a liderança do centro de capoeira Angola, liderado por Amorzinho, após seu falecimento (PIRES, 2001, p.280). Esse convite revela o prestígio

que Pastinha havia conquistado no meio da capoeiragem, que mesmo afastado da sua prática, não tinha perdido sua posição de liderança.

Qualquer que seja a escola de capoeira, angola ou regional, a realidade é que a partir de Bimba e Pastinha, a capoeira deixou as ruas e começou seu lento processo rumo à aceitação das classes média e alta brasileiras. Começa então a se desenhar de forma mais clara a capoeira como a conhecemos e praticamos hoje: uma capoeira de grupos, com rituais bem definidos, uma hierarquia pautada na tradição e no respeito aos mestres, uma capoeira que ganhou o mundo.

Essa capoeira, que deixa as ruas e começa a ser ensinada de forma mais sistematizada, traz consigo o desenvolvimento de uma pedagogia capoeirana extremamente voltada para os saberes e valores do mestre e baseada no reconhecimento do grupo. Nessa prática pedagógica, o detentor da capoeira é o mestre, mas não um mestre autoproclamado, mas um título dado a ele por todo o grupo que o reconhece como tal.

Deixemos um pouco de lado a linearidade da história para tratar da forma como se deu o ensino e o aprendizado da capoeira na época dos seus primeiros registros, até o dia em que ela foi retirada das ruas. Mestre Canjiquinha, que foi aluno de Aberrê, conta como se iniciou na capoeira:

Então eu ficava só olhando
 Aí ele disse assim
 - Ô meu filho venha cá! Você quer aprender?
 Eu disse:
 - Quero
 Ele mandou abaixar. Quando eu abaixei, aí eu vi o pé.
 Eu pulei,
 Aí ele disse:
 - Ô meu filho, a partir de hoje eu vou lhe ensinar? (Depoimento de Mestre Canjiquinha apud ABIB, 2004, p. 122)

Neste depoimento Mestre Canjiquinha revela como a capoeira era ensinada pelos mais antigos. Naquela época não havia método de ensino da capoeira, também não havia um espaço determinado para isso. O iniciante aprendia capoeira nas situações reais da “vadiagem”, sendo que a roda de capoeira é o principal desses espaços.

Segundo Abib (2004), “a capoeira se aprendia de ‘oitiva’, ou seja, sem método ou pedagogia”, o aprendiz entrava na roda e vivenciava a capoeira, recebendo conselhos do seu mestre, assim como dos demais, observava como os outros jogavam e dessa forma ia moldando o seu próprio estilo de vadiar. Para iniciar seu discípulo, “o mestre geralmente pegava nas mãos do aluno para ‘dar uma volta’ com ele dar os primeiros passos” (ABIB,

2004, p.123), ou seja, o professor entrava na roda junto com seu aprendiz e, no próprio jogo, o mestre dava os primeiros ensinamentos ao seu discípulo. A partir daí o novato era considerado um capoeirista, e deveria buscar se aperfeiçoar com as experiências que seu mestre lhe proporcionasse.



Mestre Bimba ensinando um aluno a gingar

Fonte: http://capoeiramineira.blogspot.com.br/2010_03_24_archive.html

Diferente do ensino dentro da roda, vemos nessa imagem de Bimba outra forma de ensinar do início do século XX. Não se vê mais ninguém na imagem além do professor e do aluno, o primeiro toca o segundo conduzindo-o para que faça o movimento. Essa proximidade que leva o mestre a iniciar seu discípulo puxando-o pela mão é outro aspecto fundamental da forma como a capoeira era ensinada antigamente. Além da roda, nos espaços públicos, a capoeira também podia ser ensinada individualmente, em um espaço privado. Nesses locais o professor ensinava ao seu aluno os fundamentos da sua capoeira, mostrava onde colocar o pé, como reagir em cada situação, quando lutar e quando fugir, suas crenças, valores e tradições.

Esse aspecto da proximidade entre professor e aluno nos remete ao do título desse capítulo. Abib (2004, p.124) cita o depoimento do mestre Cobra Mansa: “O mais importante nessa tradição é o hálito, é o que você tá passando... a sua alma que você tá transmitindo. Então você não está transmitindo somente a sua palavra, mas o hálito... a alma... então quando você recebe aquilo, você tá recebendo uma tradição de muitos e muitos antepassados”. Ao

transmitir o seu hálito para seu discípulo o mestre passa muito mais que a movimentação da capoeira, ele transmite sua própria vida. Entre os dois se estabelece uma relação única e irrepetível, ambos são afetados imediatamente naquele instante em que o hálito do mestre é transmitido ao aprendiz. Esta relação que se estabelece entre os dois capoeiristas, acima de qualquer método, forma ou didática de ensino é a verdadeira essência da transmissão e perpetuação da capoeira, relação esta que será mais bem trabalhada no capítulo seguinte.

Vejamos agora o outro aspecto do ensino da capoeira presente no título: a capoeira ensinada pelo microfone. Após a descriminalização da prática da capoeira e a sua retirada das ruas iniciada pelos mestres Bimba e Pastinha, a capoeira experimentou uma crescente popularização. Com o passar dos anos mais e mais pessoas passaram a praticar a capoeira, da mesma forma alguns mestres aproveitaram para iniciar trabalhos com capoeira, e outros capoeiristas aproveitaram para se autointitular mestres e começarem a lecionar. Tudo isso levou ao surgimento, a partir da década de 1960, dos primeiros grandes grupos de capoeira, forma como os capoeiristas se organizam ainda hoje. Sem o intuito de entrar no mérito da questão, o fato é que a realidade onde um mestre se dedicava a ensinar apenas um ou poucos alunos perdeu espaço. Cada professor agora possui dezenas de alunos, o espaço do quintal de casa foi substituído por galpões, academias, quadras, locais espaçosos e, a roda de capoeira agora divide seu caráter educativo com o treino de capoeira, que se assemelha a uma aula, onde o professor ensina um movimento e todos os alunos o repetem.

Diante dessa nova realidade, muitos professores têm tantos alunos em seu treino que não conseguem mais falar com todos para explicar qual a proposta de atividade para a aula do dia. Eles passam a se utilizar do microfone para que todos possam escutar o que está dizendo. Aparentemente essa forma de ensinar é boa, pois alcança mais pessoas. Ao invés de poucos discípulos o mestre pode ter dezenas deles, e a sua voz chegará a todos eles. Essa é definitivamente uma das vantagens, mas também há outras questões. De fato, a palavra do professor chega a todos por meio das caixas de som, mas seu toque e seu hálito não conseguem chegar tão longe.

Com a popularização do ensino da capoeira, a relação mestre-discípulo se modifica. O ensino deixa, de um modo geral, a proximidade do hálito para a distância do microfone. Mas, as formas de ensinar dos grandes mestres do passado ainda persistem na realidade contemporânea. Os mestres, assim como os discípulos se adaptam e estabelecem uma nova forma de se relacionar, não pior, nem melhor que a anterior, mas diferente. Quem é esse mestre? Quem é esse discípulo? E como acontece a relação entre eles? Essas são as questões que irei aprofundar no próximo capítulo.

Capítulo II: A relação mestre e discípulo na atividade da capoeira

“Me ensinou que a capoeira
é muito mais que bater com o pé,
agradeço ao mestre que me ensinou
a ser Beribazu”
(Mestre Luiz Renato)

O trecho acima foi retirado de uma entre inúmeras canções que falam do mestre de capoeira. Diversas quadras, corridos e ladainhas são dedicados a essas pessoas que se destacaram em meio a vários capoeiristas e alcançaram o título máximo. Mas quem é o mestre de capoeira? Como ele chega a essa graduação? Será que apenas prosseguir na capoeira, ano após ano, evoluindo tecnicamente e subindo de graduação é o suficiente para se chegar ao último grau?

Uma breve pesquisa é o suficiente para perceber que o título de mestre não é restrito apenas à capoeira. Diversas outras culturas e atividades cultivam a figura de alguém que é reconhecido por seus pares como uma liderança e como um detentor de saberes que são transmitidos de geração em geração, de mestre para discípulo. Na cultura ocidental, essa função foi assumida, em parte, pelo professor, que pode ser encontrado em diversos ambientes, principalmente na escola. Diversas teorias pedagógicas definiram o papel do mestre, cada uma com suas particularidades.

Para Vigotski (2001, p.446) “toda teoria da educação apresenta as suas próprias exigências ao mestre”. Desde a pré-história o homem busca uma forma de educar as futuras gerações e cada sociedade, cada corrente pedagógica buscou definir as características do mestre ideal para suas necessidades educacionais. Para as sociedades pré-históricas a educação se dava de forma instintiva, semelhante aos animais. Segundo Cambi (1999, p.58), “também o homem primitivo, que, através da imitação ensina ou aprende o uso das armas, a caça e a colheita, o uso da linguagem...”. Para esse homem primitivo o mestre era aquela pessoa que estivesse exercendo sua função e o jovem ao ver como o adulto trabalhava o imitava e aprendia.

Com o surgimento da escrita e das sociedades antigas, a necessidade de se transmitir e preservar a cultura cresceu junto com o desenvolvimento tecnológico dos povos. Na civilização Assírio-babilônica “O templo é o verdadeiro centro social dessa civilização, o lugar onde se condensa a tradição e onde se acumula o saber” (CAMBI, 1999, p.65). Os egípcios da mesma forma tinham uma cultura profundamente ligada ao culto do divino, sendo

seu faraó inclusive visto como uma divindade escolhida pelos deuses para governar. “Todo o saber – religioso e técnico – era ministrado no templo, pela casta sacerdotal”. Os fenícios confiavam a educação do povo a algumas pessoas chave: “Os processos de formação coletiva são confiados ao ‘bardo’, ao ‘profeta’, ao ‘sábio’, três figuras-guia, das comunidades pré-literárias” (CAMBI, 1999, p.69). Por fim os hebreus, segundo o autor “Quanto aos profetas, deve-se lembrar que eles são os educadores de Israel, inspirados por Deus e continuadores do espírito de sua mensagem” (p.70).

Percebe-se uma forte ligação entre educação e religião, o que explicita um pouco do papel assumido pelo mestre nessas sociedades e nas que as sucederam. Sendo o sacerdote considerado mensageiro dos deuses, a sua palavra se tornava incontestável e o colocava em uma posição de superioridade em relação ao seu discípulo que ao ouvir a voz de deus, através do mestre, podia adquirir um pouco da sabedoria divina.

Além dessas sociedades acima citadas, a que mais nos influenciou foi a greco-romana. Na Grécia antiga havia uma forte relação pessoal entre mestre e discípulo. Segundo Cambi (1999, p.76) a formação do jovem guerreiro se dava “através de uma amizade (até carnal) com um guerreiro mais velho, que funcionava como treinador e guia”. Para a antiguidade romana a educação dos novos cidadãos se dava na prática e tinha como centro a família.

Com o crescimento filosófico e cultural dessas grandes potências da antiguidade, a educação se revolucionou com o surgimento embrionário do que hoje conhecemos como escola. Para o autor “a formação humana é para Sócrates maiêutica” (CAMBI, 1999, p.88), o homem deveria “por para fora” seus conhecimentos, duvidar deles e em seguida refletir sobre eles a fim de alcançar um esclarecimento maior daquilo que sabe. O mestre tem um papel fundamental nesse processo, ele deve aprofundar o diálogo com seu discípulo questionando-o sobre tudo, para que seja forçado a refletir até sobre suas certezas.

Com o declínio do império romano o cristianismo ascende como a religião oficial do império e a Igreja cristã se torna uma das mais importantes instituições da civilização ocidental por vários séculos. Quanto à educação “são evidentes alguns aspectos fundamentais da educação cristã: que é projetada e guiada por um mestre-profeta (como Cristo)” (CAMBI, 1999, p.123). Mais uma vez o ensino passa pela divinização dos mestres, que agora se assemelham à figura do Cristo, o mestre dos mestres. O jovem iniciado nessa doutrina devia espelhar suas ações sempre no Messias, podendo encontrar nos santos próximos dele exemplos de pessoas que souberam viver como Jesus viveu.

Sem a pretensão de exaurir a história da pedagogia saltaremos para a idade moderna, buscando as características do mestre no pensamento de alguns dos grandes teóricos da

pedagogia moderna. Juan Luís Vives, citado por Cambi (1999, p.264) afirma: “Chamo conhecimento só aquele que recebemos quando os sentidos são levados a observar as coisas corretamente e de maneira metódica, ao que nos conduz a clara razão, uma razão estritamente relacionada com a natureza da nossa mente que não existe ninguém que não a aceite como guia”. Com os princípios humanistas e antropocêntricos instaurados no período do renascimento, a fé perde espaço para a razão de modo que todos os conhecimentos que não provenham dela perdem força sendo marginalizados. O novo mestre escolar deixa de ser superior por se aproximar do divino, mas se mantém acima do seu discípulo por ser o conhecedor da verdade científica.

Montaigne, também citado por Cambi (1999, p.268), critica duramente as instituições educativas da época, tanto as escolásticas quanto as humanistas. Para ele “o resultado em ambos os casos é uma educação autoritária e pedante que não tem nenhum vínculo com a experiência concreta”. Essa figura do mestre ocidental é vista como um indivíduo superior aos demais ao ponto de ser o único capaz de elevar o intelecto dos seus discípulos ao seu próprio nível.

Outra figura importante na história da pedagogia ocidental foi Rousseau que, para Cambi (1999), foi o responsável por uma revolução da educação ao colocar a criança no centro de todo o processo, o “puercentrismo”. Ao mesmo tempo Rousseau critica as pedagogias da época: “aos jesuítas e aos seus colégios, Rousseau reprova a artificialidade de sua educação, intelectualística e livresca, autoritária e pedante; a aristocracia, de habituar os filhos à imitação dos adultos, de prepará-los quase exclusivamente para as práticas inaturais das boas maneiras e da conversação” (CAMBI, 1999, p.347).

Sobre o papel do mestre, o autor diz que, para Rousseau “é necessário ‘apoderar-se’ do menino e ‘não deixá-lo mais até que se torne homem’, acompanhando-o constantemente, mas ‘sem que ele perceba’” (CAMBI, 1999, p. 348). Vigotski (2001) concorda com Cambi (1999) ao dizer que Rousseau considera o mestre como um vigia e protetor do seu aluno, sendo sua função evitar que sua educação sofra com as más influências. Para Rousseau, mesmo saindo do centro do processo educativo, o professor mantém a função de evitar que o aluno se perca, de colocá-lo no caminho certo, dando a entender que apenas o docente é capaz de distinguir plenamente o caminho correto em meio a vários errados.

Indo na contramão do desenvolvimento da didática, Rancière (2010, p.49) diz que “os procedimentos colocados em prática importam pouco, neles mesmo.” Seja qual for o método utilizado pelo mestre, este não terá nenhum controle sobre a capacidade de aprendizado do seu discípulo; o professor pode controlar o que ele ensina, mas não o que o aluno aprende.

Dewey, considerado um dos maiores pedagogos do século XX, citado por Cambi (1999, p.552), afirma: “um papel novo cabe ao professor: ele não é mais a figura essencialmente autoritária que distribui o saber através de uma aula de tipo intelectualista e aquele que controla a aprendizagem de técnicas culturais específicas por parte dos alunos, mas um guia que organiza e regula os processos de pesquisa da classe, um animador das várias atividades escolares”. Vigotski (2001, p.448) também concorda com esse novo modelo de mestre ao afirmar que:

Uma aula que o professor dá em forma acabada pode ensinar muito mas educa apenas a habilidade e a vontade de aproveitar tudo o que vêm dos outros sem fazer nem verificar nada. Para a educação atual não é tão importante ensinar certo volume de conhecimento quanto educar a habilidade para adquirir esses conhecimentos.

Um professor que domine um determinado conteúdo é capaz de ensinar, de transmitir tal conhecimento a quem se interessar. Da mesma forma, um livro, um vídeo ou um artigo encontrado na internet também são capazes de ensinar o mesmo conteúdo, basta que o aluno busque o que deseja aprender e o aprenderá.

Quando um professor se presta a dar todo o conteúdo de forma acabada, o aluno não tem necessidade de buscar nenhum outro conhecimento. Esse mestre seria como a leoa mãe que deixa seus filhotes protegidos dentro da cova e vai caçar. Todo dia ela chega carregando um animal em sua boca e o entrega para que os pequenos leões saciem sua fome. Se a mãe leoa continuar a alimentar seus filhotes e não deixá-los sair em busca de seus próprios alimentos eles irão crescer e continuar dependentes de sua mãe, incapazes de sobreviver sozinhos.

Por outro lado, a leoa não pode ensinar os leõezinhos a caçar dentro da cova, não há teoria ou simulação que seja capaz de ensiná-los. Para aprender a sobreviver no ambiente selvagem sozinhos, eles precisam ir para o meio da savana, tentar pegar o primeiro antílope e falhar, e assim por diante, até que suas habilidades instintivas de caçador se desenvolvam enquanto caçam. À mãe leoa cabe o papel de observar, proteger e orientar seus filhotes no seu desenvolvimento.

Essa mesma relação pode ser aplicada para o professor e aluno. O mestre tem o conhecimento e é capaz de nutrir a fome de seu discípulo, caçar na savana e trazer o alimento para dentro da cova. Mas, dessa forma, o aluno nunca sairá da cova, acomodado com o conhecimento pronto e fácil que vai até ele. Ao aprender tudo dentro da sala de aula, quando se deparar com o meio social em que vive, nada fará sentido, ele não aprendeu a buscar o

conhecimento na fonte, recebeu-o de forma hermética, livre de qualquer relação com o meio social.

Esta relação acima descrita é a que Rancière (2010) chama de embrutecimento. Esse tipo de mestre, chamado de embrutecedor ou explicador, atua na incapacidade do aluno, faz com que este perceba que nada sabe e que precisa da inteligência de outro para que possa aprender alguma coisa. “Ninguém nunca sabe, de fato, o que compreendeu. E, para que compreenda, é preciso que alguém lhe tenha dado uma explicação...” (RANCIÈRE, 2010, p. 20-21). Pela lógica do explicador, o aluno é dotado de uma inteligência inferior incapaz de compreender sozinho o conhecimento que está posto à sua frente, portanto, se torna necessária a interferência de uma inteligência superior que explique o que ele não consegue aprender.

“Antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e espíritos imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos” (RANCIÈRE, 2010, p.23-24). Essa divisão de espíritos é o princípio fundamental do método do mestre embrutecedor, ele precisa do inferior, precisa criar uma distância imaginária entre o aluno e o conhecimento que ele ignora, para que, como mestre explicador, ele possa aparecer e fazer com que o aluno compreenda o que antes ignorava.

Outro tipo de mestre descrito por Rancière (2010, p.34) é o ‘mestre emancipador’. Sua função, na concepção do autor, é forçar o aluno a usar a própria inteligência. Segundo ele, “Mestre é aquele que encerra uma inteligência em um círculo arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma”.

O professor que procura emancipar não se preocupa com o que deve ensinar. O círculo arbitrário do qual o autor fala é qualquer conhecimento que seu discípulo ainda não possua e que deseje adquirir. Ao mestre não importa a natureza do conhecimento a ser alcançado, nem mesmo se ele próprio o domina. Enquanto emancipador o mestre deve possibilitar o contato da inteligência do aluno com o que busca aprender para que, com suas próprias forças, saia do ‘círculo’ em que foi encerrado.

Para o autor o discípulo deve ser dotado de uma energia ativa que “em toda a parte deve não viver do alimento que o mestre lhe fornece, mas procurar por conta própria e obter conhecimentos, mesmo quando os recebe do mestre” (RANCIÈRE, 2001, p.447). Vigotski (2001) concorda com Rancière ao afirmar que não cabe ao mestre educar o aluno, transmitir-lhe os conteúdos necessários ao seu desenvolvimento. Na concepção de mestre que Vigotski (2001, p.448) traz, “Cabe-lhe tornar-se o organizador do meio social, que é o único fator

educativo”. Considerando a educação do aluno o objetivo principal do processo educativo e sendo o meio social o único fator educativo, o mestre perde seu lugar no centro de todo o processo. Ele, na concepção de Vigotski, ocupa outro lugar, o de organizador do ambiente social.

O mestre, ao assumir a função de organizar o meio, percebe que as qualificações que lhe eram necessárias como mestre explicador não lhe servem mais. Ele não precisa mais saber todo o conteúdo para ensiná-lo, também não lhe é necessário elaborar um plano de aula em que tenha que explicar ordenadamente o que o aluno deve saber. Esse mestre emancipado, que se presta a organizar o meio social deve se espelhar no mestre ignorante proposto por Rancière. O autor retrata a experiência de Jacotot, professor acadêmico de longa carreira que, por conflitos políticos, se exilou nos países baixos onde trabalhou como professor na universidade de Louvain. Jacotot não conhecia o holandês e tampouco seus alunos dominavam o francês. Buscou então um meio de estabelecer “o laço mínimo de uma *coisa* comum” (RANCIÈRE, 2010, p.18). O professor se utilizou de um livro, *Telêmaco*, que na época teve publicada uma versão bilíngue e pediu para que os alunos aprendessem o texto francês utilizando por base a tradução em holandês. Não bastasse pedir para que aprendessem o francês sozinhos, o mestre pediu para que seus discípulos escrevessem em francês as impressões que tiveram da leitura. Para Jacotot, como cita Rancière (2010, p.18-19), “qual não foi a surpresa quando descobriu que seus alunos, abandonados a si mesmos, se haviam saído tão bem dessa difícil situação quanto o fariam muitos franceses”. Essa experiência revelada pelo autor mostra que é possível aprender algo sem que haja explicação.

Eles haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre. Antes, não sabiam e, agora, sim. Logo, Jacotot havia lhes ensinado algo. No entanto, ele nada lhes havia comunicado de sua ciência. Não era, portanto, a ciência do mestre que os alunos aprendiam. Ele havia sido mestre por força da ordem que mergulhara os alunos no círculo de onde eles podiam sair sozinhos, quando retirava sua inteligência para deixar as deles entregues àquela do livro (RANCIÈRE, 2010, p.31)

Os alunos de Jacotot foram entregues ao livro sem qualquer explicação por parte do professor. Receberam a tarefa que deveriam executar e apenas um recurso, o *Telêmaco* na sua versão bilíngue. Não foi a sabedoria do mestre que ensinou, mas sim a ação dos discípulos. Jacotot deu uma ordem para que seus alunos executassem uma tarefa, e foi exatamente a sua execução por parte dos alunos que possibilitou o aprendizado. A experiência de Jacotot revelou que o aprendizado do aluno está diretamente ligado à sua própria vontade, não à

vontade do mestre. Como já citado anteriormente, pouco importam os procedimentos praticados; ao professor basta querer ensinar, e ao aluno querer aprender; a forma, o método a ser aplicado pode variar, mas a vontade é indispensável para ambos.

Entre os diversos mestres da sociedade ocidental descritos acima, na capoeira, o mestre emancipado e emancipador, citado por Rancière (2010) e defendido por Vigotski (2001) é um dos pilares de sustentação de toda cultura e tradição dessa atividade. De fato, o mestre de capoeira, se assemelha àqueles das sociedades cuja transmissão de conhecimento é feita de maneira oral. Para entender sua importância, precisamos compreender a importância da oralidade e da tradição nas sociedades onde não existe escrita. “Tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 2010, p.140). Nas sociedades iletradas, essa tradição assume um papel central na sua perpetuação; o testemunho é o único meio que os mais velhos têm de deixar seus conhecimentos para os mais novos.

Um grande exemplo dessas sociedades iletradas são as comunidades tradicionais africanas. Nelas o testemunho, segundo Bâ (2010, p.168) “é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra”.

Existem dois valores essenciais que gostaria de explorar: o do homem e o da cadeia de transmissão. De acordo com o primeiro, dependendo de quem fala, o testemunho terá maior ou menor aceitação, de modo que apenas alguns poucos são reconhecidos como verdadeiros mestres transmissores da tradição do seu povo, conhecidos como “doma” (conhecedor). “Dir-se-á de um “Conhecedor” respeitado ou de um homem que é mestre de si mesmo: “É um *Maa!*” (ou um *Neddo*, em fulfulde), quer dizer, um homem completo” (BÂ, 2010, p. 178).

O segundo valor citado é o da cadeia de transmissão, segundo o autor “Existe sempre referência à cadeia da qual o próprio *Doma* é apenas um elo. Em todos os ramos do conhecimento tradicional, a *cadeia de transmissão* se reveste de uma importância primordial” (BÂ, 2010, p.181). Essa cadeia nada mais é do que o caminho pelo qual o conhecimento passou até chegar ao *doma*. De nada valerá um testemunho se não estiver alicerçado em fontes fidedignas. Quem iniciou o *Doma*? Quem foi seu mestre? Quem lhe transmitiu as histórias que conta? Qual sua casta? As respostas a todas essas perguntas definem a cadeia de transmissão de um “conhecedor”. Para Bâ (2010, p.174) “O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: “Aprendi com meu Mestre”, “Aprendi com meu pai”, “Foi o que suguei no seio de

minha mãe””.

A capoeira, sendo uma arte brasileira com fortes influências africanas, bebeu nessa fonte. A tradição dos grandes mestres, a linhagem do professor, seu núcleo de origem são como o sobrenome do capoeirista e o seguem aonde quer que vá. Caso um aluno de determinado grupo viaje ou se mude para outra cidade e vá treinar com outro professor, este certamente perguntará: onde você treinava na sua cidade, quem era seu mestre, qual a sua graduação no seu grupo? E as respostas a essas perguntas definirão o tipo de tratamento que o visitante receberá durante o treino e a roda.

De fato, o mestre exerce um papel fundamental e central na tradição da capoeiragem. Portanto, para compreender a capoeira é preciso compreender melhor a figura do mestre. Para isso, vamos acompanhar um personagem fictício que chamaremos de *Besouro* em sua longa caminhada rumo à sua consagração como mestre.

Besouro pouco sabia sobre a capoeira e o primeiro contato com ela foi na adolescência, quando um mestre da cidade começou a ensinar a arte da capoeira em sua escola. Junto com seus amigos de sala, nosso futuro mestre começou a treinar capoeira. Nos primeiros momentos, essa atividade, para Besouro, era restrita ao ambiente escolar, as rodas os treinos, os camaradas eram todos da escola e o único mestre com quem tinha contato era aquele que o iniciara na capoeira e conduzia seus treinos. Ele conhecia muito pouco do universo da capoeiragem e a recíproca também se fazia verdadeira, o universo da capoeira não conhecia esse novo capoeirista.

Besouro não faltava a um treino e, inclusive, praticava os movimentos fora dos horários. Seu desenvolvimento no jogo era notável e o destacava dos demais. Ele logo chamou a atenção do mestre, que passou a pedir a sua ajuda nos treinos com os mais iniciantes. Com o tempo a relação entre mestre e discípulo foi se aprofundando; o que no início era apenas professor-aluno evoluiu para uma relação de amizade, de pai e filho.

Mas, o mundo é muito maior que a escola e o mestre não estava separado dele. Ele possuía seu grupo e era reconhecido diante de toda a cidade como um grande capoeirista. Percebendo a evolução dos seus alunos, o mestre passou a levá-los consigo para rodas fora da escola, apresentou-os para o resto do seu grupo e Besouro estava no meio desses alunos. A partir daí o universo de capoeira de Besouro se ampliou, ele descobriu que ela tinha muito mais a oferecer. Nosso futuro mestre fez amizade com capoeiristas de outros núcleos de treino e começou a participar de batizados e graduações pela cidade. A agenda de capoeira de Besouro se ampliou com eventos e novos locais de treinos para visitar e a sua qualidade técnica e de jogo aumentou.

Algum tempo depois, Besouro recebeu a corda de professor do seu grupo e começou a lecionar capoeira sob a supervisão de seu mestre. Ao virar professor, tratou de ensinar seus alunos da melhor forma possível, inspirado no seu mentor, que também lhe dava conselhos sobre o que deveria fazer. Besouro, por já ser um capoeira bem conhecido na cidade, começou a receber convites de seus amigos, inclusive de outros grupos, para participar de diversos eventos e ministrar oficinas para alunos de outros mestres, bem como visitar outros núcleos e receber visitas com seus alunos, da mesma forma que seu mestre fizera com ele quando ainda era aluno.

Para Besouro, a capoeira passou a ser muito mais do que uma simples atividade, passou a ser parte integrante e fundamental de sua vida pois, a todo o momento, pensava novas formas de treino, novos movimentos ou sequências, repassava em sua mente jogos que fizera com seus colegas em busca de novas possibilidades. Começou a elaborar projetos junto com seus amigos em prol da capoeiragem em sua cidade e de seu grupo. Besouro passou a considerar essa atividade como sua própria vida, e seus camaradas, a sua família.

Mais algum tempo se passou, e o reconhecimento que levou Besouro à condição de professor aumentou ainda mais, ele já possuía vários alunos, inúmeros amigos e, todos o respeitavam como alguém que dominava e transmitia a tradição da capoeira, até o dia em que oficialmente recebeu a corda e o título de mestre do seu grupo.

Esse breve conto, teve por objetivo ilustrar alguns aspectos fundamentais que definem a pessoa do mestre de capoeira. Como pudemos ver, muito antes de alcançar essa condição, o mestre faz parte da história do seu grupo, aprende de outro mestre, convive com os outros capoeiras do grupo, faz amizades, troca experiências, vivencia a capoeira no sentido trazido por Vigotski, *perejivanie*, e explorado por Prestes (2010, p.120). Esse conceito de vivência é definido como a unidade da personalidade da pessoa e do ambiente, ou seja, é a unidade formada de modo inseparável pela pessoa com a realidade que a cerca. A definição encontrada por Prestes (2010, p.121) da palavra vivenciar que ela considera melhor para definir o sentido de *perejivanie* trabalhado por Vigotski é “viver (uma dada situação) deixando-se afetar profundamente por ela”.

No processo de desenvolvimento da pessoa até que chegue à condição de mestre, o capoeirista precisa vivenciar a capoeira, ou seja, se tornar unidade com ela. Mestre-capoeira passa a formar uma palavra princípio no sentido de EU-TU, explicado por Buber (2001), ou seja, não existe um sem o outro. Da mesma forma, o mestre não domina ou possui o conhecimento da capoeira, ele é algo que faz parte da cultura de um povo, mas dela tudo sabe,

pois está em relação. Este conceito de relação buberiana será mais explorado à frente neste capítulo.

Vale ressaltar que nem todos os capoeiristas e mestres possuem esses valores. Muitos são os capoeiristas que apenas comparecem aos treinos para gastar calorias, e pouco absorvem da cultura e da tradição dessa arte-luta, outros ainda defendem valores e práticas opostas aos defendidos pela tradição da capoeira. Portanto faz-se necessário diferenciar os verdadeiros praticantes e defensores dessa cultura. Os identificarei como “capoeiras”, denominação que inicialmente identificava os praticantes dessa arte-luta e, que identificará, neste trabalho aqueles que mergulham na cultura da capoeira, que fazem da capoeira uma parte fundamental de suas vidas transformando e sendo transformados por ela. O mestre verdadeiramente reconhecido pelo seu grupo e emancipador será chamado de ‘mestre capoeira’ e o discípulo que vivencia verdadeiramente a capoeira será chamado de ‘discípulo capoeira’.

A capacidade de afetar a capoeira que o capoeira possui é notada pelo grupo e, se a comunidade perceber essa transformação proporcionada pelo indivíduo como algo positivo que engrandeça o coletivo, ele é reconhecido como alguém que não apenas joga capoeira, canta ou toca instrumentos, mas como alguém que faz a capoeira acontecer, não apenas como um momento de roda ou treino, mas como cultura, como vivência para todos os envolvidos. Esse reconhecimento leva naturalmente à consagração do capoeirista como mestre capoeira.

O novo mestre entra para um seleto grupo de indivíduos que é visto por todos os outros como um sábio, alguém que conhece profundamente seu ofício. O mestre capoeira é uma pessoa que inspira respeito e admiração da parte de seus alunos e de outros capoeiristas.

Outro aspecto fundamental do mestre capoeira é a liderança que este exerce diante de todo o seu grupo. Ele é um líder cujas palavras e ações têm relevância tanto para seus alunos quanto para todos os capoeiristas de seu grupo. Tratando do papel do líder, Reis (2006, p.40) diz que “Em geral, líderes mantêm a coesão do grupo e trazem à tona regras especiais para engajamento e pertencimento, estabelecem rituais de iniciação para novos membros, entre outros.”. Em outro trecho, concordando com Ling (2000), Reis (2006, p.40-41) estabelece quatro fatores para a liderança: moralidade pessoal, eficiência nas metas, competência interpessoal e versatilidade.

O mestre capoeira enquanto líder é o responsável pela unidade do grupo; sua percepção da capoeira, sua forma de entrar na roda, sua concepção do ritual e das tradições são absorvidas pelos demais capoeiristas e tomadas como regra de conduta. Sabendo disso é necessário àquele que assume a frente do grupo uma postura ética, condizente com os valores que busca transmitir aos demais. O mestre capoeira assume uma posição de destaque diante

de todos. Suas ações estão sempre em evidência, ele se torna uma pessoa pública que todos estão sempre observando, seja para o bem, seja para o mal, tudo isso passa pelo fator da moralidade pessoal. O líder também precisa ser eficiente, saber estabelecer metas viáveis para o grupo e alcançá-las junto com os demais com o mínimo de desvios possível. Ninguém irá querer seguir uma pessoa que não saiba aonde quer chegar, ou que mude de objetivos a cada semana sem nunca alcançar nenhum deles. Outro dos fatores citado por Reis (2006) é a competência interpessoal. Nenhum dos fatores anteriores é aplicável ao grupo se o mestre não souber se relacionar com seus pares, sejam eles outros professores e mestres ou seus discípulos. Por fim se espera naturalmente de um líder que ele tenha versatilidade de lidar com as possíveis adversidades que possam surgir na vivência comunitária.

O mestre deve ser como um guia para os seus discípulos. Aquela pessoa que conhece a região, que conhece suas histórias, suas trilhas e segredos e está disposta a levar quem tiver interesse aos mesmos espaços que um dia ele próprio desbravou, sozinho ou com a companhia do seu mestre. Para aquele que é considerado mestre capoeira não basta apenas possuir o conhecimento, ele precisa ter a vontade de transmitir aos demais aquilo que um dia aprendeu.

Ao discípulo cabe outro papel fundamental. Não é o mestre que vai atrás dos discípulos, e sim os discípulos que vão atrás do mestre. Não cabe ao mestre dizer qual o objetivo final, este deve partir da vontade do aluno. Deve partir do discípulo a necessidade de alcançar um objetivo, ele é quem decide que se tiver alguém para orientá-lo poderá alcançar seu objetivo mais facilmente. Então procura um mestre para guiá-lo no caminho que escolheu trilhar.

Sendo procurado, o mestre decide se quer e se está apto a orientar o candidato a discípulo, se for da vontade do mestre orientar o aluno, as duas vontades, do aluno de aprender e do mestre de ensinar, se encontram e, nesse encontro se inicia a trilha. O mestre não necessariamente é alguém que conhece o objetivo ou já percorreu o caminho, mas ele conhece os meios de se guiar pelo caminho desconhecido e sabe identificar o objetivo a ser alcançado. O mestre mostra o caminho ao seu discípulo, diz o que é importante para conseguir trilhá-lo com segurança e percorre o caminho. Mas não basta o mestre percorrer o caminho, o aluno precisa fazê-lo também, senão nunca chegará ao seu objetivo. O aluno então segue seu mestre para que os dois, lado a lado percorram o caminho e enfrentem os obstáculos que porventura possam surgir para que juntos alcancem o objetivo final traçado pelo discípulo.

O mestre capoeira, sendo guia dos discípulos não pode ser um mediador, uma ponte que os liga ao conhecimento. A ponte permanece estática enquanto os passantes caminham por cima dela, já o guia caminha junto com os alunos pela ponte, pela trilha e qualquer outro lugar que o conhecimento possa levá-los.

Outro aspecto do mestre que guia seus discípulos é que não lhe cabe entregar o objetivo ao seu aluno. Este deve ser alcançado pelo próprio discípulo e ao professor resta a função de mostrar o caminho e caminhar junto a seu aluno em sua busca.

A relação pedagógica se estabelece a partir do momento em que a vontade de aprender do discípulo encontra a vontade de ensinar do mestre. Os dois indivíduos embarcam juntos na trajetória rumo ao objetivo final estabelecido pelo aluno, e nenhum dos dois voltará dessa trilha da mesma forma que entrou.

Como pudemos perceber, o papel do discípulo é tão importante quanto o do mestre, de tal modo que não pode existir um se não houver o outro. Tendo analisado a figura do mestre anteriormente, faz-se necessário também discutir quem é o discípulo.

Para a capoeira, o discípulo capoeira é aquele que trilha o caminho pela primeira vez, que se entrega nas mãos do seu mestre e se deixa transformar durante o trajeto, não saindo nunca da trilha da mesma forma que entrou. É aquela pessoa que busca aprender alguma coisa que um professor ou mestre tem a ensinar. Mas o que o define?

Temos duas possíveis origens etimológicas do vocábulo ‘discípulo’: “do latim hispânico ‘*discipere*’ com o significado de ‘aprender pela mente’” (MARTINS, 2005, p.34) e da palavra ‘*discipulus*’ “do verbo *díscere*, significando ‘aprender’ ou ‘receber o ensino de alguém’” (MARTINS, 2005, p.34).

Já o vocábulo ‘aluno’ provém do latim ‘*alumnus*’. “Cunha (1982) dá a aluno a acepção de aquele que recebe instrução e/ou educação. Houaiss reconhece, também, que o vocábulo é originário do latim e significava ‘criança de peito, lactente...’” (MARTINS, 2005, p.34).

Considerando essas definições, o aluno ou discípulo é aquela pessoa que recebe de seu professor ou mestre, um ensinamento. Vejamos a criança de peito ‘*alumnus*’, ela tem necessidade de se alimentar para se desenvolver, e nos primeiros meses de sua vida, a maior parte de sua alimentação provém do leite materno. Quando a criança está com fome ela chora para chamar a atenção da mãe. Esta, por sua vez, querendo acalmar seu filho, busca descobrir o que há de errado, concluindo que o neném está com fome, oferece-lhe o peito. A criança então tem o trabalho de sugar o peito da mãe para fazer com que o leite saia, não é uma tarefa fácil para uma criança que ainda está descobrindo como utilizar seu corpo, mas a fome faz

com que ela se esforce e consiga se alimentar. Por outro lado, se a criança não estiver com fome, mesmo que a mãe ofereça o peito, a criança não o sugará, não importa o esforço que esta faça para alimentar seu filho.

Assim como acontece com a alimentação de uma criança de peito querendo se alimentar, também o aluno busca o conhecimento. Desde os primeiros anos de vida a criança já busca aprender coisas novas que lhe pareçam necessárias, primeiro ela quer andar para ter autonomia de locomoção, poder ir onde seus pais estão indo, sem deles depender. Também na mesma época ela quer aprender a falar, para poder se comunicar. Algum tempo depois ela descobre as letras e quer aprendê-las para poder ler e escrever, compreender por si as histórias que seus pais liam enquanto lhe mostravam as figuras, e assim por diante, as necessidades e as vontades vão surgindo e a criança procura um meio de aprender aquele conhecimento que ela deseja.

Caso a criança prossiga nesse caminho, ela estará indo em direção à emancipação intelectual que, para Rancière (2010), é forçar o aluno a usar a sua própria inteligência. Sendo emancipada, a criança se torna livre da necessidade de explicação dos adultos, é capaz de aprender tudo, basta que a sua vontade a guie. “Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez. Ele saberá que pode aprender porque a mesma inteligência está em ação em todas as produções humanas...” (RANCIÈRE, 2010, p.37).

Diversos educadores do século XX concordam com os ideais de emancipação intelectual de Rancière. A educação tradicional continuou sofrendo fortes críticas com relação aos papéis desempenhados por professores e alunos dentro de sala de aula. A passividade do segundo frente ao autoritarismo do primeiro era e ainda é um dos principais pontos criticados pelos pesquisadores da educação.

Somando às ideias de Vigotski, citado anteriormente, que elaborou um ensaio sobre qual deve ser o papel do mestre ao lidar com seu discípulo, e Rancière que propôs aos envolvidos na educação o caminho da emancipação, Maria Montessori defende uma educação pautada na liberdade com o intuito de promover o desenvolvimento. “Ela tem a convicção de que a educação só é alcançada com a atividade própria do sujeito que se educa; apela a uma maior liberdade para satisfazer os estímulos próprios do aluno” (SEBARROJA, 2003, p. 26). Para Montessori, a única forma de alguém aprender algo é através da ‘atividade própria’, ou seja, só se aprende fazendo. O aluno deve se sentir livre para realizar de forma espontânea suas atividades no tempo e da forma que achar melhor.

Além da liberdade, outro aspecto fundamental para a aplicação do método de Montessori é a autonomia do discípulo. Para ela é “indispensável que ela (criança) consiga

autonomia mediante a aquisição de níveis progressivos de independência física e afetiva, o que implica autoestima e independência de vontade e pensamento” (SEBARROJA, 2003, p. 30). Indispensável para a prática da liberdade, a autonomia deve pautar qualquer ação educativa na qual o discípulo esteja no centro. Ela deve ser capaz de buscar seu próprio conhecimento e identificar suas necessidades para que, reconhecendo-as busque, junto a seu mestre, inclusive, aprender tudo aquilo que necessitar.

Freinet nos traz outro princípio, o da cooperação. “Aplicar as técnicas de Freinet significa dar a palavra ao aluno, partir dele, de suas capacidades de comunicação e de cooperação” (SEBARROJA, 2003, p. 75). O princípio da cooperação afirma que o discípulo deve estar em posição de igualdade com o mestre, o grupo como um todo deve agir em conjunto rumo ao aprendizado. Tudo se inicia a partir da comunicação e da cooperação entre os indivíduos participantes do ambiente de aprendizagem.

Por fim, temos Paulo Freire, educador brasileiro que se destacou mundialmente pelas suas ideias de educação libertadora, focando suas ações para a educação e alfabetização de jovens e adultos. Freire (2005) critica a educação bancária, ou seja, o professor se considera dono de todo o saber e deposita o conhecimento na cabeça de seus alunos, da mesma forma que um correntista deposita dinheiro em sua conta no banco. Segundo Sebarroja (2003, p.134) Freire contrapõe a forma ingênua de conhecimento da escola tradicional ao “conhecimento crítico como compreensão da realidade a partir da capacidade de desvelar as situações e razões que determinam uma práxis social, cultural e econômica em um determinado momento histórico”. Sendo assim, o conhecimento que o discípulo aprende deve torná-lo capaz de se posicionar criticamente diante das situações reais que possam aparecer. O saber sem um contexto social é ingenuidade, em oposição a ele está o saber crítico buscado por Freire em sua proposta educativa.

No entendimento de Freire não existe aquele que sabe mais que outro. Cada um possui os conhecimentos que sua experiência de vida os proporcionou, ou seja, cada um possui um saber diferente e todos possuem seu valor.

Estas questões também se aplicam à capoeira. O espaço da capoeira é bastante diverso, existem práticas educativas das mais embrutecedoras às mais emancipadoras, sendo assim, a visão de capoeira que aqui coloco retrata apenas um recorte da realidade. Na minha vivência de capoeira e na perspectiva que os mestres entrevistados para esta pesquisa defendem, pude perceber que aquele que busca aprender a capoeira deve se emancipar para se tornar verdadeiramente um capoeira. O treino, como se organiza, não permite que o mestre ensine tudo que a capoeira pode oferecer ao seu aluno. O professor deve deixar oportunidades

para que ele corra atrás do conhecimento não só no horário de treino, mas também fora dele. No horário da aula o mestre guia a movimentação enquanto todos repetem o que ele está orientando. Cabe então ao aluno repetir cada movimento e buscar entender no seu corpo como se executa tal movimento, que músculos devem ser acionados, qual a postura que deve manter para não desequilibrar, de onde deve sair a força da movimentação para que ela aconteça de forma mais orgânica.

Nada disso o mestre consegue explicar, ele pode orientar detalhes de movimentação, como posição do pé, se deve ficar mais aberto ou mais fechado, se deve ser paralelo ou cruzado, posição da coluna, que deve seguir a linha da perna durante a ginga, braços sempre protegendo o rosto, entre outros detalhes visíveis que podem ser foco da orientação do professor. Mas, ainda cabe apenas ao capoeirista analisar com a sua inteligência todas as orientações e adaptá-las à sua realidade corporal.

Cada corpo é diferente, um é mais magro, outro é mais alto, um terceiro tem mais flexibilidade, não se pode esperar que todos executem a mesma movimentação da mesma forma. Um exemplo que retrata bem essas diferenças é o filme da DreamWorks “KungFu Panda” (2008) no qual em um mesmo local de treinamento de kung fu treinam um louva-deus, uma tigresa, um macaco, uma serpente, uma garça e por fim um panda. O filme ensina que todos são capazes de aprender o kung fu, desde que sejam capazes de adaptar todos os ensinamentos à sua realidade corporal.

Da mesma forma ocorre na capoeira. O discípulo não seria capaz de imitar todos os movimentos do seu mestre, mas deve apreender o que ele tiver para ensinar e adaptar tudo à sua realidade, ou seja, deve criar o seu jeito de jogar, a sua identidade.

Não existe explicação do mestre, que seja capaz de reduzir o esforço necessário do aluno para que compreenda e execute com fluidez qualquer movimento da capoeira. Segundo Rancière (2010, p.23), “As explicações, depois que se iniciou a era do progresso, não cessam de se aperfeiçoar para melhor explicar, melhor fazer compreender, melhor ensinar a aprender, sem que jamais possa se verificar um aperfeiçoamento correspondente na dita compreensão”. O fracasso da evolução das explicações na melhoria da compreensão é uma prova irrefutável do fato de que o aprendizado do aluno não está de forma alguma relacionado ao ensino do professor. “O aluno deve ver tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à tríplice questão: o que vê? O que pensa disso? O que fazes com isso?” (RANCIÈRE, 2010, p. 44).

A primeira questão colocada por Rancière explicita o fato de que o aluno emancipado deve sempre estar atento ao que está à sua volta para que possa descrever tudo o que vê. Na

segunda questão, tendo descrito tudo o quanto sua vista alcança, o aluno deve ser capaz de pensar a respeito, elaborar hipóteses, fazer associações com o que já conhece, sem a obrigação de encontrar prontamente a verdade, mas simplesmente de pensar alguma coisa a respeito do que viu. Por fim, ele se pergunta: O que faço com isso? Isso sendo não apenas o que ele tenha visto e analisado, mas também o próprio conhecimento que adquiriu a partir de todo seu pensamento.

Tendo passado por essas três etapas, o aluno emancipado certamente chegará a um conhecimento novo. Segundo Rancière (2010, p. 57) “Quem busca, sempre encontra. Não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que *é preciso encontrar*. Mas encontra alguma coisa nova, a relacionar à *coisa* que já conhece. O essencial é essa contínua vigilância...”.

Já aprofundamos o conhecimento sobre o mestre e o discípulo, mas não se pode concebê-los separadamente. Não existe mestre sem discípulo, da mesma forma que não existe discípulo sem mestre, ambos só podem existir em relação que, para Buber se manifesta nas palavras princípio EU-TU e EU-ISSO. “As palavras-princípio não expressam algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência” (BUBER, 2001, p.03). O autor coloca que não se pode separar os indivíduos que se encontram nas palavras-princípio, pois elas não são a soma de um “EU” com um “ISSO” ou um “TU”, elas formam uma existência completa e indivisível no espaço da relação. Para Buber, não existe um EU se não houver um TU ou ISSO para quem possa dizê-lo, da mesma forma não pode existir TU ou ISSO se não tiver um EU que o diga.

Quando o homem diz EU, ele quer dizer um dos dois. O EU ao qual ele se refere está presente quando ele diz EU. Do mesmo modo quando ele profere TU ou ISSO, o EU de uma ou outra palavra-princípio está presente.

Ser Eu, ou proferir a palavra EU são uma só e mesma coisa. Proferir EU ou proferir uma das palavras-princípio são uma só ou a mesma coisa (BUBER, 2001, p.04).

Para compreendermos melhor como acontece a relação para Buber, vamos nos debruçar um pouco mais sobre as duas palavras princípio. Ao descrever uma relação EU-TU Buber (2001, p.18) diz: “Relação é reciprocidade. Meu TU atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam”. Tanto o EU quanto o TU, ao formarem a palavra princípio EU-TU, estão abertos à atuação transformadora do outro, o verdadeiro mestre não ensina apenas, assim como o discípulo não aprende somente,

ambos ensinam e aprendem um com o outro e se formam na relação. Ou seja, o discípulo não é tão inferior que não seja capaz de ensinar nada e o mestre não é tão superior que seja incapaz de aprender algo novo.

A relação EU-TU proposta por Buber (2001) deve ser horizontal. O mestre não deve ser superior a ninguém, ele é a referência de conhecimento em uma prática, alguém que é respeitado naquele meio, mas que não deve assumir um status divino por conta do seu saber. Uma música da capoeira retrata bem essa questão: “Sou discípulo que aprende, sou mestre que dou lição...”. Um capoeira é sempre capaz de ensinar algo, ao mesmo tempo em que nunca deixa de aprender.

Segundo Buber (2001, p.13) “A relação com o TU é imediata”, não há barreiras ou meios que separem o EU do TU, há apenas a relação. Não existem conceitos, ou métodos que possam mediar a ligação que acontece entre essas duas pessoas.

Outro aspecto fundamental do EU-TU é a presença, ou seja, “o instante atual e plenamente presente” (BUBER, 2001, p. 20), instante esse que para a relação não passa, mas se pereniza enquanto durar a relação. “Somente na medida em que o TU se torna presente a presença se instaura” (p.20). Para aqueles que dizem a palavra princípio EU-TU não existe passado ou futuro, apenas um presente que se atualiza a cada instante.

Buber (2001) chama essa forma de relação de vínculo espiritual e a compara com o que ele denomina vínculo natural puro que é a vida pré-natal das crianças, o momento em que elas ainda estão no ventre materno. Para a criança a vida intrauterina é simbiose, ela não consegue se distinguir de sua mãe. Não se consegue determinar onde começa a vida de um e onde termina a vida do outro.

De forma semelhante se encontra a Relação. A criança recém-nascida é arrancada do seu vínculo natural e exposta a um universo estranho que com ela não possui qualquer relação. A partir desse momento ela “tem um prazo para substituir a ligação natural, que a unia ao universo, por uma ligação espiritual, isto é, a relação” (BUBER, 2001, p.29). Nesse sentido se agregam todas as necessidades anteriormente colocadas para que se estabeleça a verdadeira relação EU-TU, ela deve ser imediata, presente, recíproca, total e indivisível.

O mestre capoeira e o discípulo capoeira também podem estabelecer uma relação que pode ser comparada com o que descreve a palavra-princípio EU-TU.

Segundo mestre Moraes, em seu depoimento, o toque, na “pedagogia do africano”, é fundamental. “Ele toca o aluno para passar o sentimento... ele não toca unicamente para consertar o movimento... ele passa muito mais a vontade de ver o aluno aprendendo, do que

ensinar o movimento correto”. Essa forma tradicional de ensinar passa pela proximidade que deve existir entre o mestre e o aprendiz. Uma proximidade corporal em que o afeto, a atenção e a disponibilidade do mestre se mostram integralmente. (ABIB, 2004, p. 124)

Mestre Moraes nos fala da “pedagogia do africano”, que se diferencia das formas ocidentais tradicionais de ensinar. O toque, como já vimos, é essencial, não apenas como forma de corrigir o movimento do discípulo, mas como meio de transmissão de sentimento. O ato de tocar o aluno aproxima os dois de tal modo que muito mais do que o conhecimento, o mestre passa afeto e a sua vontade de ver o aprendiz se desenvolvendo.

Por outro lado, o toque não acontece de forma unilateral, ao mesmo tempo em que é tocado, o discípulo toca o seu mentor, não só recebendo os sentimentos dele, mas também transmitindo os seus próprios. Desse modo o toque se estabelece como um canal aberto de relação, o espaço imediato e fecundo do EU-TU.

Para entendermos melhor o que é e qual o papel da relação dentro da capoeira e como ela se diferencia das demais formas de convivência, vamos nos voltar agora para os espaços tradicionais da sociedade contemporânea. Olhemos para a sala de aula tradicional nas escolas de ensino fundamental e médio, onde os alunos estão dispostos em fileiras, todos voltados para a frente da sala, onde o professor de pé, algumas vezes em cima de um tablado, leciona o seu conteúdo. Cada aula dura aproximadamente 45 minutos, então o professor sai e outro entra para ensinar outra matéria. Todo o conteúdo que os estudantes precisam saber está no material didático que lhes é entregue durante o ano, o educador então se limita a explicar tudo aquilo que poderia ser lido, dar alguns macetes para facilitar a resolução de problemas e tirar as dúvidas que possam surgir.

Se formos pensar nas palavras-princípio de Buber, a sala de aula acima descrita inibe qualquer forma de relação EU-TU. Esta forma de se relacionar com o outro deve ser imediata, e para a escola atual sempre há um conteúdo de um livro didático mediando a relação. Para que haja um EU-TU também é preciso que os indivíduos se encontrem na totalidade. Mas, para a escola o mestre é apenas alguém que domina determinada matéria e o discípulo não deve ser mais do que um receptor desses conhecimentos. Cada um deve cumprir estritamente a sua função naquele determinado ambiente. Desse modo o indivíduo, tanto o professor quanto o estudante não podem se encontrar na sua totalidade, pois apenas uma parte de cada um é permitida na escola.

Nossa sociedade, nos seus espaços públicos, inibe que o homem se manifeste na sua inteireza, todos devem se comportar de acordo com o socialmente aceito, e agir em busca da

máxima eficiência em suas profissões. A sociedade não enxerga seres humanos, enxerga profissionais, ferramentas para o progresso. Referindo-se ao período da revolução industrial Chaddad e Chaddad (2010, p.07) afirmam que, “pelo pensamento de SMITH, o salário normal é o mais baixo que for compatível com a Simple humanité, ou seja, com uma vida banal”. Tanto durante a revolução industrial quanto atualmente o trabalhador é visto apenas como uma máquina com uma função específica necessária à manutenção da sociedade, pensamento esse que reflete no “salário normal” que deve ser o suficiente para manter o homem em condições de trabalhar.

Este modelo capitalista de sociedade em que vivemos esvazia qualquer forma de relação do homem entre si e com o mundo que o cerca. As pessoas são ensinadas desde cedo que devem utilizar tudo o que encontrarem no mundo, inclusive outras pessoas, enquanto lhes forem útil, sem que se estabeleça uma verdadeira relação. A vivência citada por Prestes (2010), que, como citado anteriormente pode ser definida como viver uma determinada situação, deixando-se afetar profundamente por ela, perde espaço para a experiência que para Buber (2001) se constitui no espaço da palavra-princípio EU-ISSO. Para o autor o EU que profere o ISSO é aquele que experiencia algo. Segundo Buber (2001, p.06) “O experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza “nele” e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois, ele nada faz com isso e nada disso o atinge”.

O mundo do ISSO é individual. Cada pessoa que nele habita está sozinha, como que fechada hermeticamente em uma bolha cuja membrana não permite qualquer troca com o meio externo. Toda a experiência do indivíduo acontece em si mesmo, não possui qualquer relação com o outro, da mesma forma o ISSO que é experienciado não é afetado por quem o experiencia, pois nenhum elo se estabelece entre eles. O homem que apenas experiencia o mundo não pode jamais fazer parte dele, “ele só tem diante de si objetos, e estes são fatos do passado” (BUBER, 2001, p.14). Consideremos o tempo passado, nada que nele existe pode ser alterado, pois já passou, logo, quem nele vive permanece sempre inalterado, experienciando o mundo sem que nada o afete.

A sociedade escolarizada habita no espaço do EU-ISSO, tudo é experiência, todos devem conhecer o mundo através de uma infinidade de conteúdos. A escola divide tudo o que conhece em partículas pequenas que são entregues aos poucos às crianças para que conheçam o mundo e o experienciem. A sociedade permanece no passado e, desse modo, não se transforma.

Contudo, há espaços dentro da sociedade onde ainda é possível vivenciar a palavra-princípio EU-TU. A verdadeira relação mestre-discípulo é um destes espaços e a capoeira possui as condições de possibilidade para que ela se manifeste plenamente. Estes locais são o que Buber chama de comunidade, em oposição à sociedade. “A comunidade é a expressão e o desenvolvimento da vontade original, naturalmente homogênea, portadora de vínculo, representando a totalidade do homem” (BUBER, 2008, p.50), enquanto que “a sociedade é a expressão do desejo diferenciado em tirar vantagens, gerado por pensamento isolado da totalidade” (IDEM, 2008, p.50). A primeira é o lugar da relação enquanto a segunda permite apenas a experiência.

Na comunidade os indivíduos se constituem em vínculo interpessoal, formando um organismo que sobrevive de forma harmônica, onde todas as partes envolvidas tem a possibilidade de se beneficiar da vida comunitária e de colaborar com o grupo.

De fato, a comunidade primitiva que existia antes de se tornar sociedade, se formou à medida que os homens, ainda sem consciência de si se juntaram em prol da sobrevivência do grupo. O homem percebe no grupo possibilidades de desenvolvimento que, sozinho seria incapaz, assume a sua incapacidade e se submete voluntariamente à coletividade. Mas, com a evolução dos agrupamentos humanos, segundo Buber (2008, p.52), “passamos pela era do individualismo, pela separação da pessoa de sua interdependência natural”. O homem toma consciência da sua individualidade, percebe que não é mais um em meio a vários iguais, mas um ser único em meio a uma diversidade de seres. A partir daí o indivíduo não mais se submete ao coletivo, mas espera que possa submetê-lo à sua vontade, eis que surge a sociedade.

O autor reconhece essa evolução da comunidade primitiva para a sociedade e afirma “sem dúvida, não podemos voltar a uma etapa anterior à sociedade mecanizada, mas podemos ir além dela para uma nova organicidade” (BUBER, 2008, p. 52). A consciência da individualidade não permite ao indivíduo abrir mão da sua vontade e retornar à organicidade original. A comunidade primitiva só poderia existir em um estágio anterior de desenvolvimento no qual o homem ainda não percebia as suas próprias vontades como superiores à coletividade. A partir do momento em que o homem estabeleceu o direito à propriedade privada se iniciou um caminho sem volta rumo à consolidação da sociedade.

Buber (2008, p.52), no entanto, demonstra otimismo ao considerar a possibilidade de se alcançar uma nova comunidade, “preparar o caminho de uma nova organização social, em que o princípio a partir do qual tal crescimento surgiu retorna à atividade consciente”. A nova comunidade “não se baseia sobre um estar-com estático, mas dinâmico; não sobre homens

semelhantes, feitos, formados e ordenados de modo semelhante, mas sim sobre pessoas que, formadas e ordenadas diferentemente, mantêm uma autêntica relação entre si” (BUBER, 2008, p.87).

Para que essa nova organicidade possa surgir é preciso também homens novos, que tenham consciência de si e do outro, que sejam capazes de proferir o EU-TU. Estes indivíduos, capazes de viver em comunidade só podem surgir dentro dela, segundo Buber (2008, p.90) “a educação para a comunidade só pode ocorrer através da comunidade”, seguindo essa linha de raciocínio o autor completa, “pode-se dizer que a comunidade educa na medida em que ela está presente. Pode-se também dizer: o indivíduo educa, na medida em que está presente” (BUBER, 2008, p.90). Sendo assim, a comunidade e a relação são fatores imprescindíveis para a educação. O professor só poderá verdadeiramente participar do desenvolvimento de seu aluno se for presença na sua vida, ou seja, se tornar um TU para ele. Eis aqui a importância fundamental da relação mestre-discípulo, não só na capoeira, mas em qualquer ambiente de aprendizagem, não pode haver educação se antes os agentes envolvidos não se permitirem encontrar no espaço fecundo do EU-TU, não se entregarem totalmente e imediatamente à relação deixando que ela os afete verdadeiramente.

Tratamos então de dois fundamentais personagens do universo da capoeira, o mestre e o discípulo, assim como da relação entre eles. No próximo capítulo iremos nos debruçar sobre os espaços onde essas relações se tornam possíveis.

Capítulo III: A Roda e o treino, os espaços de convivência do capoeira.

Em qualquer peça teatral é preciso unir os diferentes personagens ao redor da trama e do cenário, que serve de plano de fundo, delimitando o espaço e contribuindo para uma melhor compreensão da história. Nesta dissertação já falamos dos personagens, mestre e discípulo, falamos de como se relacionam, e agora, este capítulo tratará do cenário da capoeiragem. Focaremos para isso no espaço do treino e na roda de capoeira.

Antes de começar essa descrição é importante ressaltar a multiplicidade de realidades no universo da capoeiragem. O fato de não existir uma padronização da atividade da capoeira dá bastante liberdade para que cada professor desenvolva seu trabalho da forma que achar melhor. Assim, não existe no universo da capoeira um consenso quanto às qualificações necessárias para que um capoeirista se forme professor ou mestre. Tendo isso em vista podem existir práticas diametralmente opostas às que exemplificarei neste texto.

De fato, tanto o ideal de mestre capoeira descrito no capítulo anterior quanto o discípulo capoeira exemplificado não serão encontrados em qualquer roda ou grupo de capoeira. Muitos compartilham dos mesmos valores, da mesma forma que muitos outros praticam outros valores diversos dos trazidos nesta dissertação. Essa questão será melhor explorada no próximo capítulo onde trarei os pontos de vista de alguns mestres e discípulos.

Portanto, neste capítulo, focarei minha descrição dos espaços da capoeira na minha experiência de convivência no grupo Beribazu sabendo que esta não é a única realidade da capoeira.

3.1 O Treino

No treino de capoeira se encontram os mais diversos capoeiristas, temos o mestre, que conduz o treino, os demais docentes sejam eles, contramestres, instrutores, monitores, estagiários, e os alunos, desde os mais graduados até aqueles que estão dando pernadas pela primeira vez. Ao contrário do que a lógica da nossa sociedade escolarizada possa inferir, o treino não é separado, e os demais docentes não estão no local exclusivamente para que o mestre se concentre nos alunos mais graduados enquanto eles ensinam os iniciantes. A aula de capoeira acontece com todos capoeiristas juntos, desde os mais experientes até os mais iniciantes. De forma geral o mestre propõe uma movimentação para ser executada por todos individualmente ou em duplas e cada um, à medida que suas habilidades permitam, a executam na contagem de quem está puxando o treino. Alguns terão mais dificuldade que

outros, mas podem se espelhar em quem está do lado e inclusive pedir ajuda, não apenas para o mestre, mas também para os demais que estejam executando a movimentação com mais facilidade.

Essa realidade se assemelha um pouco à das escolas multisseriadas, nas zonas rurais. Segundo Fagundes e Martini (2003, p.100) as salas de aula dessas escolas “funcionavam com um só professor atendendo, no mesmo espaço e ao mesmo tempo, as quatro primeiras séries do ensino primário”, mais a frente afirmam que “a escola multisseriada foi a grande formadora da população rural”. Os autores afirmam que a comunidade rural era forte com a presença da escola, as crianças se formavam ali, todos os pais participavam da vida escolar, e tudo isso aumentava a convivência comunitária, mas com o fechamento da escola local as crianças foram obrigadas a ir estudar em outras localidades, o que ocasionou o enfraquecimento da comunidade.

De acordo com depoimentos de pais entrevistados pelos autores, o ritmo de transmissão de conteúdo de uma sala onde todos estão em um mesmo nível é mais rápido do que em uma turma onde cada um está em um ponto da matéria. Analisando a primeira situação, o professor pode se concentrar no ensino sem se preocupar com o que cada aluno está absorvendo daquilo que ele está explicando, cada discípulo deve se responsabilizar pelo seu próprio aprendizado para se manter no mesmo nível de todos, caso não consiga ele é reprovado e precisa repetir o ano.

Ao analisar essa tríade: professor, aluno e conteúdo, no contexto acima descrito, percebo a seguinte estrutura: primeiramente existe o conteúdo pré-estabelecido por meio de um currículo que deve ser aprendido obrigatoriamente por todos, e para que essa obrigatoriedade se cumpra são formados professores que ensinem tudo o que os estudantes devem saber. Diante desse raciocínio se estrutura a seguinte ordem: conteúdo > professor > aluno. O professor está abaixo do conteúdo, pois é apenas um instrumento de transmissão de um conhecimento definido por outras pessoas, o aluno fica em último plano, pois não tem autonomia, deve se sujeitar ao modelo educativo vigente. Finalmente, no primeiro lugar se encontra o conteúdo, tudo aquilo que a elite da sociedade acredita que deve fazer parte do conhecimento daqueles que buscam se tornar cidadãos.

Se pensarmos na vida comunitária descrita por Buber (2008, p.91) esta estrutura seria completamente diferente. O autor afirma que “a verdadeira pessoa educa através da sua existência”, mas para que a existência de uma pessoa possa educar um outro é necessário que este se permita transformar pela ação do primeiro, ou seja, é preciso que se estabeleça uma relação no sentido buberiano de um EU com um TU. Apenas no espaço imediato da relação

mestre-discípulo suas existências poderão educar verdadeiramente um ao outro. A partir dessa perspectiva se estrutura uma nova ordem: professor = aluno > conteúdo. Ou seja, o conteúdo a ser aprendido é o menos importante. Concordo com Rancière (2010) quando afirma que o aluno pode aprender o que quiser, nada, inclusive. O essencial em qualquer relação educativa é permitir que a existência dos envolvidos no processo possa afetar o outro.

Vários mestres e grupos de capoeira se propõem a seguir a segunda estrutura acima citada. Em minha experiência no grupo Beribazu pude perceber que, de fato, a relação entre os capoeiristas e entre mestre e discípulo é a pedra fundamental sob a qual se estrutura a comunidade da capoeira. O treino como espaço de ensino dos movimentos a serem utilizados na roda de capoeira muitas vezes serve apenas de pretexto para que todos aqueles com um interesse em comum se reúnam em um mesmo ambiente e possam trocar experiências e entrar em contato com a existência de seu mestre e demais camaradas. Dessa forma o conteúdo assume uma função secundária no processo educativo, sendo assim, ao final do treino não se espera necessariamente que o capoeirista seja capaz de executar com perfeição o que foi ensinado, mas que saia de lá tendo aprendido aquilo que sua existência, naquele momento foi capaz de absorver. Lembro aqui de um ensinamento de um professor de danças urbanas. Ele me dizia que o aluno não deveria deixar de participar de workshops de dança por achar que o nível é muito superior. Ele deveria aproveitar e absorver ao máximo o que o professor tivesse pra ensinar. Se saísse de lá tendo aprendido um jeito melhor de executar um movimento apenas a aula já teria valido a pena. O mais importante era estar mergulhado naquela realidade e não executar com perfeição o que estivesse sendo proposto.

Outro aspecto fundamental para a organização do treino que possibilita essa multiplicidade de capoeiristas em uma mesma aula é a compreensão daquilo que se espera de um mestre e de um aluno capoeira. No segundo capítulo vimos que o professor deve ser apenas um organizador do ambiente educativo e, que o aluno deve se emancipar a ponto de ser capaz de discernir e aprender aquilo que for de seu interesse sem depender exclusivamente de alguém que o ensine. Portanto, percebo a organização do treino como um espaço aberto tanto ao iniciante quanto ao graduado com infinitas possibilidades educativas que serão aproveitadas pelo discípulo à medida que seu entendimento da capoeira permitir.

Por outro lado, além de uma turma de capoeira permitir alunos de diversos níveis, muitas delas são lotadas, sendo assim um mestre tem que dar conta de quarenta, cinquenta e até mais alunos. Obviamente o professor não consegue dar a mesma atenção a cada um da mesma forma que daria se tivesse um aluno apenas. Nessa realidade percebe-se outra característica essencial nos treinos de capoeira que frequento. Para que todos possam usufruir

ao máximo o que a capoeira pode proporcionar o mestre não centraliza todo o conhecimento em suas mãos, pois seu olhar será incapaz de alcançar todos os discípulos durante o treino.

Como vimos anteriormente, o conhecimento não é propriedade de um indivíduo, ele se encontra espalhado pela comunidade que o produz sendo o mestre apenas o responsável pela sua perpetuação e pela organização do ambiente educativo. Sendo assim o professor não é o único canal através do qual a capoeira pode ser ensinada, o espaço do treino deve se constituir no ambiente propício para que aconteça a aprendizagem. O professor se coloca como orientador de todo o processo e todos os capoeiristas se tornam responsáveis pelo aprendizado coletivo, os que tiverem mais facilidade em uma determinada movimentação auxiliam os que tiverem mais dificuldade e assim todos se desenvolvem coletivamente, cada um no seu ritmo.

Esta forma de organização se assemelha ao conceito educacional de comunidade de aprendizagem que, segundo Figueiredo (2002, p.03) são “comunidades onde se aprenda pelo fato de se estar em conjunto”. O autor concorda com Wenger (1995) e afirma que para se criar uma comunidade de aprendizagem é preciso partir de uma teoria social da aprendizagem, teoria esta que possui quatro componentes:

Significado, que traduz a capacidade (e necessidade) que temos para encontrar um sentido para o mundo: aprendemos procurando um sentido para a nossa existência – individual e colectiva – no mundo.

Prática, que exprime a vivência partilhada de recursos e perspectivas que mantêm o nosso envolvimento mútuo na acção: aprendemos fazendo.

Comunidade, ou configuração social onde definimos as nossas iniciativas e onde a nossa participação é reconhecida: aprendemos construindo um sentido de pertença.

Identidade, que surge da forma como a aprendizagem transforma quem nós somos e constrói histórias pessoais de quem somos no contexto das nossas comunidades: aprendemos através do processo de construção da nossa própria identidade (FIGUEIREDO, 2002, p. 04-05)

O treino de capoeira, nos moldes que tenho citado neste trabalho se identifica com esse modelo de comunidade de aprendizagem citado por Figueiredo. A sua prática é carregada de significado, seus rituais, sua história, tudo está intrinsecamente ligado à prática. Apesar de ser o aspecto mais visível a um observador externo, dar chutes e esquivar-se de golpes não expressa a totalidade do que a capoeira tem a oferecer, pois existem vários valores que são transmitidos concomitantemente durante os treinos e que conferem significado à atividade. Os golpes, os floreios, as esquivas, se juntam aos toques dos instrumentos, às palmas, às cantigas, ao ritual da roda para juntos comporem o universo da capoeira.

A prática é outro aspecto inseparável da capoeira, conforme foi dito nos capítulos anteriores, o discípulo não aprende nada por meio da explicação somente, ou apenas visualizando o movimento executado pelo mestre. O aprendizado só acontece verdadeiramente a partir do momento em que, já tendo sido mostrado e explicado o que deve ser feito, o aluno busca realizar no seu corpo aquilo que viu o professor fazer. Quanto mais o capoeirista repete o que está aprendendo, mais ele consegue compreender a disposição corporal necessária para executar com perfeição o que lhe foi proposto. Ou seja, um indivíduo só aprende verdadeiramente a partir do momento em que entra em contato com aquilo que está sendo ensinado de modo a permitir que o ensinamento o transforme. Como afirmou Aristóteles, nada está no intelecto que não tenha passado pelos sentidos, da mesma forma um corpo só aprenderá um determinado movimento, e se sentirá confortável ao executá-lo se repeti-lo diversas vezes até compreender e adquirir a disposição corporal necessária, deixar que o conhecimento passe pelos seus sentidos.

O terceiro componente citado para o estabelecimento de uma comunidade de aprendizagem é a própria comunidade. Retomando as palavras de Buber (2008), o verdadeiro aprendizado só ocorre no espaço da relação entre pares, um EU e um TU ou um EU e sua comunidade. Segundo Figueiredo (2002), o sentimento de pertença da pessoa favorece a construção de sentido da atividade para aquele indivíduo o que promove o último dos componentes citados: a identidade. Para o autor o aprendizado verdadeiro, em meio à relação, transforma a pessoa. Ela, vendo significado na atividade, busca se inserir na comunidade que passa a fazer parte da construção da sua própria identidade.

Outro aspecto fundamental para se entender o funcionamento dos grupos de capoeira é o sistema de graduação. Muitos grupos de capoeira se utilizam de cordas coloridas para indicar os diversos níveis de graduação do capoeirista, desde iniciante a mestre, outros grupos diferem dessa forma e não utilizam cordas para diferenciar seus alunos, mas ainda assim apresentam uma divisão hierárquica bem marcada com a presença de mestres, contramestres, professores e alunos.

Como consequência da existência de diferentes níveis de graduação em um mesmo espaço, se estabelece uma relação hierárquica entre os capoeiristas, mas essa hierarquia não se reflete em obrigações, obediência e inferioridade por parte do menos graduado, mas sim em responsabilidade do mais graduado em também tomar parte no processo de aprendizado do outro e respeito do iniciante ao se permitir aprender com seus colegas de treino.

Outro aspecto que vale a pena citar é a inexistência de currículo pré-determinado. O aprendizado da capoeira não possui uma ordem fixa e imutável que deve ser seguida à risca.

Se formos pensar nos elementos da capoeira, não há como dizer: ‘esse movimento é melhor do que aquele outro’, ou ‘este golpe não é da capoeira, mas aquele outro é’. O que realmente importa para caracterizar algo como capoeira é a intencionalidade e o contexto da ação executada. Um exemplo é a forma de defesa, como regra geral o capoeirista não bloqueia os ataques, ele se esquiva, passa por baixo do pé, se afasta do raio de ação para não ser acertado, mas existem ocasiões na roda em que o companheiro de jogo é mais rápido e desfere um martelo certo no jogador, este não tendo tempo de esquivar-se deixa seu braço no meio do caminho bloqueando o golpe. Esta ação de bloqueio de forma nenhuma descaracteriza o jogo de capoeira, muito pelo contrário mostra a velocidade de reação do defensor que percebendo não ter tempo de se esquivar utiliza-se do bloqueio para evitar levar um golpe bem executado.

Não existe apenas uma forma de jogar capoeira, na verdade cada indivíduo possui seu estilo e a roda acolhe todos eles de forma igualitária. Existem alguns capoeiristas que gostam de um jogo mais objetivo, veloz: ginga, finta e golpe, poucos floreios. Outros gostam de explorar o lado acrobático: fazem saltos, movimentos de coluna, paradas de mão, quedas de rim, entre várias outras formas de se jogar. O mestre, naturalmente, também possui seu estilo de jogo, e o treino que ministra, mesmo que procure trabalhar todas as possibilidades da capoeira, trará com mais força os elementos que mais domina. Da mesma forma outras movimentações que não fazem parte do vocabulário do mestre também não entrarão nas suas sequências de aula.

Logo, a diversidade é um elemento inerente ao jogo da capoeira. Como já foi dito anteriormente, não existe uma capoeira apenas, mas tantas capoeiras quanto o número de capoeiristas. Essa diversidade impossibilita qualquer mestre de dominar todos os aspectos possíveis da sua prática, ao mesmo tempo em que permite ao capoeirista possibilidades inesgotáveis de adaptação da capoeira à sua realidade corporal, intelectual e cultural.

De fato, a capoeira é bastante hierárquica, sendo que os mais iniciantes devem respeito aos mais graduados e o mestre está no topo dessa cadeia. A diferença está no fato de que o capoeirista é livre para receber ou não a corda. Não existe uma norma que obrigue o iniciante a pegar a primeira corda com um ano de prática, trocar para a segunda corda com dois anos e assim por diante. Um capoeirista pode não ter interesse nenhum nas graduações mais elevadas, querer apenas treinar sua capoeira, participar das rodas e eventos e se manter na primeira corda. Outra pessoa pode começar a treinar, se dedicar e todo ano receber uma corda nova, ainda outro pode ficar dois anos em cada graduação e ir evoluindo mais lentamente. O fato é que, não importa a situação em que se encontra o capoeirista, ele nunca será obrigado a passar por avaliações que atestem seu nível técnico e o comparem com outros camaradas com

o mesmo tempo de treino, muito menos será submetido a aulas de “recuperação”. Na capoeira esses métodos perdem seu sentido, a avaliação não tem o objetivo de classificar, elevar ou diminuir o capoeirista. Ela serve apenas como parâmetro para que o avaliado reconheça suas qualidades e dificuldades e possa melhorar seu jogo, se esse for seu interesse.

Claro que as cordas mais elevadas oferecem um status ao capoeirista que é cobiçado por muitos, mas, de um modo geral, para aqueles que não têm esse interesse, o fato de não possuírem uma corda alta na cintura não é motivo de segregação, nem irá impedi-los de participar do que o universo da capoeira tem a oferecer.

Se olharmos para vários capoeiristas de uma mesma corda, veremos pessoas completamente diferentes e com formas de jogo também diferentes. Um deles será extremamente habilidoso na ginga, irá de um lado para o outro na roda, e terá um golpe veloz. Outro não será tão desenvolvido dentro da roda, mas saberá tocar o berimbau e cantar com maestria. Um terceiro poderá estar muito aquém dos seus colegas em relação à técnica, tanto de jogo, quanto de canto e instrumentação, mas se sobressairá mais do que todos na organização de eventos e ajudará seu mestre nesse aspecto.

Como não existe uma definição objetiva das competências necessárias para o capoeirista obter essa ou aquela graduação o único critério que o mestre pode se utilizar para conceder a próxima corda ao seu discípulo é o subjetivo. Com isso quero dizer que não é pautado em um teste ou padrão estabelecido que o aluno será avaliado, mas sim tendo como padrão ele mesmo como sujeito da sua própria capoeira. O discípulo, na relação com seu mestre vai construindo ao longo dos treinos a sua próxima graduação de modo que o evento se torna apenas a concretização daquilo que ambos já sabem, o merecimento da nova corda por parte do discípulo.

Independente da graduação, do desenvolvimento técnico e da disponibilidade que o capoeirista possa ter, o que percebo no ambiente do treino é que cada um é livre para traçar os seus próprios caminhos e, caso não encontre o que procura, também é livre para ir atrás de outros grupos, mestres, ou até sair da capoeira.

Conhecemos um pouco melhor o espaço do treino de capoeira, vejamos agora como se estrutura a roda de capoeira

3.2 A Roda

Fazendo uma comparação da capoeira com a vida eu diria que, o treino é a preparação do indivíduo para o mundo e a roda é o próprio mundo, é o espaço fim da atividade de capoeira, onde o capoeirista busca aplicar tudo aquilo que ele treinou. Ela, da mesma forma que o mundo, é um espaço educativo, onde vivenciando situações reais o capoeirista colocado a prova se vê obrigado a buscar formas de se safar das dificuldades e caso não consiga, reconhecer sua incapacidade e buscar aprimorar seu jogo.

A roda é um universo à parte, onde todos os elementos da capoeira se agregam harmonicamente de modo que ela não está completa se faltar qualquer elemento. Uma roda completa, com uma bateria forte, todos batendo palmas, um coro respondendo bem às cantigas, um jogo bem jogado dentro da roda, tudo isso contribui para o ‘axé’ da roda.

Segundo Falcão citado por Ferracini e Maia (2007, p. 38), a roda era um “folguedo que os negros inventaram, para os instantes de folga e divertirem a si e aos demais nas festas de largo”. Por ter surgido como atividade de folguedo, a roda de capoeira traz consigo aspectos lúdicos, sem, no entanto, perder seu lado combativo. Ao mesmo tempo em que muitos jogos acontecem em tom de brincadeira, de diversão em que ambas as partes saem sorrindo, outras vezes o jogo adquire um caráter de disputa de habilidades, no qual os dois capoeiristas buscam a todo instante desarmar seu companheiro tentando sair por cima naquele jogo. Nenhum desses dois aspectos pode ser descrito como regra de conduta na capoeira. Desde que o jogo respeite as regras invisíveis que se estabelecem no início da roda, que o toque do berimbau, o ritmo, o mestre e os jogadores estejam sendo respeitados, tudo é válido dentro da roda de capoeira.

Para compreendermos esse espaço fundamental da capoeiragem, vamos nos aprofundar mais em cada um dos elementos essenciais para o bom funcionamento da roda de capoeira. Primeiramente temos a bateria, os instrumentos musicais da capoeira. Os principais são: berimbau, atabaque e pandeiro. Reco-reco, agogô e outros instrumentos entram na roda como complementares.

O berimbau é o instrumento mais importante da roda, é o responsável por puxar a cadência da roda, ele seria como o maestro que comanda toda a orquestra. Em uma bateria completa temos três berimbaus: o gunga ou berra-boi, mais grave costuma marcar o ritmo da roda sem fazer variações no toque; o médio ou viola, também marca o ritmo, mas faz algumas variações e repiques; e o viola ou violinha, mais agudo, passeia pela melodia repicando o tempo inteiro em cima da cadência ditada pelo gunga. Por ser o mais importante, no início da roda, o berimbau é oferecido aos mestres presentes sendo o gunga oferecido ao mestre mais antigo entre eles.

Na roda, além da bateria, temos também o cantador, que normalmente é alguém que está compondo a instrumentação, mas também pode ser algum outro capoeirista que se coloque próximo aos demais instrumentos. As músicas da capoeira têm diversas funções, a mais óbvia delas é a de animar a roda. O cantador puxa uma cantiga com um coro de resposta que deve ser cantado por todos que estão na roda. Um coro bem respondido e palmas batidas por todos são elementos fundamentais de uma roda animada.

As cantigas de capoeira ainda têm outras funções dentro da roda, um mestre pode querer transmitir uma mensagem, para isso, ele faz seu grito de “Iê”, todos passam a prestar atenção, caso tenha alguém jogando, estes devem parar de jogar e ir para o pé do berimbau para escutar. O mestre então começa seu canto, chamado de ladainha, uma cantiga um pouco maior, sem resposta que conta uma história ou uma mensagem que o mestre considerar importante passar para os demais. Essas ladainhas podem falar sobre o negro escravizado, sobre a discriminação que muitos sofrem, sobre a vida de algum grande mestre, sobre os feitos de algum herói da história da capoeira, entre outros, por exemplo:

Dona Isabel (Mestre Toni Vargas)

Dona Isabel que história é essa
 De ter feito a abolição
 De ser princesa boazinha
 Que libertou a escravidão
 To cansado de conversa
 To cansado de ilusão
 Abolição se fez com sangue
 Que inundava esse país
 Que o negro transformou em luta
 Cansado de ser infeliz
 Abolição se fez bem antes
 E ainda há por se fazer agora
 Com a verdade da favela
 Não com a mentira da escola
 Dona Isabel chegou a hora
 De se acabar com essa maldade
 De se ensinar aos nossos filhos
 O quanto custa a liberdade
 Viva Zumbi nosso rei negro
 Que fez-se herói lá em Palmares
 Viva a cultura desse povo
 A liberdade verdadeira
 Que já corria nos quilombos
 E já jogava capoeira
 Iê viva Zumbi

(Fonte: <http://projetteliberdadecapoeira.com.br/capoeira/musicas-de-capoeira/ladainhas/>)

Seja qual for a ladainha, este é um momento em que todos devem estar completamente atentos àquilo que o mestre tem a dizer, pois daí os discípulos podem tirar ensinamentos que levam não só para a sua prática de capoeira, mas para toda sua vida.

Além das ladainhas temos as quadras e os corridos, que são estrofes cantadas pelo cantador seguidas de um verso de resposta, por exemplo:

Na vida se cai (Abadá capoeira)

Coro: na vida se cai
Se leva rasteira
Quem nunca caiu
Não é capoeira

Eu cresci com o passado
Desse tempo tão ligeiro
Rápido como um piscar
Ontem eu era um menino iniciante
Um capoeira errante
Mas nunca deixei de treinar
(Coro)

Eu caí sim
Eu caí me levantei
Tropecei caí de novo
Consegui me afirmei
(Coro)

A vaidade é ruim pro capoeira
Faz ele se achar o bom
Não escapa da rasteira
(Coro)

(Fonte: <http://letras.mus.br/abada-capoeira/72904/>)

Essas cantigas entoadas muitas vezes sem pretensão alguma durante o jogo, algumas vezes podem também trazer uma mensagem para quem está na roda. “Após analisar diversas rodas de capoeira, foi possível concluir que algumas cantigas têm um significado específico” (SOUSA, 2006, p.256). A cantiga citada acima, por exemplo, pode ser usada quando um dos capoeiristas cai na roda e fica sem reação, nesse momento o cantador o alerta que cair é normal, que “quem nunca caiu, não é capoeira”. Outro exemplo é quando os capoeiristas na roda não estão respondendo o coro, ou a resposta está fraca o cantador pode cantar: “Cruz credo, ave maria, eu cantava na roda e ninguém respondia” e todos respondem a mesma frase no coro. Também quando os capoeiristas no centro estão enrolando na roda dando várias “voltas ao mundo” (quando os dois capoeiristas caminham em sentido anti-horário na roda para se recuperar e recomeçar o jogo) o cantador intervém cantando “iá iá mandou dar” e todos respondem “uma volta só”.

Além de corrigir alguma falha de quem está na roda, as cantigas também podem exaltar a atuação de algum jogador, por exemplo: “o menino é bom bate palma pra ele, é bom é bom” ao que todos devem responder o coro “bate palma pra ele”. E uma terceira função dessas quadras e corridos é a de avisar as pessoas de algo que o coordenador da roda quer que aconteça, exemplo disso é quando o mestre deseja que o jogo se torne mais rápido e objetivo ele canta: “cuidado menino que o som vai subir, quem é filho de Bimba não pode cair”. Com essa cantiga ele avisa a todos que o jogo se tornará mais rápido, sendo assim só deve entrar na roda quem estiver seguro de suas habilidades nesse tipo de jogo.

Segundo Sousa (2006, p.253) “presenciando a música na capoeira, podemos ver letra melodia e andamento das cantigas contracenarem em harmonia com o movimento dos corpos dos jogadores. Na garganta de um bom angoleiro, cantigas são entoadas com textos que ensinam o aprendiz como se deve jogar”. Portanto, a música da capoeira é capaz de harmonizar e complementar o jogo e a roda, além de trazer possibilidades de auxiliar o desenvolvimento de um aprendiz na capoeira.

Seja qual for a intencionalidade das cantigas cantadas na roda o que acho importante ressaltar nesse momento é que elas carregam consigo um forte caráter educativo. Dentro da roda elas são capazes de transmitir tradições e valores através das ladainhas, podem reprimir uma atitude que esteja em discordância com o que o mestre acredite ser certo e também valorizar uma atitude de um capoeirista que o mestre queira exaltar. Concordo com a afirmação de Sousa (2006, p.257) quando diz que: “a música dá conformidade às regras sociais e confere validade à filosofia da capoeira, exercendo uma função educativa e mantendo a estabilidade e a continuidade da cultura”.

Tão importante quanto os outros elementos descritos nesse capítulo, temos o próprio jogo da capoeira. O jogo acontece no espaço delimitado pela bateria e pelos capoeiras que formam um círculo. Ali dentro os dois jogadores fazem suas evoluções buscando mostrar suas habilidades sem perder a ligação com seu companheiro. O jogo é como um diálogo entre os corpos dos dois jogadores, mas no lugar das palavras estes utilizam seus movimentos em um jogo de perguntas e respostas. O capoeirista A pode começar o jogo com uma armada (golpe), o capoeirista B então responde com uma esquiva e uma queixada (contragolpe), o capoeirista A esquiva e faz um Aú (acrobático), o capoeirista B entra então com uma cabeçada, e assim por diante, baseado na ação do outro, o capoeirista busca fazer sua evolução, sempre em harmonia, um jogo em dupla. Vale ressaltar que em nenhum momento o jogo é combinado, ele sempre acontece de forma improvisada dando sempre espaço para novas possibilidades de movimentação, de saídas, de golpes, de diálogo.

O jogo de capoeira é sempre presente, ou seja, a partir do momento em que os capoeiristas saem do pé do berimbau, a roda passa a ser o limite do universo daqueles dois indivíduos, um universo no qual ambos devem buscar estar em constante sintonia ao mesmo tempo em que disputam a superioridade no jogo. Nos poucos minutos ou segundos em que acontece o jogo de capoeira criam-se condições de possibilidade para que se estabeleça uma verdadeira relação EU-TU, no sentido trazido por Buber (2001).

O capoeirista dentro da roda deve ser criativo, deve estar sempre pronto para reagir às mais inesperadas situações. De fato, o jogo de capoeira se baseia na imprevisibilidade e na ausência de regras. Não há uma movimentação pré-estabelecida que todos devam executar, ou uma resposta obrigatória a uma determinada ação. O que existe na capoeira e que se aproxima minimamente de um código de regras é a tradição e os valores trazidos pelos mestres. Vejamos um pouco dessa tradição.

A roda de capoeira possui de modo geral um mestre ou docente a conduzindo. Esta pessoa é a autoridade máxima naquele espaço e os demais capoeiristas devem respeito aos valores trazidos por ele. Esta roda trará como base os valores que seu condutor considera necessários para uma boa roda de capoeira. Esta primeira regra é subjetiva, lembrando-se do que foi dito antes: não existe apenas uma capoeira, existem diversas capoeiras, logo, cada grupo, cada núcleo, cada mestre possui valores particulares que ele valoriza diferente dos demais. Sabendo disso, os capoeiras se utilizam de um ditado que é repetido diversas vezes em cantigas, “quem anda em terras alheias, pisa no chão devagar”. Ou seja, quando não estiver em um ambiente familiar, sempre devo me portar com cuidado redobrado para não ir de encontro com a cultura e os valores daquele determinado local.

Uma tradição mais recente na roda é a do respeito ao berimbau. Não se pode precisar exatamente quando esse instrumento começou a ser usado na bateria da capoeira, muito menos quando passou a ocupar uma posição central na dinâmica do jogo. O que importa nesse momento é o fato de que o berimbau é quem dita o ritmo do jogo. Existem toques específicos que exigem um determinado estilo de jogo, como os toques de Angola que pede um jogo mais malicioso, mais cadenciado e mais baixo ou o de São Bento Grande que pede um jogo mais combativo, mais objetivo e com menos floreios. Outros toques que delimitam os capoeiras que podem entrar na roda, como o de Iúna, que quando toca, só podem entrar na roda mestres e contramestres, podendo se estender aos demais docentes.

Ainda outros valores se traduzem em regras implícitas na roda. A lealdade no jogo diz que não devo golpear o outro jogador se eu estiver em pé e ele “no chão” (qualquer situação em que o capoeirista esteja com uma ou as duas mãos no chão), mas se eu também estiver “no

chão” ambos estão em condições iguais e o jogo segue sem restrições. A camaradagem ou parceria faz com que os jogadores estejam sempre preocupados com a integridade física do seu companheiro de jogo, logo, o capoeira sempre irá desferir seus golpes atento à movimentação do outro para que, caso ele não consiga esquivar, possa segurar o pé e não machucá-lo. O respeito pelo mestre faz com que este tenha privilégios na roda, “Jogo de mestre não se compra”, dirão os capoeiras mais experientes. O mestre tem o direito de escolher com quem quer jogar sem ser retirado da roda enquanto não for sua vontade.

Essas regras não são unanimidade no universo da capoeira, existem mestres e grupos que cultivam outros valores, mas de acordo com a minha experiência, tanto do meu grupo, como de outros grupos com quem pude conviver, diria que não são poucos os capoeiras que compartilham desses mesmos valores.

Este capítulo buscou trazer uma melhor compreensão de como se estrutura o espaço da capoeira. O próximo e último capítulo teve como objetivo retomar todas as discussões apresentadas nos capítulos anteriores e dar a palavra àqueles responsáveis pela transmissão e perpetuação dessa manifestação cultural brasileira: os capoeiristas, mestres e discípulos. Esta parte final trará uma análise feita a partir das transcrições de entrevistas realizadas com mestres de capoeira, de acordo com a metodologia descrita na introdução deste trabalho.

Capítulo IV: Mestres e alunos na roda, a análise das entrevistas.

Até aqui este trabalho investigou, em seu primeiro capítulo, os aspectos históricos da capoeira, seu surgimento, seu desenvolvimento e a forma como ela foi transmitida de geração em geração. No segundo capítulo, conhecemos melhor a figura do mestre de capoeira, seu papel nesse espaço, e investigamos a ideia de mestres em outras culturas. Ficamos sabendo um pouco mais sobre o discípulo capoeirista e sobre como se estrutura a relação entre esses dois personagens centrais nessa atividade humana. E, no terceiro capítulo, investigamos os espaços onde acontece a capoeira, mais especificamente a roda e o treino.

Vimos que, primeiramente, a capoeira surgiu como uma prática cultural negra e marginalizada. Seus praticantes foram duramente perseguidos, inclusive, por meio de dispositivos legais que tipificavam a prática da capoeiragem como crime previsto no código penal. Os negros, tanto os libertos quanto os escravizados buscavam formas de afirmação da sua cultura e da sua identidade em meio à repressão imposta pelo governo imperial e pela elite branca. Criou-se, com o fortalecimento das maltas um poder paralelo ao da polícia imperial, em que os capoeiras faziam as suas próprias leis nas ruas e entravam constantemente em conflito entre si e contra a autoridade policial. As maltas tinham suas próprias regras, rituais e domínios dentro da cidade.

Foi nesse universo de surgimento da capoeira que nasceram também os primeiros mestres e os primeiros discípulos dessa luta negra. Esse título de mestre não foi algo imposto para o grupo por um indivíduo. Pelo contrário, ao adquirir o respeito e a admiração dos demais, o capoeirista se tornava uma referência, um líder para aqueles que com ele conviviam. Tornava-se um mestre nos moldes da tradição africana. De fato, pudemos perceber que existem diversas culturas que reverenciam a figura do mestre. Na cultura da capoeira especificamente o título de mestre deve ser concedido ao capoeirista que alcançar uma posição de destaque sendo reconhecido pelos seus pares como alguém que contribui para o fortalecimento da capoeira e para a edificação do seu grupo.

Já o discípulo capoeira, como pudemos também perceber, é aquele que submete a sua vontade à vontade do seu professor. Ele tem o interesse em aprender a capoeira e reconhece na figura do mestre alguém capaz de auxiliá-lo a alcançar seu objetivo. Vale ressaltar que esses dois personagens são essenciais à existência um do outro. Não existe mestre sem discípulos assim como não existe discípulo sem mestre. Portanto, após definir o papel do mestre e do discípulo capoeira, focamos na relação que se estabelece entre estes dois indivíduos, tendo por base a relação EU-TU descrita por Buber.

Por último e, não menos importante, vimos o papel fundamental dos espaços onde se encontram os capoeiristas, principalmente a roda e no treino. Esses locais servem como cenário onde se desenrolam as relações interpessoais. Os rituais, as tradições: todos os elementos subjetivos que fazem parte da capoeira permeiam estes ambientes e fazem com que todos aqueles que se percebam como capoeiras se identifiquem como pertencentes a esta cultura.

Resta agora saber a opinião daqueles que estão imersos na cultura que estou investigando. Neste capítulo traremos as falas de três mestres e seus alunos com o intuito de aprofundar a investigação acerca do valor educativo da capoeira e responder os objetivos traçados na presente investigação.

Vale relembrar que o objetivo principal desta dissertação é investigar se existem e, em caso afirmativo, quais seriam os valores educativos da capoeira. Esse objetivo foi desmembrado em objetivos específicos: investigar a trajetória da capoeira no Brasil e as formas de transmissão e perpetuação dessa tradição; investigar qual o papel do mestre, do discípulo e a relação que se estabelece entre eles no espaço da capoeira; investigar quais as tradições e rituais que permeiam e estruturam o espaço da capoeira; e investigar e analisar por meio da fala de mestres se haveria e qual seria o valor educativo da capoeira.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com três mestres que chamaremos de Mestre A, Mestre B e Mestre C e seus respectivos alunos, Aluno A, Aluno B e Aluno C. Cada um dos indivíduos entrevistados faz parte de contextos específicos com semelhanças e diferenças entre si. Essas particularidades de cada indivíduo permitem que cada um expresse uma ideia própria sobre o que é a capoeira e quais seus valores. Essas diferentes respostas, colocadas lado a lado, irão compor a discussão deste capítulo. Todos os mestres e alunos entrevistados pertenciam ao mesmo grupo de capoeira de Brasília, sendo de diferentes núcleos e turmas. Esse pertencimento viabiliza uma proximidade e uma possível semelhança entre os discursos, mas sem descartar a possibilidade que cada um tem de pensar e desenvolver a sua própria capoeira. As diferenças de realidade entre os mestres envolvem o campo profissional, educacional, social e cultural. Naturalmente, todas as experiências contribuem para a formação da identidade de uma pessoa. Se até irmãos gêmeos dentro de uma mesma casa terão personalidades diferentes, tanto mais terão mestres e alunos de capoeira que se formaram em circunstâncias completamente distintas.

As entrevistas foram realizadas como se fossem conversas informais entre amigos. O fato de conhecer pessoalmente todos os entrevistados contribuiu para que as entrevistas transcorressem da melhor forma possível. Primeiramente, entrei em contato com os possíveis

entrevistados para verificar sua disponibilidade de participar da pesquisa e marcar a data do encontro. Antes da entrevista, conversei brevemente com o entrevistado para deixá-lo mais a vontade, expliquei o objetivo da entrevista, o tema do meu trabalho de mestrado e perguntei se poderia gravar a entrevista. Diante da afirmativa iniciei a gravação e fiz a primeira pergunta. Após a primeira resposta, cada entrevista transcorreu de uma forma diferente. Com base nas respostas que o entrevistado dava eu prosseguia com outra pergunta ou pedia que me explicasse mais sobre determinado aspecto de sua resposta.

As perguntas que nortearam as entrevistas foram as seguintes:

1. O que você entende por valor educativo?
2. Haveria algum valor educativo na capoeira? Se sim, qual ou quais?
3. Seria a capoeira um espaço propício para o estabelecimento de relações humanas? Se sim, quais são as relações que se estabelecem e como elas acontecem? Haveria algum valor educativo nisso?
4. Existe algum valor educativo no modo como a capoeira se estrutura, seja na roda, no treino? Quais seriam e por quê?

Depois de feitas as entrevistas, o áudio foi transcrito e os dados obtidos foram categorizados para serem utilizados neste capítulo. De acordo com as questões da entrevista foram formuladas categorias para análise. As duas primeiras categorias são: valor educativo e valor educativo da capoeira. Estas duas categorias foram criadas com base no objetivo geral desta pesquisa que é investigar se existe e qual seria o valor educativo da capoeira. A terceira categoria é: relações na capoeira, fundada no objetivo específico de investigar qual o papel do mestre, do discípulo e a relação que se estabelece entre eles no espaço da capoeira. A última categoria formulada é: estrutura do espaço da capoeira com base no objetivo específico de investigar quais as tradições e rituais que permeiam e estruturam o espaço da capoeira.

Antes de iniciar a análise dos dados falemos sobre o instrumento de análise. Para essa pesquisa foi utilizada a análise de conteúdo que, segundo Bardin (2002, p.28) “é dizer não à leitura simples do real”. Para a autora essa ferramenta possibilita um aprofundamento maior na análise dos dados coletados por uma pesquisa. Ela possibilita através da descrição analítica dos dados um “tratamento da informação contida nas mensagens” (BARDIN, 2002, p.34). Esse tratamento citado pela autora permite uma melhor compreensão dos dados coletados e, conseqüentemente, uma análise mais aprofundada. O objetivo da análise de conteúdo “é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 2002, p.46).

Com esse objetivo e, tomando por base as categorias acima citadas, iniciemos a análise dos dados coletados por meio das entrevistas.

4.1 Valor educativo

A primeira categoria de análise buscou explorar a compreensão que os entrevistados possuíam sobre o conceito de valor educativo, cujo significado é fundamental para se alcançar o objetivo principal desta dissertação. Os participantes, de um modo geral, deram respostas bastante semelhantes com algumas diferenças que foram agrupadas em três subcategorias: questões formativas, influência do meio e socialização.

Alguns mestres e alunos indicaram o fato de que uma ação, para ser educativa, deve ser capaz de formar e transformar a pessoa em diversos aspectos como o cultural, ético, de conhecimento e humano. Outros evidenciaram a flexibilidade do conceito afirmando que cada cultura e cada contexto social privilegia um determinado comportamento logo, algo que possua um valor educativo para um povo pode não ter valor algum para outro. Os entrevistados ainda consideraram o caráter social do valor educativo, ou seja, algo só é verdadeiramente educativo se for aplicado na relação do indivíduo com os seus pares e com o ambiente em que vive. Como vimos anteriormente, Koellreuter (1999, p.254) defende que uma atividade possui valor a partir do momento em que ela satisfaz alguma necessidade do indivíduo ou do grupo. Segundo ele as pessoas “respeitam esse valor porque cantos ou formas de comunicação sonora preenchem determinadas funções e causam às pessoas prazer, conforto, gozo ou até proveitos e ganhos, por satisfazerem determinadas necessidades...”. Analisando as entrevistas acerca dessa questão, todos os entrevistados deram a entender que o valor educativo está fortemente atrelado à formação do cidadão de forma positiva, ou seja, qualquer atividade que contribua para que o indivíduo se torne uma pessoa melhor é dotada de valor educativo.

4.1.1 Questões formativas

As falas na primeira subcategoria revelam a importância que os participantes dão às questões formativas. Os participantes acreditam que o valor educativo está na formação do ‘bom cidadão’. O mestre A afirmou que:

O valor educativo ele tá relacionado a questões comportamentais, questões de atitudes, de ações, questões de valores.

O aluno A valoriza a formação cultural dizendo que o valor educativo

Está relacionado com o que se espera pra determinada formação cultural, social, cidadã.

O mestre B traz uma ênfase à formação ética e de conhecimento ao afirmar que:

Imagino que possamos chamar de valor educativo aqueles que de alguma forma concorrem ou contribuem pra formação ética e de conhecimento.

Por fim o mestre A e o mestre B trazem o aspecto da formação humana o mestre A diz que o valor educativo deve considerar

Fatores que se relacionam com a vida, em fazer com que esse conhecimento traga a possibilidade de transformar a pessoa num ser humano melhor.

E o mestre B afirma que:

Pra mim o valor educativo é o que você faz para fazer com que o ser humano seja uma pessoa melhor.

Para os mestres de capoeira o valor educativo de uma atividade está ligado à possibilidade de formar o comportamento de um indivíduo. Deve-se buscar transformar o indivíduo em uma pessoa boa, um bom cidadão que se comporte de forma ética e possua um bom conhecimento.

Silva (2007, p.12) comenta sobre algumas das questões formativas citadas pelos entrevistados. Ela afirma que “Responsabilidade e ética são, assim, referidas à vida vivida. As virtudes éticas exercem-se na concretude dos desafios situacionais”. Ou seja, a ética, citada pelos entrevistados como uma das questões formativas que devem ser trabalhadas para que a atividade seja considerada como de valor educativo está intimamente ligada à vida vivida, aos desafios situacionais. A formação humana deve sempre estar ligada à vida para a qual o indivíduo estiver sendo formado.

Segundo Freire (2007, p.81) a educação como prática da liberdade “implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”. Freire, também afirma que a educação não

pode estar isolada da realidade. Ao indivíduo não pode ser negada a oportunidade de aprender com o mundo que o cerca, e o mundo não pode ser afastado da formação humana.

Portanto, de acordo com os entrevistados e com os autores citados, o valor educativo de uma atividade pode ser identificado pela sua capacidade de formar o indivíduo para a vida no mundo em todas as suas esferas, social, cultural, ética, cidadã e de conhecimento.

4.1.2 Influência do meio

A segunda subcategoria se refere à influência que o ambiente exerce na definição do que é valor educativo para aquela determinada cultura. Dentro dessa subcategoria o mestre A afirma que o conceito de valor educativo é

Extremamente elástico e flexível.

Ele explica essa afirmação dizendo que

O valor educativo ele tá relacionado a questões comportamentais, questões de atitudes, de ações, questões de valores, que começam no berço, na sua formação familiar e que vai ser influenciado pelo meio em que você vive.

O aluno A complementa dizendo que valor educativo é

Aquilo que agrega algo na formação de alguém, dependendo do que se espera por educação naquele ambiente.

O mestre B comenta que se deve levar em conta a maneira que

Você constrói na pessoa princípios morais que serão estruturantes que serão importantes para o relacionamento dela com as demais pessoas, com o ambiente, com o contexto.

Os entrevistados consideram que cada cultura tem expectativas diferenciadas das pessoas que nela vivem. O contexto histórico e social influencia na construção do padrão de cidadão exemplar. O aluno A, inclusive compara a cultura brasileira com a cultura russa enfatizando as diferenças entre elas e concluindo que o que aqui no Brasil constitui um grande valor educativo, na Rússia pode não possuir valor algum. Da mesma forma o cidadão brasileiro da década de 1930 possuía um perfil completamente diverso dos brasileiros da

atualidade. Portanto o valor educativo de ambas as gerações é diferente entre si. Por outro lado, existem valores que podem ser considerados universais como é o caso do ideal de formar um ser humano melhor. Podem existir diferenças no que cada cultura acredita ser o “ser humano melhor”, mas a busca por este ideal pode ser considerada universal.

Então, o que os entrevistados buscam ressaltar é que, para se avaliar o valor educativo de algo, é necessário antes considerar os aspectos cultural, histórico e social do contexto em que a atividade está inserida.

Freire (2007, p.80) considera essencial no processo educativo levar em conta a bagagem cultural do educando no processo de ensino-aprendizagem. Ele afirma que “quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados... Desafiados compreendem o desafio na própria ação de captá-lo”. Ou seja, o aluno deve ser desafiado a procurar no seu ambiente, as respostas para as questões que ele próprio suscita. O autor defende a tese de que os educandos devem fazer parte inclusive da definição dos conteúdos a serem ensinados, tudo deve partir da realidade do aprendiz.

Seguindo o mesmo pensamento Moacir Gadotti (1992, p.20) fala que a “teoria de uma educação multicultural visa a responder adequadamente essa questão, levando em conta a diversidade cultural e social dos alunos. A primeira regra dessa teoria da educação é o pluralismo e o respeito à cultura do aluno”. Levando em conta o pensamento de Gadotti, o educador deve sempre levar em consideração a cultura dos seus alunos para poder executar seu projeto educativo.

Estes autores dialogam diretamente com o pensamento dos entrevistados que argumentam que o valor educativo também está no fato de uma atividade considerar o ambiente e a cultura daquele determinado grupo. Portanto, qualquer professor ou mestre, no caso da capoeira, deve sempre analisar qual o seu público alvo para poder adaptar as suas práticas àquele determinado grupo.

4.1.3 Socialização

A última subcategoria de valor educativo é a ‘socialização’. O aluno B afirma considerar esse um dos aspectos mais importantes do valor educativo e da capoeira. Ele, assim como os mestres A e B dizem que:

(Valor educativo) é você ter acesso e, não digo dominar, mas conhecer os códigos da sua, do seu meio em que você vive, é ter condições de acessar com eles seja os códigos escritos, seja a fala... e utilizar isso pra se socializar. (Aluno B)

(O valor educativo) tem que estar agregado de aplicações... ou na sua vida, ou na vida familiar, na interação com os outros na sociedade. (Mestre A)

Deve-se levar em conta a maneira que você constrói na pessoa princípios morais que serão estruturantes que serão importantes para o relacionamento dela com as demais pessoas, com o ambiente, com o contexto. (Mestre B)

Os entrevistados também consideram o aspecto relacional da convivência social e apontam que o valor educativo deve ser aplicado na interação com os demais. O ser humano é um ser social, toda a nossa vida está pautada na interação com o outro. Buber (2008) fala sobre a vida comunitária primitiva do homem, e da caminhada deste rumo à nova comunidade. Segundo o autor o homem deixou a comunidade primitiva e a ela não pode voltar, mas está seguindo rumo à nova comunidade que “não se baseia sobre um estar-com estático, mas dinâmico; não sobre homens semelhantes, feitos, formados e ordenados de modo semelhante, mas sim sobre pessoas que, formadas e ordenadas diferentemente, mantém uma autêntica relação entre si” (BUBER, 2008, p.87). Para o autor os homens não podem voltar a um estado no qual ainda não tenham consciência da sua individualidade, os homens são diferentes entre si. Porém, estes indivíduos diferentes possuem as condições de possibilidade de formar a nova comunidade através da relação interpessoal autêntica.

Percebo que, para os entrevistados o valor educativo de uma atividade se refere aos elementos que capacitam o indivíduo para viver em sociedade da melhor forma possível. Ele deve ser formado para ter uma postura ética, possuir uma boa bagagem cultural e de conhecimento e deve saber utilizar isso tudo para se relacionar com os seus pares dentro do contexto social em que vive. Ou seja, o valor educativo deve possibilitar ao indivíduo uma relação autêntica com seus pares de modo a oportunizar a criação de uma nova comunidade.

4.2 Valor educativo da capoeira

Após discutir o que seria valor educativo, passamos à questão central dessa dissertação. Haveria algum valor educativo na capoeira? Este tópico apresenta a visão dos entrevistados com relação aos valores que podem ser transmitidos durante as rodas e os treinos de capoeira.

Todos os entrevistados afirmaram com certeza absoluta que a capoeira possui algum valor educativo. Com base nas respostas dos participantes essa categoria foi dividida em seis subcategorias: Socialização e contato, respeito e diversidade, educação corporal, história do Brasil, várias capoeiras e ferramenta convivencial. Essas divisões foram criadas com base nas respostas mais comuns e destacadas nos discursos dos entrevistados com o objetivo de tornar mais clara a compreensão dos mestres e alunos acerca da aquisição de valores que a prática da capoeira possibilita.

Vimos nos capítulos anteriores que existe uma multiplicidade de definições acerca da capoeira. É difícil chegar a um consenso quando o assunto é a definição sobre o que é a capoeira. Da mesma forma cada indivíduo tem uma visão particular sobre quais seriam os valores educativos da capoeira baseados nas suas próprias experiências. Silva (2007, p.13) afirma que “a capoeira não é somente uma luta, uma dança, uma coreografia, uma manifestação cultural. Embora seja tudo isso, pode ser ainda muito mais do que isso e servir como lugar de suporte de relação entre pessoas”. Também Corte Real (2004, p.02) elenca várias definições diferentes sobre a capoeira, inclusive a considera uma “atividade educativa de caráter informal”. Dentre tantas definições e tantas visões diferenciadas da capoeira vemos o que os entrevistados encontraram de valor educativo nessa manifestação cultural brasileira.

4.2.1 Socialização e contato

A primeira subcategoria se refere à possibilidade que a capoeira cria de socializar, mais especificamente de possibilitar o contato entre as pessoas. Os alunos A e B afirmam respectivamente que:

Dos grupos que eu treinei, eu acho que tem um valor educativo relacionado à disciplina, respeito, à formação psicomotora mesmo da pessoa, à questão da socialização, da integração do grupo

Acho que a socialização é o elemento principal da capoeira... tem muito toque, a gente toca muito nas pessoas, encosta muito, tem muito contato e isso ajuda muito você a perceber o outro e ir se percebendo.

O contato físico é um elemento que está cada vez mais distante da realidade social. O desenvolvimento tecnológico está transformando a cada dia os relacionamentos interpessoais. Os entrevistados acreditam que a sociedade está se individualizando a ponto do ato de tocar

no outro estar se perdendo. Ao mesmo tempo em que fazem essa análise, os capoeiristas acreditam que este contato é fundamental para a formação humana e valorizam o fator socializante da capoeira ao ponto do aluno B considerar a socialização o elemento principal da capoeira.

Esta subcategoria retrata um dos valores mais explorados pelos entrevistados e por este trabalho, inclusive ela será mais explorada na terceira categoria de análise deste capítulo. Portanto passemos para a próxima subcategoria.

4.2.2 Respeito e diversidade

A segunda subcategoria se refere ao respeito e à diversidade existentes na capoeira. O mestre C diz que

Com a contribuição que gente dá pra essas pessoas através da capoeira, a gente faz com que essas pessoas sejam pessoas melhores. A gente trabalha temas relacionados à educação em casa, ao respeito ao professor, ao respeito ao mestre e por aí vai.

Segundo ele, na capoeira o respeito:

É passado de geração em geração. O mestre é uma pessoa a qual a gente deve muito respeito pois, no mestre está depositado anos e anos de experiência, conhecimentos que foram passados pra ele e que serão passados para outras gerações.

O aluno A complementa dizendo acreditar que a capoeira

Tem um valor educativo relacionado à disciplina, respeito.

O ‘respeito’ acima citado está relacionado à valorização do mestre e do professor, daquele que se dedica a ensinar os demais a arte que ele um dia aprendeu. O capoeira aprendeu a respeitar o seu mestre e passa esse respeito para os seus alunos. O mestre tem um papel fundamental na preservação da cultura da capoeira, ele é o detentor do conhecimento da capoeiragem, a pessoa a quem foi confiada a responsabilidade de formar novos capoeiristas. É por essas razões que o mestre C afirma que “o mestre é uma pessoa a qual a gente deve muito respeito”.

O respeito ao mestre aqui colocado pelos entrevistados pode ser visto como respeito à sua autoridade. Não apenas como indivíduo formalmente imbuído da função de ensinar capoeira, mas principalmente como alguém que recebeu e que se propõe a transmitir um saber que seu discípulo deseja. A autoridade e o respeito devidos ao mestre, segundo Cordova (2006), estão relacionados à distância que existe entre eles. Para ele “Existe, todavia uma distância entre eles: o mestre é aquele que possui um grau de ascendência, como a palavra magister o indica. É desta relação com a verdade que nasce a autoridade do mestre” (p.07). O autor afirma que mestre e discípulo estão trilhando o mesmo caminho com a diferença que o primeiro já está na trilha a tempo o suficiente para se tornar uma referência aos que iniciam o mesmo caminho. Ele afirma que “mestre e discípulo se encontram no mesmo caminho para a verdade” (CORDOVA, 2006, p.07). Ao considerar as afirmações dos entrevistados juntamente com o exposto por Cordova é possível compreender melhor a posição do mestre em relação ao seu discípulo e a natureza da sua autoridade que os capoeiristas consideram digna do seu respeito.

A capoeira também preza pelo respeito à diversidade. O aluno B considera que a capoeira traz a questão de

Conviver com a diversidade, de você trabalhar com a pluralidade mesmo, tanto que na hora do treino você tem pessoas das mais diferentes formas, você tem criança, você tem velho, tem mulher, homem, preto, branco.

O mestre A complementa dizendo que

a pessoa que adentra no universo da capoeira, ele começa a ter ideais de igualdade, a pensar uma sociedade mais justa e menos é... preconceituosa.

Na prática da capoeira, por questões que serão discutidas mais à frente, não há divisão de categorias, e mesmo as divisões entre iniciantes e avançados, são bastante flexíveis. Logo, em um mesmo treino, uma mesma roda, pode-se encontrar desde mestres no auge da sua forma física, até iniciantes e pessoas debilitadas como é o caso de diversos trabalhos de capoeira envolvendo deficientes visuais, auditivos, cadeirantes, idosos, entre outros.

A roda de capoeira, comandada por um mestre com ideais de igualdade, como cita o mestre A, será capaz de estimular a todos os capoeiristas a se adaptar à condição do seu camarada e jogar de acordo. Essa valorização de respeito à diversidade proporciona que se vejam capoeiristas que sejam capazes de jogar de forma extremamente combativa com um

colega de mesma graduação, segurar o pé e jogar com um iniciante respeitando os seus limites e, inclusive, auxiliando-o a desenvolver a sua capoeira.

Silva (2007) considera o jogo de capoeira como um diálogo do ponto de vista buberiano, que, mais do que a simples troca de palavras, estabelece uma relação entre as pessoas. Segundo a autora “Um dos primeiros ensinamentos transmitidos ao capoeira refere-se ao respeito ao jogo do outro” (SILVA, 2007, p.13). Um diálogo não pode acontecer se um dos interlocutores for incapaz de respeitar a fala do outro, recebê-la e, a partir, dela traçar a sua resposta. Uma conversa entre duas pessoas pode ser dois monólogos de indivíduos que não respondem à fala do outro, apenas falam aquilo que lhes sai de dentro ou um diálogo de interlocutores que alternam a escuta e a fala.

Considerando o aspecto dialógico do jogo de capoeira não pode haver um jogo entre dois capoeiristas se não houver respeito às alteridades que se colocam no centro da roda. Os mestres de capoeira com quem convivo constantemente afirmam que não se pode jogar com uma criança, da mesma forma que se joga com um adulto, com um iniciante da mesma forma que com um graduado. Sempre é preciso respeitar e “escutar” o jogo do outro antes de responder a ele.

4.2.3 Educação corporal

A próxima subcategoria trata do aspecto físico do ensino da capoeira. Qualquer um ao ver uma roda de capoeira é capaz de perceber que é uma atividade que exige um mínimo de habilidade e condicionamento físico, vejamos então o que os capoeiras têm a falar sobre as exigências físicas da capoeira. O aluno A afirma que a capoeira

Tem um valor educativo relacionado à formação psicomotora da pessoa.

O aluno C concorda e diz:

Eu vejo essa questão da coordenação motora, a educação corporal, você trabalhar o equilíbrio, trabalhar a própria coordenação motora, braço, perna, cabeça, você ter uma desenvoltura corporal para diversas situações.

Os entrevistados afirmam que a atividade da capoeira trabalha diversas habilidades corporais como coordenação motora, equilíbrio, força, flexibilidade, reflexos. A capoeira é uma atividade capaz de exercitar todos os grupos musculares do corpo humano, inclusive os

capoeiristas costumam falar que depois do primeiro treino o iniciante descobre músculos que não sabia que existiam em seu corpo por causa da dor e da fadiga muscular que ele sente no corpo inteiro.

Na sociedade atual o aspecto corporal costuma ser negligenciado nos principais ambientes educativos. Geeverghese (2010, p.36), ao falar do aspecto físico afirma que “Todas estas atividades são vistas como secundárias para a sociedade do culto à razão, sendo o trabalho corporal algo que todos podem fazer, não exigindo raciocínio ou reflexão acerca da atividade realizada”. Há uma valorização do intelecto sobre o físico que se faz visível nos ambientes de trabalho bastando comparar os ganhos dos profissionais do corpo com os profissionais da mente. Também é perceptível essa divisão nas escolas onde as aulas de educação física são limitadas a um ou dois horários durante a semana. Diariamente se torna mais visível a importância de se valorizar a educação corporal. O desenvolvimento exacerbado do aspecto intelectual em detrimento do físico está criando seres humanos cada dia menos saudáveis. Doenças que só atacavam indivíduos idosos, com o corpo debilitado pela idade, estão acometendo diversos jovens.

A capoeira, assim como outras atividades físicas evidencia na sua prática a importância de desenvolver o corpo com a mesma intensidade com a qual buscamos desenvolver a nossa inteligência. Portanto, assim como várias outras atividades físicas intensas, a capoeira estimula o indivíduo a se desenvolver de forma plena e saudável, além do próprio desenvolvimento psicomotor citado pelos entrevistados.

4.2.4 História do Brasil

A quarta subcategoria se refere ao valor histórico que a capoeira possui com relação à história do povo brasileiro, principalmente do negro. Os alunos A, B e C disseram respectivamente que:

Eu acho muito importante essa coisa da conscientização mesmo da história brasileira, dos movimentos populares e de onde surgiu isso... eu acho isso de um valor educativo muito grande, uma coisa da identidade brasileira que ainda está se formando.

Para o jovem e adulto, eu acho que já tem outro significado. Eu acho que passa muito por uma consciência histórica a respeito do Brasil, acho que a capoeira é vinculada a uma tradição africana... as pessoas buscam a capoeira eu acho pensando nisso também.

A parte social e cultural, onde ela mostra os valores históricos, o porquê de tudo isso, a raiz de viver essa questão dos antepassados, o que eles viveram, trazer pra realidade de hoje e valorizar tudo isso.

Como vimos nos capítulos anteriores, a capoeira é uma manifestação cultural de origem escrava. Ela teve seus primeiros registros no final do período colonial brasileiro nos pés dos escravos das grandes cidades da época, principalmente Rio de Janeiro e Salvador e foi duramente reprimida e marginalizada pela autoridade policial. Suas tradições e valores trazem muito da cultura do africano, é uma cultura que saiu das ruas, do povo e que, assim como muitas outras manifestações culturais populares, lutou pelo seu espaço como cultura brasileira.

Concordo com a afirmação do aluno A quando diz que a compreensão da história do Brasil, dos seus movimentos populares é de grande importância para a construção da identidade brasileira e a cultura da capoeira faz parte desses movimentos. Como disse o aluno C, devemos valorizar a tradição dos nossos antepassados, compreender os valores que eles transmitiram e utilizá-los de modo a contribuir com a sociedade hoje.

Segundo Silva (2007, p.15) “Letícia Vidor de Souza Reis (2000) afirma que a capoeira, juntamente com outras manifestações culturais de raiz negra, foi uma das formas de afirmação dos negros no Brasil”. De fato, como afirmam os entrevistados, conhecer a história do Brasil, a trajetória histórica do nosso país é fundamental para compreender o que nos pede o cenário social atual, e o porquê de estarmos onde estamos. E apenas com esse conhecimento um indivíduo tem possibilidades de conscientemente decidir qual o melhor caminho a trilhar. Portanto, como afirmam os entrevistados, a capoeira possibilita essa reflexão, pois, como vimos nos capítulos anteriores, carrega consigo a trajetória histórica de resistência do negro no Brasil.

Abib (2004, p.87) certifica que “é certo que, no Brasil como em poucos lugares do mundo, podemos verificar o quanto a influência africana foi marcante e até mesmo preponderante em boa parte das manifestações envolvendo os elementos lúdicos de dança, música, jogo e brincadeira”. O Brasil recebeu uma quantidade enorme de escravos negros durante boa parte da sua história, e, como disse Abib, a influência da cultura negra, inclusive a capoeira é parte fundamental da composição da cultura brasileira. Sendo assim, aquele que busca se aprofundar na cultura da capoeira, está também conhecendo uma parte importante da cultura brasileira.

4.2.5 Várias capoeiras

Apesar de todos os valores acima descritos, é importante lembrar que existem várias capoeiras e que nem todas valorizam as mesmas coisas. É esse o foco dessa quinta subcategoria. O mestre B, quando questionado se há algum valor educativo na capoeira respondeu que

Sem dúvida alguma. Tendo sempre os cuidados de situar do ponto de vista social e histórico da capoeira.

e fez uma ressalva dizendo que:

Vou te dizer uma coisa que certamente já te foi dita, muito dita que é que não há capoeira há capoeiras. Isso é mais do que óbvio né?

O aluno A concorda com o mestre B e afirma que

Na capoeira são as várias capoeiras, pelo menos eu vejo assim, vários tipos de capoeira... e dividido em vários tipos de grupos de capoeira que têm princípios, valores, objetivos diferentes.

Essa questão foi bastante levantada por alguns entrevistados, de fato a capoeira não pode ser considerada como uma entidade capaz de fazer milagres pela formação do cidadão, ela vai ter tanto valor quanto a pessoa que estiver à frente dela. Ou seja, se o mestre for uma pessoa que prega a violência, que aceita e até incentiva práticas ilícitas, a sua capoeira seguirá o mesmo rumo. Por outro lado, se o mestre buscar inserir na sua prática, ações pedagógicas de valorização da pessoa, e focar em uma formação ética e cidadã, a sua capoeira seguirá esse mesmo caminho. Logo, não posso afirmar que a capoeira possui obrigatoriamente esse ou aquele valor educativo, mas posso afirmar que ela cria condições de possibilidade para todos os valores educativos citados pelos participantes.

Vieira e Assunção (2008, p.85) citam como mito da capoeira o fato de que há apenas uma capoeira. Eles afirmam que “Outro mito fundamental, compartilhado por capoeiristas de todas as escolas e tendências, é o da capoeira como manifestação de contornos nítidos, cuja essência teria mudado pouco ou nada com o passar dos séculos”. Pires (2001) em sua tese fala de dois locais em que a capoeira surgiu praticamente ao mesmo tempo, Salvador e Rio de Janeiro. São duas capoeiras diferentes, mas que, por serem cidades negras, com grande fluxo

de escravos, manifestaram com mais intensidade a cultura afro-brasileira. Esse mesmo autor também fala do surgimento da capoeira Regional e Angola, duas escolas de capoeira que rivalizam até hoje. Existem diversas dissidências em vários grupos de capoeira, professores que não compartilham dos ideais dos mestres, ou mestres que discordam entre si, e vão cada um para o seu lado, iniciar novos trabalhos de capoeira.

Portanto, como disse o mestre B, “é óbvio” que existem várias capoeiras, logo, os valores nelas trabalhados podem ser diametralmente opostos sendo importante, antes de afirmar que a capoeira possui esse ou aquele valor educativo, questionar sobre qual capoeira estamos falando.

4.2.6 Ferramenta convivencial

Tendo em vista a discussão anterior sobre as várias capoeiras chegamos à próxima subcategoria. Diante de todo o exposto acima, a conclusão a que chego é a de que a capoeira é uma ferramenta repleta de possibilidades. O mestre B também chega a essa conclusão e afirma que a capoeira possui uma

Potencialidade que se concretiza na ação real dos indivíduos dentro da perspectiva que eles adotam então se eu resolvo ensinar capoeira e tenho uma atuação numa comunidade e me inspiro em valores éticos de transformação social, de valorização dessa comunidade, me inspiro em pesquisadores, historiadores, pedagogos que acreditam que as desigualdades sociais são inaceitáveis do ponto de vista moral, eu preciso lutar por sua superação e eu tento encaixar a capoeira nessa dinâmica.

Contudo:

Se você chegasse pra mim e me perguntasse “você acha que a capoeira pode ser desprovida desses valores e ser utilizada como uma simples ferramenta técnica para um lutador de MMA?” Eu vou dizer que sim, também, perfeitamente.

A capoeira é aquilo que se faz dela, como qualquer outra construção social.

As ferramentas são construídas com um propósito em mente. Illich (1973) as classifica como convivenciais ou não convivenciais, de acordo com a sua função esperada. A capoeira, de acordo com o que foi exposto pelos entrevistados é uma ferramenta convivencial, mas da mesma forma que outras ferramentas, ela só exercerá a sua função se for utilizada da forma “correta”. Uma ferramenta que não é utilizada, ou cujos usuários não sabem utilizá-la não

alcançará seu objetivo. Da mesma forma a capoeira, caso os capoeiristas não a utilizem em prol da convivencialidade, poderá ser desprovida de valores educativos.

Portanto, a formação do cidadão consciente; a socialização dos capoeiristas e a valorização do contato interpessoal; o respeito à tradição, aos mestres e o respeito às diferenças; a educação corporal e a valorização da história e da tradição do povo brasileiro, todos os valores educativos atribuídos à capoeira pelos entrevistados são possibilidades que são agregadas à medida que os mestres buscam inseri-las na sua prática cotidiana.

Entretanto, o que vai levar o mestre a valorizar determinado ensinamento em detrimento de outro? Além da formação individual externa à capoeira que cada um possui, existe uma tradição que é passada de mestre para discípulo. O professor define a sua prática pedagógica a partir daquilo que ele próprio aprendeu de seu mestre. Portanto, como todos os entrevistados afirmaram, a capoeira possui valor educativo, mas devemos sempre levar em consideração que esse valor está intimamente ligado à prática do mestre que está à frente do grupo. Um determinado grupo pode valorizar o desenvolvimento técnico e marcial, outro pode trabalhar com bastante intensidade o aspecto lúdico e cultural, um terceiro pode buscar um meio termo entre o caráter lúdico e o combativo. Ou seja, a capoeira tem condições de possuir diversos valores e é capaz de auxiliar na formação desses valores nos seus praticantes, de formar um ser humano melhor, mas tudo isso depende da ação de quem estiver à frente do grupo.

4.3 Relações

A terceira categoria de análise são as relações estabelecidas no espaço da capoeira. Esse aspecto relacional foi um dos mais apontados pelos entrevistados quando questionados sobre qual seria o valor educativo da capoeira, portanto, pretendo explorar mais a fundo esse aspecto.

A relação foi também um dos conceitos mais explorados nesta dissertação. Buber (2001) nos fala das palavras princípio EU-TU e EU-ISSO, para ele essas palavras são inseparáveis, qualquer EU que seja proferido sugere imediatamente uma das palavras princípio, ou seja, o homem não existe a não ser que esteja ligado a um TU ou ISSO. O autor nos fala sobre o espaço da relação onde existe a palavra princípio EU-TU, que deve ser horizontal, imediato, recíproco e transformador. Busquei nessa categoria relacionar o que os entrevistados compreendem por relação, como as pessoas se relacionam no ambiente da capoeira e a teoria buberiana de relação por meio das palavras-princípio.

Vamos começar a análise com as formas mais gerais de relacionamento entre os capoeiristas para depois aprofundar um pouco mais sobre a relação mestre-discípulo que concentra boa parte das intervenções dos participantes.

Essa categoria foi subdividida em quatro subcategorias, a saber: interação, amizade e identidade; afetividade e relações familiares; papel do mestre; e papel do discípulo.

4.3.1 Interação, amizade e identidade

A primeira subcategoria, ‘interação, afinidade e amizade’, traz o pensamento dos entrevistados sobre a forma como os capoeiristas interagem entre si e qual a diferença que existe entre ela e as demais formas de interação que fez com que eles a considerassem como um valor educativo da capoeira.

O mestre C traz um pouco da sua vivência nessa arte-luta e diz que

Quando eu ainda era menino, quando eu conheci a capoeira, foi esse trabalho, de trabalhar em grupo, sempre com outras pessoas, que fez com que eu me apaixonasse pela capoeira. Eu tive experiência com outras lutas, das quais a gente entrava, fazia aula e ia embora. A capoeira não, sempre depois da aula a gente ficava batendo papo, quando a gente ia ver já tinha passado duas, três horas. Então a gente vê que a capoeira é uma atividade que envolve muito as pessoas, traz as pessoas pra perto uma da outra.

O aluno C complementa o comentário do seu mestre ao dizer que

A capoeira sempre promove isso, o coletivo, você não entra para jogar sozinho, você sempre entra para fazer um jogo com uma outra pessoa, então, a interação, as relações são vividas a todo momento na capoeira.

O aluno A percebe o grupo de capoeira

Como algo onde você forma amigos, onde você tem uma integração social mesmo, pautada nos valores daquele grupo, no respeito...

Já o mestre A busca definir a afinidade vivenciada pelo capoeirista de um mesmo grupo:

Afinidade está muito relacionada a uma forma de pensar, com a maneira de ser.

Essa afinidade se desenvolve em meio à intensidade das relações sociais descrita pelo mestre A, para ele

A capoeira permite relacionamentos humanos sociais com muita intensidade. Porque a capoeira... embora você tenha o jogo de duas pessoas, você tem uma coletividade que precisa dar uma moldura a ela. Sem essa moldura, não acontece. Você precisa de instrumentação, você precisa de um mestre, você precisa de um monte de gente batendo palma, formando esse público da roda e tal.

O aluno C fala também sobre essa realidade coletiva presente na roda de capoeira

Você está um ao lado do outro, um olhando pro outro, você bate palma em sincronia com o outro, canta junto com o outro.

O aluno B afirma que essa coletividade, essas relações intensas vivenciadas no ambiente da capoeira promovem um sentimento de identidade entre os capoeiristas de um mesmo grupo. Para ele

O grupo te dá uma identidade ... Quando a gente vai em outras rodas do mesmo grupo, a gente sempre é bem recebido e não importa se você é doutor, se você não é doutor, não interessa se você tem dinheiro, se você não tem, você vai ser bem recebido.

As falas dos entrevistados denotam que eles se sentem pertencentes a um coletivo que se reúne em torno de um interesse em comum e, por meio da convivência, passam a defender os mesmos ideais. Buber (2008) fala sobre a comunidade que no seu entendimento “é a expressão e o desenvolvimento da vontade original, naturalmente homogênea, portadora de vínculo, representando a totalidade do homem” (p.50). Essa comunidade citada pelo autor deve ser formada por homens e mulheres iguais, onde todos estão vinculados pela própria vida, a razão que os une. Só assim uma comunidade irá representar a ‘inteireza do homem’.

Analisando os comentários dos entrevistados é possível associar o grupo de capoeira à comunidade buberiana. O espaço de capoeira descrito pelos capoeiristas se mostra como o que Buber chama de nova comunidade que “não se baseia sobre um estar-com estático, mas dinâmico; não sobre homens semelhantes, feitos, formados e ordenados de modo semelhante, mas sim sobre pessoas que, formadas e ordenadas diferentemente, mantêm uma autêntica relação entre si” (BUBER, 2008, p.87). Os capoeiristas são pessoas diferentes entre si que se reúnem em um grupo por um fator em comum, a vontade de aprender capoeira.

A partir do momento que os indivíduos se reúnem, as realidades individuais se encontram e o modelo de convivência que o grupo de capoeira citado pelos entrevistados proporciona faz com que eles passem a se identificar cada dia mais com os ideais daquele coletivo. Surge, portanto, um sentimento de pertencimento nos capoeiristas que faz com que eles se sintam à vontade em qualquer ambiente que seja gerido por alguém do mesmo grupo, mesmo que eles não se conheçam previamente. O grupo passa a ser visto como uma grande família, que será trabalhado na próxima subcategoria.

4.3.2 Afetividade e relações familiares

A próxima subcategoria se refere ao relacionamento mais íntimo presente na capoeira, que, de acordo com os entrevistados é comparado ao vínculo familiar. Esta forte relação afetiva é atribuída pelos participantes à relação específica que se estabelece entre mestre e discípulo. O aluno A fala sobre essa afetividade intensa que se cria no ambiente da capoeira e afirma que é um modo de relacionamento que está se perdendo na sociedade. Ele afirma que

Você sai e aquilo lá continua em outros lugares você pode fazer até outras coisas com essas pessoas já fora da capoeira... então fica uma coisa afetiva muito forte, muito presente que eu acho que, pelo menos na sociedade em que a gente vive, é o que as pessoas têm perdido muito.

Entre essas relações que estão se perdendo, os mestres A e C falam sobre o relacionamento que têm com seus próprios mestres e sobre a importância que dão a esse vínculo. O mestre A diz

É como se eu tivesse um pai e tivesse um avô.

O mestre C complementa afirmando que

O meu mestre é uma pessoa da qual eu tenho muito respeito. Tenho meu mestre como meu pai. Na minha vida pessoal, infelizmente eu não tive um pai, e o meu mestre ocupa o lugar do meu pai, é o meu conselheiro, nas horas difíceis. Quando eu estou passando por alguma dificuldade, é a pessoa que eu tenho certeza que vai me aconselhar. É um amigo que eu tenho certeza que jamais me deixaria desamparado.

O aluno C também compara a sua relação com seu mestre com o vínculo familiar

A capoeira te coloca em um ambiente de aprendizado de uma arte marcial, de uma luta, só que as relações são tão intensas e fortes que isso te leva a ter outras relações pessoais. Relação de amizade, relação de família se cria e isso é muito forte, muito intenso. Hoje, tenho uma relação com meu mestre que vai além da capoeira, ele faz parte da minha vida, do meu dia-a-dia, junto com meus familiares, a criação dos meus filhos, eu também juntamente com os deles, a liberdade que eu tenho de me dirigir a ele e ele a mim. Não só passando os ensinamentos da capoeira, mas também os ensinamentos de vida.

É notável um forte envolvimento emocional por parte dos capoeiristas com seu mestre, seus companheiros de grupo e de roda. A convivência constante e o relacionamento interpessoal intenso favorece o surgimento de vínculos afetivos fortes e perenes. Campos (2006, p.212) ao analisar entrevistas feitas por ele com alunos de mestre Bimba afirma que eles “se exprimiram sobre o assunto movidos pela emoção sedimentada nas suas lembranças do tempo em que conviveram aprendendo a arte de capoeirar na academia de Mestre Bimba” .

Essa emoção citada pelo autor é explicada pela intensidade das relações que ali se formavam. Segundo Arara, aluno de Bimba citado por Campos (2006, p.208) “A impressão que guardo da Academia de Mestre Bimba tem um sentimento de muita fraternidade. A Academia era uma família, embora tivesse treinos meio quentes, mas existia o culto da amizade, uma amizade e companheirismo a toda prova”. Mestre Bimba, na visão do aluno entrevistado por Campos é colocado no papel de pai de todos os alunos que se viam como irmãos.

Busquemos compreender os motivos que levam os capoeiristas a comparar a sua relação com seus pares na capoeira com a sua família. O vínculo familiar é um dos fatores principais no desenvolvimento de um indivíduo, para Pratta e Santos (2007, p.250):

A família possui um papel primordial no amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos, apresentando algumas funções primordiais, as quais podem ser agrupadas em três categorias que estão intimamente relacionadas: funções biológicas (sobrevivência do indivíduo), psicológicas e sociais (Osório, 1996).

Os autores afirmam que o vínculo familiar é determinante no desenvolvimento do indivíduo. De fato, a quantidade de tempo que a criança e o adolescente passa em contato com seus pais torna esse convívio um dos mais marcantes na personalidade da pessoa. Segundo eles “pode-se dizer que é no interior da família que o indivíduo mantém seus primeiros relacionamentos interpessoais com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo importante quando os indivíduos atingem a idade adulta” (PRATTA; SANTOS, 2007, p.250).

Portanto, de um modo geral, o vínculo familiar é considerado como o mais forte e intenso entre as possibilidades de vinculação. Logo, ao relacionar a convivência na capoeira com a convivência familiar, os entrevistados estão considerando o mestre e os demais capoeiristas como pessoas fundamentais no desenvolvimento das suas funções biológicas, psicológicas e sociais.

4.3.3 Papel do mestre

A terceira subcategoria está ligada ao mestre de capoeira. Os entrevistados foram questionados sobre quem é o mestre de capoeira e qual é o seu papel dentro dessa manifestação cultural. As respostas foram as seguintes:

O mestre é aquele que auxilia, que vai mediar a educação do aluno, que vai auxiliar na construção de uma vida, ele vai ser um ponto positivo (Mestre A)

Na minha opinião, o mestre é aquele que passa o conhecimento pra frente, que passa o seu saber, que passa a sua experiência de vida pro próximo. (Mestre C)

Essa expressão “mestre de capoeira”, no contexto da cultura popular brasileira, tem muito a ver com a formação tradicional e com a respeitabilidade que se obtém perante a comunidade. Eu pratico capoeira a trinta e cinco anos e posso dizer que adotar essa denominação “mestre” de maneira mais confortável, isso pra mim não tem mais do que cinco ou seis anos. (Mestre B)

O mestre é o eterno viajante, ele não pode deixar que essa viagem termine. Ele tem sempre que estar levando isso de um lugar para o outro, de uma pessoa para outra. É um trabalho constante, às vezes um aluno para por um problema, por dificuldades do dia-a-dia, o mestre não, ele escolheu ser mestre de capoeira, viver a capoeira pro resto da vida. Então, essa viagem dele pro resto da vida se perpetua com essa ligação com a capoeira, então eu acho que ele tem que ser o grande incentivador, o grande pulverizador dessa arte. (Aluno C)

Percebo o valor do mestre como o detentor da tradição oral, aquele que organiza o grupo dele, que de alguma forma é a referência, é aquele que traz a história do grupo, é aquele que traz o conhecimento da capoeira, é aquele que se a coisa fica muito agressiva na roda ele vai falar “ôh pera, não é assim”... (Aluno A)

Analisando as respostas percebo que os entrevistados enxergam o mestre como aquele que assume a capoeira como uma parte inseparável da sua vida. É o detentor da tradição da capoeira, o organizador do grupo que está sempre movimentando a sua arte e motivando os seus discípulos a buscarem os seus próprios caminhos dentro da capoeira e fora dela.

O conceito de mestre foi bastante trabalhado no segundo capítulo desta dissertação. Dewey citado por Cambi (1999) considera que o papel do mestre é o de ser um animador das

atividades educativas, não cabe ao mestre a função de dizer o que o discípulo deve ou não deve aprender, essa decisão cabe fundamentalmente ao aluno, mas o mestre assume a função de orientá-lo e de motivá-lo a buscar o melhor caminho possível. Rancière (2010), que divide a mestria em duas vertentes, a embrutecedora e a emancipadora, considera papel do mestre emancipador orientar seu discípulo a utilizar a sua inteligência para, a partir dela, traçar seus objetivos e seus caminhos.

Para os grandes mestres da capoeira, essa dissociação da função do mestre do ensino é tão presente que segundo Campos (2006, p.216) os mestres Bimba e Pastinha afirmaram que “ninguém ensina capoeira a ninguém”.

Com base na discussão levantada por esses autores, percebe-se que ensinar não é a principal função atribuída ao mestre e sim outras relacionadas com a orientação e a motivação. Ser mestre é ser uma referência para os demais, portanto, o mestre B acredita que, provavelmente um mestre que atue em uma comunidade carente

Tenha a oportunidade de exercer a condição da mestria de forma muito mais plena do que nós aqui. Porque ali o cara vai ser chamado pela criança, pelo jovem, pelo adolescente, vai ser consultado na hora que o jovem passa por dilemas próprios da sua vida cotidiana “me ofereceram droga, o que que eu faço?”, “me ofereceram um trabalho ali que eu achei estranho, o que que eu devo fazer?” e tal, ele acaba substituindo outros papéis sociais que não são exercidos por circunstâncias próprias da comunidade e isso pode acontecer e ele se torna uma referência muito forte.

Ao falar de uma comunidade carente, compreendo que o mestre B se referia fundamentalmente a espaços onde as influências negativas muitas vezes superam as positivas, onde as pessoas possuem pouca ou nenhuma referência. É nesses espaços que o mestre de capoeira pode exercer com maior intensidade a sua função de, como afirma o mestre A, ser um ponto positivo na vida das pessoas.

Porém, o aluno A também faz uma crítica ao mestre de capoeira. Segundo ele

O mestre vai quase se tornando um totem, um semideus, uma coisa divina, que eu acho que já começa a extrapolar um pouco aquilo que é.

Eu respeito muito o valor do mestre, acho que ele tem que ter esse valor, mas em alguns momentos no grupo eu vejo que isso cria uma distância muito grande entre aluno iniciante e o mestre que está lá na ponta, não conversam muito.

A admiração e o respeito ao mestre de capoeira nesse caso extrapolam e se tornam para o aluno A uma sacralização da figura do mestre. Este deixa de ser humano aos olhos do discípulo para ser visto como alguém superior. Nesse caso há uma perda irreparável na

relação mestre-discípulo. O aluno se sente intimidado para se aproximar do seu professor enquanto que o segundo não busca se aproximar do primeiro acreditando que é função dele se aproximar. Cabe então discutir qual o papel do discípulo, que é o tema da próxima subcategoria.

4.3.4 Papel do discípulo

Do outro lado da moeda está o discípulo, foco dessa subcategoria. Esta pessoa também possui um papel fundamental no desenvolvimento da capoeira, é por ela que o mestre se dedica a transmitir todo o conhecimento que adquiriu ao longo dos anos. Os entrevistados disseram em seus comentários que acreditam que a autoridade e a motivação do mestre direcionam-se a seus discípulos. Vejamos o que eles falaram:

O mestre precisa dos seus alunos senão ele não é um mestre. (mestre C)

Quem que sustenta um verdadeiro mestre mesmo é o grupo. Não adianta o cara ser mestre e estar dentro de casa né, o mestre é o mestre no grupo, na roda, na vida... (aluno A)

Um título que você tem que me conceder esse título, eu não posso te dizer que esse é meu título entendeu? Você me reconhece assim ou não me reconhece. Eu não posso impor essa condição a você. (Mestre B)

Se você conquistar a sua comunidade, o mundo da capoeira, se você fizer essas pessoas se convencerem de que você é um mestre... você demonstrar isso... se elas acharem que você merece isso, você vai ser chamado assim, então você será mestre. (Mestre B)

Ele tem a sua autoridade como mestre de capoeira, mas eu preciso reconhecer essa autoridade. (Aluno B)

Os participantes consideram que o discípulo tem um papel fundamental no cenário da capoeira, sem ele não existe um mestre que só poderá validar sua autoridade mediante o reconhecimento dos demais. Cabe nesse caso ao discípulo o papel de confirmar a mestria do seu professor. Segundo Gadotti, citado por Cordova (2006, p.04) “A relação mestre-discípulo é, pois, uma relação de dependência revestida de um caráter específico e particular. Nesta relação à dependência é dupla, porque é cada um dos elementos que fornece a identidade do outro’ (Gadotti, 1975, p.59)”. Ou seja, o mestre só existe se junto a ele também existir um discípulo.

O mestre C também aponta outros aspectos do papel do discípulo.

Eu acredito que essa relação é construída dia após dia. Um aluno pra se tornar discípulo, não é de um dia pro outro.. É como diz o ditado, eu vou ter que comer muita farinha no mesmo prato que ele pra poder chamá-lo de meu discípulo.

É uma coisa que é construída através de muito respeito, dedicação. Não só com seu mestre, mas também com a capoeira. Eu acho que o aluno não deve colocar uma tapa nos olhos e seguir cegamente só seu mestre, mas ele tem que ter também muita dedicação para a capoeira.

O mestre C fala de dois aspectos fundamentais. O primeiro é a proximidade, o vínculo de afinidade que deve se estabelecer entre mestre e aluno para que este venha a se tornar verdadeiramente um discípulo. Vínculo esse que é citado por Buber (2001) como a palavra princípio EU-TU. Essa relação para o autor deve ser recíproca de modo que nenhum dos envolvidos poderá sair da mesma forma que entrou. O mestre C cita um ditado que afirma que, para se tornar discípulo, o aluno deve comer bastante no mesmo prato que seu mestre. Essa afirmação denota que deve haver muita intimidade entre as duas pessoas, não é comum dividir o prato com qualquer pessoa, só as mais próximas teriam esse tipo de liberdade. Da mesma forma o mestre C afirma que para que essa proximidade aconteça é preciso tempo para desenvolver a relação, não é algo que acontece de uma hora para outra.

Quando afirma que o aluno não pode seguir cegamente seu mestre, o mestre C defende a emancipação, questão bastante trabalhada por Rancière (2010) no segundo capítulo dessa dissertação. Para o autor “O aluno deve ver tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à tríplice questão: o que vê? O que pensa disso? O que fazes com isso?” (RANCIÈRE, 2010, p. 44). Cordova (2006, p.07) também afirma que o discípulo não deve seguir cegamente seu mestre, segundo ele “a condição de discípulo inclui a certeza de que o mestre é apenas um intercessor. Ele é mediador e não finalidade. A finalidade é a verdade. Por isso o verdadeiro discípulo procurará a verdade como o seu mestre a procurou, mas com os próprios meios”. Levando em consideração a fala dos mestres Bimba e Pastinha que, segundo Campos (2006) afirmaram que ninguém ensina a capoeira, o discípulo deve buscar outros meios de aprendê-la que não seja absorver de forma apática tudo o que o professor lhe disser. Para Rancière esse aluno precisa sempre se questionar sobre o que ele está vendo, o que pensa sobre o assunto e o que fará a partir daí. O discípulo deve ser capaz de refletir sobre tudo o que o cerca, inclusive o seu mestre, para desse ambiente e destas pessoas conseguir aprender algo novo. Portanto, não deve haver um fosso vertical que separe professor de aluno, fundamentalmente ambos estão seguindo o mesmo caminho e têm os seus objetivos, que em determinado momento se cruzaram. Não há diferenças entre eles, nenhum é

melhor que o outro, todos são indivíduos iguais em busca dos seus objetivos e devem se relacionar como tal.

4.4 Estrutura do espaço da capoeira

A última categoria a ser analisada neste capítulo fala sobre a estrutura do espaço da capoeira. Existem ambientes específicos onde a grande maioria das relações entre os capoeiristas ocorre, sendo a roda e o treino os principais deles.

Como veremos adiante a roda é a atividade fim da capoeira, é a síntese de todo o universo que esta manifestação cultural representa. Silva (2007, p.15) afirma que jogar capoeira é o objetivo principal do jogo de capoeira, ou seja, por mais que existam outras questões envolvidas, o ato de jogar capoeira dentro da roda é a atividade fim para o capoeirista. E, para que os capoeiristas pudessem se desenvolver e atuar com desenvoltura dentro da roda foi criado o treino de capoeira baseado nos moldes das aulas de outras artes marciais populares da época em que esse modelo foi sistematizado. O treino, obviamente se adaptou à cultura capoeirística e se tornou um espaço tão característico quanto a roda.

Para esta análise as falas dos entrevistados foram agrupadas em quatro subcategorias: ritualística; roda da vida; vadiação/tensão; ambiente agregador e heterogeneidade. A primeira subcategoria irá falar especificamente dos aspectos formativos da roda de capoeira, a importância da musicalidade, do mestre que coordena a roda, ritmo do jogo, toques do berimbau, regras implícitas no ambiente na hora de jogar capoeira. A segunda subcategoria se refere à comparação feita pelos entrevistados entre a roda de capoeira e a própria vida. Já a terceira subcategoria irá falar de dois aspectos opostos citados sobre a roda de capoeira, a vadiação, a brincadeira na hora de jogo, e a tensão, o conflito que também pode ocorrer. A quarta subcategoria está relacionada ao ambiente em si, tanto do treino quanto da roda, que é visto como agregador e aberto à diversidade. Por fim, falaremos da liberdade. O entrevistado acredita que os capoeiristas têm de buscar o seu próprio caminho dentro da multiplicidade de caminhos da capoeira, e trilhá-lo sem a obrigação de alcançar este ou aquele objetivo em um tempo determinado qualquer.

4.4.1 Ritualística

A ritualística da capoeira, foco desta subcategoria se refere à forma como acontecem os rituais específicos da capoeira, por exemplo: a montagem da bateria, que de um modo geral tem três berimbaus (gunga, médio e viola) no centro, um atabaque à direita, um pandeiro à esquerda e os demais instrumentos, caso tenha, devem se posicionar à esquerda do pandeiro. Outro exemplo é o modo de entrar no jogo, se o jogo é de compra, o capoeirista deve se dirigir ao pé do berimbau (espaço dentro da roda imediatamente à frente do berimbau) e esperar a autorização do coordenador da roda para entrar, o jogador também deve sempre entrar girando no sentido anti-horário procurando o espaço para comprar o jogo e começar a jogar. Essas e outras questões fazem parte do que os entrevistados chamaram de ritualística da capoeira. Para o mestre A

A capoeira tem uma ritualística, uma musicalidade, então você tem, primeiramente um respeito ao ambiente, respeito às regras, a normas que estão pré-estabelecidas.

A musicalidade e os toques de capoeira, eles tem maneiras específicas de jogo, de conduta corporal, então você também tem que estar atento pra isso.

As músicas da capoeira, já emitem mensagens, contam a história de mestres, contam a história de personagens históricos que valem ser lembrados, que são pessoas exemplares.

O aluno A, seguindo o mesmo pensamento de seu mestre fala sobre as regras implícitas do jogo da capoeira:

Respeitar o ritmo do jogo; o ritmo do berimbau; você, por exemplo, não bater no cara no chão... é verdade que essas regras acabam extrapolando, mas, por exemplo, você vir no pé do berimbau pra comprar o jogo, você pedir pro mestre pra comprar o jogo, você não bater no iniciante – eu acho que isso tudo são coisas que organizam a roda – você respeitar o mestre que está comandando aquela roda... eu acho que isso tudo faz parte das regras da capoeira.

Qualquer espaço social em que as pessoas se encontrem terá regras de convivência. O mestre A cita exemplos de órgãos públicos, de empresas, clubes, escolas, bares, todos os ambientes, por mais diversos que sejam terão normas implícitas ou explícitas que aqueles que neles convivem devem respeitar. Silva (2007, p.11) cita Bartholo (2001) "não é o sujeito a chance primordial do Ser, mas sim nossa vulnerabilidade à alteridade". Já dizia o velho ditado popular: a minha liberdade termina onde começa a do outro. Devemos sempre respeitar a alteridade daqueles que estão no nosso convívio social para que também a nossa alteridade seja respeitada.

A ritualística da capoeira é valorizada pelos entrevistados como um conjunto de regras que preserva a alteridade dos capoeiristas. Além disso, essas mesmas regras também servem para salvaguardar a tradição dessa arte-luta, tanto nas formas de jogo, na organização da bateria, na movimentação característica.

O mestre C, apesar de demonstrar ser um grande defensor da preservação dos rituais da capoeira afirma que nem sempre estes rituais devem ser levados à risca, que a energia e a alegria do jogo devem ser mais valorizadas mais que as regras. Ele afirma que

A organização é uma coisa que eu me preocupo muito, eu me preocupo muito com a organização da capoeira, me preocupo com a questão da roda de capoeira, mas gente entende que às vezes só um pandeiro tocando, a gente se diverte muito mais do que se tivesse toda uma bateria tocando.

Para o mestre C a organização da roda é de extrema importância. Mas, para ele, acima da ritualística ele valoriza a energia da roda, cobrando de todos os presentes que batam palma, respondam o coro e que se façam presentes naquele ambiente colocando sua energia na roda. Essa importância dada pelo mestre C à diversão na roda nos remete à capoeira enquanto atividade informal que, segundo Silva (2007, p.14) “Não existe um conjunto de condutas "corretas" que possa ser objetivamente transmitido ao praticante de capoeira[...] objetivamente, tudo é permitido”. Ou seja, não existem regras que limitem o jogo da capoeira, tudo é permitido desde que sejam respeitadas a alteridade e a integridade do outro.

4.4.2 Roda da vida

A segunda subcategoria agrupou os comentários dos entrevistados sobre as semelhanças entre a roda de capoeira e a própria vida. Os entrevistados enxergam diversas semelhanças entre as situações que a roda propõe ao capoeirista e aquelas que todos vivemos dentro da sociedade. O mestre A acredita que

A gente traz no jogo da capoeira uma reflexão pra vida. A roda da capoeira é como se fosse a roda da vida.

Ele também comenta que

Um dia você joga bem, um dia você não vai tão bem e que isso se reflete na nossa vida. Não existe uma pessoa que tá acima do bem e do mal, não existe uma pessoa intocável.

O aluno B concorda com essas afirmações do mestre A e complementa dizendo que

Acho que o fato de você ser deslocado ali da sua segurança, do seu conforto, isso de alguma forma ajuda a amadurecer, porque saber lidar com isso é um processo, você vai aprendendo a lidar com isso. Assim como na vida, acho que a vida é como se fosse uma aula de capoeira também, porque às vezes a gente se depara com situações desagradáveis e a gente tem que saber responder isso da melhor maneira possível.

A capoeira, como já vimos anteriormente, adota uma perspectiva africana de educação por causa das suas influências e origem. Segundo Abib (2004, p.126), “Na perspectiva africana, como afirma Gonçalves e Silva, a construção da vida encontra um sentido maior quando relacionada à comunidade do qual faz parte o sujeito, não se restringindo ao seu aspecto individual”. O autor também afirma que para os africanos, educar-se tem um sentido amplo relacionado com o ‘aprender a própria vida’. Qualquer atividade, para a cultura africana e, conseqüentemente para a cultura da capoeira, deve estar ligada à vida. É por esse motivo que os entrevistados associam tudo aquilo que lhes acontecem no jogo ao que eles aprendem nas suas vidas, no convívio social. Para eles a roda de capoeira se torna uma representação fiel das suas próprias vidas, um ambiente educativo, não só para aprender a dar ‘pernadas’, mas para aprender a conviver em sociedade.

4.4.3 Vadição/tensão

Cada um experiencia a roda de uma forma diferente, o mesmo indivíduo inclusive pode ter experiências diametralmente opostas em uma roda com as mesmas pessoas, mas em dias diferentes. Essa subcategoria vem mostrar essa realidade.

O mestre C descreve o que, na sua opinião, é a roda. Ele diz que

A roda de capoeira pra mim é um universo onde as pessoas se encontram pra vadiar. A roda de capoeira é um momento inexplicável. É um momento aonde a gente extravasa, momento onde você deixa de ser criança pra ser adulto e deixa às vezes de ser adulto pra ser criança.

Ele depois explica o que seria ‘vadiar’

Vadiar é você fazer alguma coisa com prazer, e só quem é capoeirista, na hora da roda sabe explicar o que é esse prazer. Esse prazer, quando a gente está na roda, por mais que você seja adulto, você se torna criança, porque só a criança transmite essa inocência de vadiar sem expressar a maldade.

O mestre C demonstra uma visão de certa forma romântica da capoeira, ele vê a roda como um espaço de descontração, de diversão, de brincadeira, onde, como a criança, o capoeirista vadia sem maldade. Esse é o ideal da capoeira lúdica, também defendida por outros capoeiristas e presente com mais expressividade nas rodas de capoeira angola. A capoeira, nessa visão assume um caráter de brincadeira, espaço onde não há maldade e todos podem entrar na roda de forma descontraída e despreocupada.

O aluno B também considera a descontração e a brincadeira um aspecto fundamental tanto do treino quanto da roda, ele explica que

Até tem um cara, que eu esqueci o nome dele agora, mestre Pavão eu acho, que ele fala que pra você aprender os movimentos mais difíceis da capoeira, você aprender as coisas mais complicadas, você tem que estar muito descontraído, você tem que estar muito relaxado, o corpo muito atento, mas ao mesmo tempo, você não pode estar tenso. Tem que estar descontraído pra oxigenar melhor o corpo, pra você ter flexibilidade melhor e tudo, e você vai aprendendo aquilo de uma forma muito mais fácil.

Mas, da mesma forma que existem inúmeras capoeiras, não existe apenas uma visão da roda. O aluno B diz o oposto, ele considera a roda um momento de grande tensão. Segundo ele

A roda pra mim é uma tensão... é tenso, porque às vezes você está num ambiente que é mais amigável e tudo, você conhece as pessoas e sabe que ali não vai acontecer nada demais. Mas às vezes você está numa situação que isso não é controlado, digamos assim, isso é muito solto. E assim acho que a tensão é isso, você entra na roda sabendo que você tem que respeitar, mas ao mesmo tempo tem que se impor e é uma tensão, existe uma provocação ali e em poucos segundos você tem que saber decodificar isso. Isso pode ser uma comunicação no sentido ruim, mas pode ser também uma provocação entre dois amigos jogando ali, enfim... Mas é tenso, acho que a tensão é a palavra...

Independente do sentimento que a roda possa proporcionar, o que se nota é que a roda é um espaço onde as experiências são vividas de forma intensa. O aluno C compartilha desse pensamento.

A roda de capoeira pra mim é o momento ápice de tudo que se possa ter em termos de sentimento... é um catalizador de emoções... É onde as coisas mais emocionantes da capoeira acontecem. É o lugar sagrado. (Aluno C)

Também os mestres A e B consideram a roda de capoeira como a finalidade de qualquer atividade de capoeira, a síntese de todo o treinamento.

*Então a roda de capoeira, eu vejo a roda de capoeira como um momento de síntese.
(Mestre B)*

O jogo da capoeira é a atividade fim. (Mestre A)

Abib (2004, p.140) cita comentário de mestre Moraes que “define com muita presteza a relação do angoleiro com a capoeira que, segundo ele “*é muito mais com o sentimento que com o movimento*”. Sendo fundamentada no sentimento, a relação do capoeirista com a sua arte se torna bastante subjetiva. Cada indivíduo manifestará um sentimento próprio de acordo com a sua experiência de vida, e o que ele estiver vivenciando naquele determinado momento. Ou seja, um capoeirista compreenderá a roda de capoeira de forma distinta de outros capoeiristas, da mesma forma que o mesmo indivíduo poderá vivenciar a roda de capoeira de formas diferentes em momentos distintos de sua vida.

“A subjetividade não é quantificável, por isso, pode manifestar-se de várias formas segundo cada situação enfrentada pelo capoeirista durante o jogo” (ABIB, 2004, p. 140). O autor também traz outro fator que faz com que as pessoas vivenciem a roda de maneiras distintas: a própria roda. Como já foi dito anteriormente, cada roda é diferente assim como cada jogo. Mesmo que duas pessoas façam dois jogos durante a mesma roda, os jogos serão completamente diferentes. São tantas variáveis envolvidas que toda e qualquer roda se torna imprevisível, obrigando os envolvidos a estarem sempre preparados para responder prontamente a qualquer situação que se apresente.

4.4.4 Ambiente agregador, heterogeneidade

Os mestres A e B comentam sobre a capacidade da capoeira de agregar diversas pessoas diferentes em um mesmo ambiente, de colocar na mesma roda crianças, adolescentes, adultos, idosos, homens, mulheres, sem que um se sinta prejudicado pela presença do outro. Mas também apontam alguns prós e contras desse aspecto da capoeira. É sobre essa questão que esta subcategoria irá falar. O mestre A afirma que

Um dos aspectos filosóficos da capoeira, esse é um pensamento muito particular meu, é de agregar, de acolher, de aceitar... quando eu interajo no jogo da capoeira com uma criança eu tenho que ter uma adequação à linguagem infantil, eu tenho que ter respeito àquela pessoa que eu estou interagindo. Isso traz uma visão de mundo já interessante, eu vou respeitar a todos pra que eu seja respeitado.

O mestre B diverge um pouco desse pensamento, mas concorda com o mestre A que a heterogeneidade é um aspecto positivo do espaço da capoeira. Ele diz que

A heterogeneidade no processo pedagógico é boa, do ponto de vista do fluxo afetivo, das pessoas se conhecerem e tal, mas ela é ruim do ponto de vista do desenvolvimento técnico.

Eu, por exemplo, acho excelente que esporadicamente o capoeirista que está se formando, o cara mais avançado e tal, treine com um iniciante, jogue com um iniciante, jogue com um idoso, com pessoa com deficiência, com toda essa realidade complexa que compõe o mundo da capoeira. Mas para isso, existe uma coisa chamada roda de capoeira.

Considerando o desenvolvimento afetivo a partir da horizontalidade das relações EU-TU trabalhada por Buber (2001), esse fator agregador citado pelos mestres é de vital importância, inclusive para o processo pedagógico. Os capoeiristas comentam que na roda de capoeira não existe pobre nem rico, analfabeto nem doutor, médico nem diarista, todos são capoeiristas e o que os define são suas próprias atitudes dentro daquele espaço. Silva (2007, p.13) afirma que “o capoeira, no momento do jogo, coloca-se face-a-face diante do seu companheiro”. Para estar face-a-face não pode haver afastamento, o jogo acontece em um espaço delimitado obrigando os jogadores a interagir, a dialogar. Naquele determinado momento tudo o que o capoeirista é ou faz fora da roda deixa de existir para existirem apenas dois capoeiras dialogando com seus corpos.

Acredito que essa configuração da roda seja um dos fatores mais agregadores da capoeira, eu nunca sei com quem eu vou jogar no momento que eu entro na roda, mas devo estar preparado para ele. A proximidade também faz com que os capoeiristas aprendam que não podem falar o tempo todo (soltar golpe atrás de golpe), sem antes escutar o que seu companheiro está falando. Então faz sentido a fala do mestre que afirma que o capoeirista precisa se adaptar às diversas linguagens corporais que podem se apresentar, deve ser capaz de jogar com uma criança, com um idoso, com um cadeirante, com todo tipo de pessoa.

Por outro lado, ambos os entrevistados concordam que existem diferenças e que elas devem ser respeitadas, portanto um treino ideal para um aluno graduado não será ideal para o iniciante. O professor deve então procurar meios para que todos possam aproveitar o treino da melhor maneira possível. Para o mestre A

A própria fisiologia exige gradações quando você vai fazer um trabalho corporal e isso tem que ser respeitado. Se a própria fisiologia traz gradações eu tenho que

respeitar também o nível de compreensão dessas pessoas, mas que oportunize o mais graduado ensinar o mais jovem também, que o mais graduado entenda uma responsabilidade sobre a turma, que ele não se sinta desvinculado da obrigação de auxiliar e agregar, mas que ele seja colocado pra ser um auxiliar. Ninguém é sábio demais pra não aprender nada com o outro e ninguém é dotado de incapacidade de ensinar.

O mestre B deixa claro que um dos focos mais importantes do seu trabalho é o desenvolvimento técnico do capoeirista. Portanto, ele enxerga a necessidade de separar as pessoas em níveis para que se obtenha o máximo de eficiência no treino. Segundo ele

O mundo da capoeira não divide porque as condições práticas não permitem.

Eu consigo fazer isso na minha turma (separar em níveis) e eu faço cotidianamente e já fizemos uma avaliação... o resultado é evidentemente superior.

Do ponto de vista técnico não há dúvida de que uma aula voltada especificamente para o nível do aluno é superior a uma aula preparada para um grupo com pessoas de vários níveis. Vários são os fatores que contribuem para essa afirmativa. Quanto maior for o número de alunos menor será a atenção que o mestre poderá dispor a cada um. Desse modo, o coletivo é quem irá reger o nível de dificuldade da aula assim como a sua intensidade. Nessa situação específica o treino dificilmente será desafiador para os mais avançados e será improdutivo para os mais iniciantes que não conseguirão executar o treino de forma satisfatória. Ou seja, uma aula dada para um número grande de pessoas favorece principalmente aqueles que estão no meio, e pouco oferece para o desenvolvimento técnico da maioria.

Por outro lado, esse mesmo treino pode oportunizar aos mais avançados auxiliarem os mais iniciantes no seu desenvolvimento. Nesse caso, mesmo que o mestre não possa estar tão próximo de todos os seus alunos, aqueles que já estão com ele a mais tempo, em quem ele mais confia, podem fazer o papel de estar face-a-face com o iniciante. O depoimento do mestre Cobra Mansa, citado por Abib (2004, p.124) afirma que “O mais importante nessa tradição é o hálito, é o que você tá passando... a sua alma que você tá transmitindo. Então você não está transmitindo somente a sua palavra, mas o hálito... a alma... então quando você recebe aquilo, você tá recebendo uma tradição de muitos e muitos antepassados”. Desse modo o iniciante tem uma orientação face-a-face, através do hálito conforme defende Cobra Mansa, a diferença é que, nesse caso não é o professor quem estará orientando seu aluno, e sim outro aluno que já esteja mais ‘adiantado’.

Já está claro que este tipo de treinamento, do ponto de vista da convivência, da relação, entre os capoeiras é positivo, mas do ponto de vista do desenvolvimento técnico é

desvantajoso. Cabe então ao mestre e ao discípulo decidirem quais os seus objetivos na capoeira e serem honestos com relação a eles. O mestre A afirma

Eu procuro explicar com toda clareza “olha, existem muitas outras formas de se praticar capoeira, você pode buscar muitas outras coisas na capoeira, você pode inclusive se envolver com o universo da capoeira de maneira muito intensa, interessante, sem nem jogar capoeira, pode sair de uma roda e ir pra outra e só tocar berimbau, e cantar, e animar e tal... isso também existe. Mas nesse universo diversificado plural, o mestre faz escolhas e eu acho muito importante que ele seja honesto, correto, em relação a isso para com seus alunos.

E, do outro lado da moeda, o aluno B completa

(A trajetória na capoeira) é um processo e você constrói isso se quiser construir, se não quiser, enfim, você pode só treinar.

O mestre tem a liberdade de organizar sua roda e seu treino da forma que achar melhor e o discípulo escolhe qual o mestre que quer seguir, caso queira seguir algum. Dessa forma todos têm a oportunidade de aproveitar os valores educativos possibilitados pela capoeira de acordo com as suas necessidades e vontades.

Considerações finais

O último capítulo desta dissertação tratou da análise dos dados coletados por meio de entrevistas aplicadas a três mestres de capoeira e seus respectivos discípulos. Levando em consideração os objetivos deste trabalho, foram definidas as perguntas da entrevista assim como as categorias de análise. Com base na análise dos dados, as categorias foram divididas em subcategorias, com o intuito de aprofundar as respostas relacionadas pelos entrevistados. As categorias, e as subcategorias que emergiram foram:

1 – Valor educativo: Esta categoria teve como objetivo levantar quais eram as concepções dos entrevistados sobre o conceito de valor educativo. Ela foi dividida em três subcategorias: questões formativas; influência do meio; e socialização. Estas foram as principais características do que os entrevistados compreendiam por valor educativo de um modo mais amplo.

2 – Valor educativo da capoeira: Após definir amplamente valor educativo, no entendimento dos capoeiristas, a segunda categoria analisou quais eram os valores educativos que cada entrevistado enxergava, especificamente, na capoeira. Com base nas respostas analisadas emergiram seis subcategorias: Socialização e contato; respeito e diversidade; educação corporal; história do Brasil; várias capoeiras; e ferramenta convivencial. As quatro primeiras subcategorias trataram diretamente de valores educativos propostos pelos entrevistados. A penúltima subcategoria se referiu às afirmações de alguns mestres e alunos sobre o fato de que nem todas as rodas e treinos de capoeira são iguais, existindo várias que, inclusive, praticam valores diametralmente opostos aos apresentados nas subcategorias anteriores. Chegamos então à última subcategoria que discutiu a afirmação feita pelos entrevistados de que o valor educativo não é uma realidade absoluta da capoeira. Ela está condicionada às ações de quem está à frente do trabalho, ou seja, o mestre.

3 – Relações: A terceira categoria focou no aspecto relacional da capoeira. Esse foi um dos valores educativos citado anteriormente no segundo capítulo dessa dissertação. As subcategorias relacionadas foram: Interação, amizade e identidade; afetividade e relações familiares; papel do mestre; e papel do discípulo. A maioria dos entrevistados considerou que algum aspecto relacional da capoeira foi fundamental para que ele se identificasse com essa arte e buscasse se desenvolver nela. Todos afirmam que, de certo modo, as amizades, a identificação com o grupo, com o mestre, a afinidade foram fatores essenciais para que escolhessem fazer parte do universo da capoeira.

4 – Estrutura do espaço da capoeira: A última categoria tratou do cenário da capoeira, o ambiente onde se desenrola a grande maioria das interações. A roda e o treino. Para esta categoria surgiram quatro subcategorias: ritualística; roda da vida; vadiação/tensão; e ambiente agregador e heterogeneidade. Os rituais, as regras, e a tradição da capoeira formam uma complexa cultura que é determinante na formação dos capoeiristas. Com pouco tempo de treino um iniciante é capaz de perceber que aquele ambiente é permeado por valores que diferem do que está posto na sociedade. É um ambiente livre, agregador, que busca respeitar e acolher as diferenças, que faz com que cada um vivencie a mesma roda de formas completamente diferentes e que, principalmente, está ligado à vida.

Após a discussão teórica e a análise dos dados, cheguei à conclusão que o valor educativo da capoeira está contido na sua tradição, nos valores que são perpetuados de geração em geração, de mestre para discípulo, assim como nos valores agregados pela experiência de vida dos mestres atuantes que, como qualquer indivíduo, estão inseridos na sociedade. Logo, as relações estabelecidas no espaço da capoeira assumem um papel fundamental na perpetuação e na transmissão desses valores educativos além de ser um valor educativo em si. A arte da capoeira é repleta de tradições e rituais advindos da africanidade do povo brasileiro. Este é um valor que deve ser bastante explorado e difundido em prol da valorização de aspectos formativos presentes na cultura afro-brasileira que se perdem em meio sua imersão da na cultura global homogeneizadora.

Essa pesquisa se limitou a entrevistar três mestres de Brasília, assim como um aluno de cada um deles. Sabendo que a capoeira é um universo complexo em que não há padrões, sugere-se que outras investigações possam ampliar a presente pesquisa por meio de impressões de capoeiristas em outros contextos.

Pretende-se dar continuidade a essa pesquisa, aprofundando as pesquisas em relação ao valor educativo da capoeira em contextos específicos assim como uma possível definição acerca de quem é o capoeira.

Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão de capoeiristas e não capoeiristas sobre as possibilidades educativas que a capoeira cria por meio dos seus ambientes específicos da roda e do treino, bem como compreender melhor o papel fundamental que o mestre exerce na capoeira e em outras manifestações, assim como o papel do discípulo e da relação que se estabelece entre os dois.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Unicamp, Campinas, SP, 2004.

ADORNO, Camille. *Arte da capoeira: apostila do curso de capoeira*. PUC/GO - Goiás, 1985.

BÂ, Amadou Hampaté. *A tradição viva. Capítulo 8*. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África I*. Brasília, DF: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa Portugal: Edições 70, Lda., 2002.

BUBER, Martin. *EU e TU*. São Paulo, SP: Centauro, 2001.

_____, *Sobre comunidade*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1999.

CAMPOS, Hélio José Bastos Carneiro de. *Capoeira regional: A escola de Bimba*. UFBA, Salvador, BA, 2006.

CHADDAD, Flávio Roberto e CHADDAD, Marcela Cristina. *Pequeno esboço histórico do sistema de produção capitalista – a reificação do homem e da natureza*. Enciclopédia Biosfera, Centro científico conhecer, vol. 6, n. 11. Goiânia, GO, 2010.

CORDOVA, Fábio Júnior. *A relação mestre discípulo como fundamento da educação em Moacir*. II seminário nacional de filosofia e educação, Setembro 2006, Santa Maria, RS. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/trabalhos.htm>

FAGUNDES, José e MARTINI, Adair Cesar. *Políticas educacionais: da escola multisseriada à escola nucleada*. Olhar de professor, Ponta Grossa, 6(1): pgs 99-118, 2003.

FERRACINI, Rosemberg; MAIA, Carlos Eduardo S. *O espetáculo na praça: A roda de capoeira Angola*. Espaço e cultura, n.22, p.32-42, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

FIGUEIREDO, António Dias de. *Redes e educação: A surpreendente riqueza de um conceito*. In: *Redes de aprendizagem, redes de conhecimento*. Conselho nacional de educação, Ministério da educação. Lisboa, Portugal, 2002. Disponível em: <http://eden.dei.uc.pt/~adf/cne2002.pdf>

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise do conteúdo*. Brasília, DF: Liber Livro editora, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. *Diversidade cultural e educação para todos*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal Ltda, 1992.

GEEVERGHESE, Manoj. *Escolarização em conto: Reflexões sobre a sociedade escolarizada*. UnB, Brasília, DF, 2010.

GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo, SP: Annablume, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2012.

ILLICH, Ivan. *A Convivencialidade*. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 1973.

KOELLREUTTER, H. J. *Sobre o valor e o desvalor da obra de arte*. *Estud. av.* [online]. 1999, vol.13, n.37, p. 251-260.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MARTINS, Evandro Silva. *A etimologia de alguns vocábulos referentes à educação*. Olhares e trilhas. Ano VI, n.6, pgs. 31-36. Uberlândia, MG, 2005.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. *Currículo e seus significados para os sujeitos de uma escola ribeirinha, multiseriada no município de Cametá*. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2009.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *Movimentos da cultura Brasileira: A formação histórica da capoeira contemporânea 1890-1950*. Unicamp, Campinas, SP, 2001

PRATTA, Elizângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. *Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros*. Psicologia em estudo, V. 12, n. 02, p. 247-256. Maringá, PR, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>

PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa – análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: Repercussões no campo educacional*. UnB, Brasília, DF, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

REAL, Márcio Penna Corte. *A capoeira na perspectiva intercultural: questões para a atuação e formação de educadores(as)*. Exposição dialogada. Brusque, SC, 2004.

REIS, André Luiz Teixeira. *Capoeira: saúde e bem estar social*. Brasília, DF: Thesaurus, 2006.

SEBARROJA, Jaume Carbonell (ORG.). *Pedagogias do Século XX*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

SILVA, Gabriela Tunes da. *Sobre possibilidades de exercício da ética inter-humana no jogo da capoeira*. Revista vital de gestão de iniciativas sociais, número 10, p.9-20. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: Os capoeira no Rio de Janeiro 1850-1890*. Unicamp, Campinas, SP, 1993.

_____. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro 1808-1850*. Unicamp, Campinas, SP, 1998.

SOUSA, Ricardo. *A música na capoeira angola de Salvador*. In: QUEIROZ, Ruben Caixeta de (Org.). *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. UFMG, Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2006.

SZYMANSKI, Heloisa (ORG.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília, DF: Liber livro editora, 2004.

VANSINA, J. *A tradição oral e sua metodologia. Capítulo 7*. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África I*. Brasília, DF: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>

VIEIRA, Luiz Renato e ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. *Mitos controvérsias e fatos: Construindo a história da capoeira*. Estudos afro-asiáticos n.34; p.81-121; 1998.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.